



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Campus I – Rodovia BR 285 – Km 292 – Bairro São José – Cep.

99.052-900 - Passo Fundo/RS Fone (54) 3316-8341 – E-mail:

ppgletras@upf.br

CLÍCIA FRIGO

**OS JOVENS E A LEITURA: descobertas feitas em uma turma de terceiro ano do
Ensino Médio de uma escola pública do interior do estado**

Passo Fundo

2016

CLÍCIA FRIGO

**OS JOVENS E A LEITURA: descobertas feitas em uma turma de terceiro ano do
Ensino Médio de uma escola pública do interior do estado**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, sob orientação do Professor Dr. Paulo Ricardo Becker.

Passo Fundo

2016

CIP – Catalogação na Publicação

F912j Frigo, Clícia
Os jovens e a leitura: descobertas feitas em uma turma de
terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública do interior
do estado / Clícia Frigo. – 2016.
94 f. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Ricardo Becker.
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de
Passo Fundo, 2016.

1. Leitura - Desenvolvimento. 2. Jovens leitores. 3. Leitura e
cultura. 4. Ensino médio - São Domingos do Sul (RS). I. Becker,
Paulo Ricardo, orientador. II. Título.

CDU: 800.85

Para todos os jovens que buscam na leitura um refúgio e a base de todo seu conhecimento; em especial, para Ana Laura, Emanuelle, João Rodrigo e Pedro Henrique, os pequenos leitores em formação, que fazem parte de minha vida, para que encontrem nos livros uma maneira de sonhar e de buscar suas realizações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, que nunca mediu esforços quando se tratava de minha educação e formação profissional.

Ao meu namorado, que, ao longo destes anos, apoiou-me e compreendeu minha falta de tempo e *stress*.

Ao meu orientador, pela paciência, compreensão, amizade, ensinamentos e orientações.

A todos os professores do Mestrado em Letras, por todo conhecimento que me repassaram.

Aos meus colegas mestrandos, pelo companheirismo.

À secretária do Programa de Pós-graduação em Letras Karine Castoldi, pelo atencioso trabalho.

A toda a direção, professores e alunos que colaboraram com esta pesquisa, pela contribuição fundamental para a realização deste trabalho.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, colaboraram para a realização deste trabalho, em especial àqueles que me apoiaram quando escolhi ingressar no Mestrado. Estes sempre serão lembrados.

E não poderia, de forma alguma, deixar de agradecer a Deus e a meu pai, que há três anos vive ao lado Dele, por me guiarem e me darem forças para continuar na busca de meus sonhos.

“Os verdadeiros analfabetos são aqueles que aprenderam a ler e não leem.” Mário Quintana

RESUMO

Com o passar dos tempos, diversos foram os debates envolvendo a formação da leitura no Brasil e, principalmente, a leitura como uma competência necessária aos jovens em processo de construção do conhecimento básico e da formação de uma identidade leitora para a sua inclusão no mundo letrado. No entanto, a leitura não está adequadamente alicerçada e as deficitárias habilidades leitoras, a grande maioria das vezes, provêm do frágil processo educacional do país. Assim, o presente trabalho – *Os Jovens e a Leitura: descobertas feitas em uma turma de terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública do interior do estado* – implica uma teorização baseada na evolução da leitura até o presente momento e tem como objetivo analisar os hábitos de leitura dos alunos do terceiro ano do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Médio Frederico Benvegnú, localizada na cidade de São Domingos do Sul, Rio Grande do Sul. Em vista disso, esta pesquisa propôs investigar quais as leituras, literárias ou não literárias, os jovens estão realizando e com que finalidade, bem como qual plataforma utilizam para realizarem essas leituras. A pesquisa foi composta por estudos bibliográficos e de campo, de caráter exploratório. Aplicaram-se aos alunos do terceiro ano do ensino médio dois questionários. O primeiro buscava conhecer os hábitos de leitura dos alunos e traçar o perfil dos alunos leitores e dos não leitores, selecionando apenas os leitores para a segunda etapa da pesquisa. O segundo questionário procurou investigar o comportamento leitor desses alunos, quais leituras esses jovens estão realizando, com que finalidade e através de que plataforma a realizam, sempre se empenhando na busca de respostas para a atual situação da leitura entre os jovens. Com base nas respostas dos sujeitos pesquisados, foi possível identificar as experiências leitoras que marcaram esses jovens, quem foram os grandes incentivadores e mediadores de leitura, do mesmo modo que observar os hábitos de leitura desses jovens no presente momento. A análise e interpretação dos dados aconteceram à luz de teóricos como Michèle Petit, Regina Zilberman, Ezequiel Theodoro da Silva, Maria da Glória Bordini e Marisa Lajolo.

Palavras-chave: Cenário da leitura no Brasil. Formação leitora. Jovens leitores. Leitura literária e não literária.

ABSTRACT

Many were the discussions involving the reading formation in Brazil over time, and especially reading as a necessary competence to young people in the process of building basic knowledge and training of a reader identity for their inclusion in the Literate world. However, reading is not properly grounded and loss-making skills readings, and generally, come from the fragile country's educational process. Thus, this work – *The youths and the reading: findings in a third grade of a public high school in a country town* - implies a theorization based on the evolution of reading to date and aims to analyze the reading habits of the students of the third year of high school at Frederico Benvegnú State High School, located in São Domingos do Sul, Rio Grande do Sul. In view of this, this research proposed to investigate the readings, literary or non-literary, young people are performing, their purpose, and which platform they use to perform these readings. The research consisted of bibliographic and field studies, exploratory in nature. Two questionnaires were applied to students of the third year of high school. The first one sought to know the reading habits of students and to profile reader students and non-readers, selecting only the readers for the second stage of the research. The second questionnaire sought to investigate the behavior of these students, which readings they are performing, their purpose and through which platform they perform, always striving in search of answers to the current situation of reading among young people. Based on the responses of the subjects studied, it was possible to identify the reading experiences that affected these youths, who were the main instigators and reading mediators, just as observing the reading habits of these young people at the present time. The analysis and interpretation of data took place in the light of theoretical as Michèle Petit, Regina Zilberman, Ezequiel Theodoro da Silva, Maria da Glória Bordini and Marisa Lajolo.

Keywords: Reading scenario in Brazil. Training reader. Young readers. Literary and non-literary reading.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------|---|
| CGLL | Coordenadoria Geral do Livro e Leitura |
| CLP | Centro de Liderança Pública |
| CRE | Coordenadoria Regional de Educação |
| EJA | Educação de Jovens e Adultos |
| ENEM | Exame Nacional do Ensino Médio |
| FAE | Fundação de Assistência ao estudante |
| FBN | Fundação Biblioteca Nacional |
| Flip | Festa Literária Internacional de Paraty |
| Ince | Instituto Nacional do Cinema Educativo |
| Inep | Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos |
| INL | Instituto Nacional do Livro |
| IOEB | Índice de Oportunidades da Educação Brasileira |
| LDB | Lei de Diretrizes e Bases |
| MEC | Ministério da Educação e Cultura |
| Mobral | Movimento Brasileiro de Alfabetização |
| ONGs | Organizações não governamentais |
| PCNs | Parâmetros Curriculares Nacionais |
| PCNEM | Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio |
| PNAIC | Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa |
| PNBE | Programa Nacional Biblioteca da Escola |
| PNLD | Programa Nacional do Livro Didático |
| PNSL | Programa Nacional Salas de Leitura |
| Proler | Programa Nacional de Incentivo à Leitura |
| UPF | Universidade de Passo Fundo |

LISTA DE TABELAS

| | | |
|-----------|--|----|
| Tabela 1 | Idade dos alunos do terceiro ano do ensino médio de 2016 | 49 |
| Tabela 2 | Gênero dos alunos pesquisados | 58 |
| Tabela 3 | Tempo dedicado diariamente à leitura..... | 59 |
| Tabela 4 | Número de livros lidos no último ano | 60 |
| Tabela 5 | Motivo pelo qual lê | 60 |
| Tabela 6 | Gênero que costuma ler | 62 |
| Tabela 7 | Título dos três últimos livros lidos | 63 |
| Tabela 8 | Considera-se leitor | 65 |
| Tabela 9 | Existência de lugar propício à leitura na casa durante a infância..... | 66 |
| Tabela 10 | Alunos que tinham livros em casa durante a infância | 67 |
| Tabela 11 | Pais que liam aos filhos | 67 |
| Tabela 12 | O que eles mais gostavam de ler na infância..... | 68 |
| Tabela 13 | A quem atribui o papel de incentivador ou influenciador de leitura | 69 |
| Tabela 14 | Quantidade de livros que têm em casa | 71 |
| Tabela 15 | Quem indica leituras | 72 |
| Tabela 16 | Autores literários já lidos (obras servem apenas de exemplo) | 73 |
| Tabela 17 | Autores já lidos (obras servem apenas de exemplo)..... | 74 |
| Tabela 18 | O que te prende a uma obra | 76 |
| Tabela 19 | O que leva a ler um livro | 77 |
| Tabela 20 | Finalidade das leituras realizadas | 78 |
| Tabela 21 | Como os alunos dividem seu tempo livre..... | 78 |

SUMÁRIO

| | | |
|-------|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 | PERCURSO HISTÓRICO DA LEITURA | 15 |
| 2.1 | ELEMENTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS DA LEITURA | 15 |
| 2.2 | CENÁRIO DA LEITURA NO BRASIL | 19 |
| 2.3 | FORMAÇÃO DO LEITOR: MEDIAÇÕES, MOTIVAÇÃO E INTERVENÇÕES | 30 |
| 2.3.1 | Movimentos Pró-leitura realizados no Brasil | 35 |
| 2.4 | OS JOVENS LEITORES | 41 |
| 3 | PERCURSO METODOLÓGICO | 47 |
| 3.1 | CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA | 47 |
| 3.2 | UNIVERSO DA PESQUISA | 48 |
| 3.3 | TÉCNICA DE COLETA E DE ANÁLISE DOS DADOS: QUESTIONÁRIO ... | 50 |
| 4 | A LEITURA ENTRE OS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO | 54 |
| 4.1 | INCENTIVOS À LEITURA: ESCOLA E MUNICÍPIO | 55 |
| 4.2 | PERFIL LEITOR DOS ALUNOS PESQUISADOS | 58 |
| 4.3 | DESCOBERTAS SOBRE OS HÁBITOS DE LEITURA | 66 |
| 5 | CONCLUSÃO | 80 |
| | REFERÊNCIAS | 83 |
| | APÊNDICES | 86 |

1 INTRODUÇÃO

“Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive.” (LAJOLO, 1997, p. 7).

A capacidade e o hábito de ler são considerados essenciais para a realização pessoal, pois se sabe que a formação de um sujeito crítico, que demonstra capacidade de reflexão e se mostra ativo na sociedade, depende do acesso que ele tem ao conhecimento.

A leitura, nesse particular, constitui uma necessidade na época em que se vive, seja em vista da cada vez maior exigência nos vestibulares e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), seja em vista das exigências do mercado de trabalho e da imposição da sociedade em si. Entretanto, progressivamente, ouve-se falar que os jovens pouco ou nada leem e que os que leem nem sempre buscam as obras solicitadas pelos professores, chegando a um contato maior com estas apenas através das aulas de literatura, que se resumem principalmente ao ensino da história e dos gêneros literários. No entanto, pode-se afirmar que os jovens leem, arisca-se até dizer que leem muito, porém, na grande maioria das vezes, não leem as obras indicadas pela escola, mas sim coleções inteiras de autores deixados de lado pela crítica e pelo programa escolar.

Na escola, geralmente, os alunos não entram em contato com a literatura mediante a leitura de textos literários em si, mas através de críticas, de teoria ou da história literária, isto é, seu acesso à literatura é mediado pela forma disciplinar e institucional. Conseqüentemente, para esse jovem, a literatura passa a ser muito mais uma matéria escolar a ser aprendida do que um agente do conhecimento sobre o mundo, as pessoas, as paixões, enfim, sobre sua vida – íntima ou pública.

O hábito de leitura pode ser influenciado, entre outros fatores, pelo ensino da literatura, sobre o qual se sabe que gira uma enorme crise. Entre os vários aspectos que estão aferrados a essa crise, um dos apontados é de que o professor não consegue motivar seus alunos para a leitura. É por esse fato que os professores devem incitar a leitura por todos os meios, inclusive a dos *best-sellers*, os quais, na grande maioria das vezes, são menosprezados.

Na maioria das escolas, o ensino da literatura se faz de forma tradicional, seguindo a divisão dos períodos literários, com estudos sobre os autores e obras clássicas; de forma alguma, abre espaço para os livros que os jovens leem ou sobre os quais demonstram algum interesse. Por trás dessa situação aparecem fatores que provocam um distanciamento dos jovens das obras clássicas, que poderiam ser bem aceitas, caso a maneira que lhes fosse apresentada instigasse e despertasse sua atenção para a leitura. Apesar dos variados aspectos que influenciam a formação

de jovens leitores, cabe principalmente à família, num primeiro contato, e aos professores o papel de mediadores da leitura, transformando essa prática em hábito. Em vista disso, é importante explorar a relação dos jovens com a leitura.

Nesse sentido e diante de todos os fatores e questionamentos que giram em torno da leitura entre os jovens, a presente pesquisa tem como tema os hábitos e preferências de leitura dos alunos do terceiro ano do ensino médio, que envolve toda uma discussão em torno da evolução da leitura com o passar dos tempos e os incentivos e programas pró-leitura promovidos pelo governo federal visando à formação de leitores. Em vista disso, objetivou-se conhecer os hábitos de leitura desses jovens, além de traçar o perfil dos alunos leitores e dos não leitores, investigar seu comportamento leitor, se leem por obrigação, se sentem prazer com a leitura, se são motivados por alguém a ler, mas em especial, o que leem? Por que leem? Onde (plataforma em que) leem?, empenhando-se sempre em contribuir na busca de respostas para as escolhas literárias desses jovens leitores.

Algumas das hipóteses são que atualmente o interesse maior desses jovens gira em torno de sagas, trilogias e *best-sellers* que despertam sua curiosidade e lhes chamam maior atenção em vista de sua linguagem simples e de seu enredo. Apesar de essas leituras serem desprezadas pelos programas escolares, devem ser trazidas para dentro da sala de aula e usadas pelo professor para instigar esses alunos a novas leituras. Devem-se levar em conta os gostos dos alunos e não impor-lhes obrigações, pois, caso contrário, a leitura passa a ser um trabalho árduo e feito sem prazer.

Para atingir esses objetivos, realiza-se uma pesquisa de campo de caráter exploratório, que permite o levantamento dos dados por meio da investigação de um único grupo mediante dois questionários elaborados previamente e aplicados pelo pesquisador, com a coleta dos dados diretamente no local da realidade estudada. O grupo que constitui o universo da pesquisa são alunos do terceiro ano do ensino médio, da Escola Estadual de Ensino Médio Frederico Benvegnú, localizada na cidade de São Domingos do Sul, RS, de abrangência da 7ª Coordenadoria Regional de Educação, com sede em Passo Fundo, RS.

Todos os alunos do terceiro ano do ensino médio foram convidados a participar da pesquisa; não foi demarcada nenhuma amostra, a fim de envolver um maior número de sujeitos. Uma vez estabelecida a adesão do projeto pelos envolvidos, todos os alunos responderam a um primeiro questionário que buscou traçar o perfil dos alunos leitores e dos não leitores. Com a tabulação dos dados do primeiro questionário, selecionaram-se os alunos que responderam ao segundo questionário. As questões do primeiro questionário (Apêndice C), que nortearam a seleção dos alunos para a segunda etapa da pesquisa, foram assim organizadas: a de número 3

buscava saber quanto tempo o jovem se dedicava diariamente à leitura e a questão de número 10 indagava se o jovem se considerava leitor e por quê. A resposta positiva em ambas as questões selecionava o aluno para responder ao segundo questionário.

No segundo questionário, se buscou investigar o comportamento leitor desses alunos e seus hábitos de leitura, os incentivos e motivações recebidas, os livros que mais os marcaram, a plataforma usada e a finalidade das leituras, procurando sempre contribuir com as pesquisas na área da formação do leitor, levantando dados importantes para a formação e o incentivo à leitura.

Vale ressaltar que a análise dos dados não se resume à contagem das respostas dos questionários aplicados, pois se procura interpretá-las e relacioná-las entre si e com os subsídios teóricos utilizados. Em vista disso, a pesquisa é quantitativa e qualitativa. Quantitativa, pois transforma em números as informações coletadas para depois analisá-las; qualitativa, pois é feita a análise e interpretação dos dados coletados.

O terceiro ano do ensino médio da escola Frederico Benvegnú possui 34 alunos, 26 do sexo feminino e 8 do sexo masculino. Destes 34 alunos, 24 atestam, respectivamente, ler diariamente e se consideram leitores; consideram-se leitores 21 meninas e 3 meninos. Todas as respostas dos 34 alunos são exploradas na primeira parte da análise, posteriormente apenas as respostas dos 24 selecionados são analisadas à luz de teorias que envolvem a formação do leitor.

O desenvolvimento deste trabalho está fundamentado teoricamente nos estudos de Michèle Petit (2008, 2009), Lajolo (1997), Regina Zilberman (2009, 2012), Lajolo e Zilberman (1996), Silva (1991) entre outros estudiosos da leitura e da formação de leitores e pelas pesquisas *Retratos da Leitura no Brasil 3 e 4*, promovidas pelo Instituto Pró-Livro, que ilustra os avanços obtidos até aqui e os desafios que se têm pela frente, tendo como objetivo principal “o fomento à leitura e a difusão e acesso ao livro” (FAILLA, 2016, p. 5) e a missão de “transformar o Brasil em um país de leitores” (FAILLA, 2016, p. 5)

Esta pesquisa se justifica primeiramente pelo fato de a pesquisadora se preocupar com as leituras que estão sendo realizadas pelos jovens em uma etapa tão importante de suas vidas e pelo grande desafio que é mediar a leitura, já que qualquer falha pode fazer com que um novo leitor não seja formado. Em segundo lugar, pelo fato de que cada vez mais se tem conhecimento da importância da leitura para o desenvolvimento da criticidade e, é claro, de que a leitura é o caminho para se chegar ao saber. Em terceiro lugar, por incluir uma importante questão, a leitura, que tem preocupado cada vez mais pesquisadores, professores universitários, instituições ligadas à cadeia produtiva do livro, instituições promotoras de movimentação pela promoção da leitura e pela formação de leitores. Em quarto lugar, o trabalho se justifica a partir

da observação de que, apesar de já terem sido realizadas várias pesquisas na área da leitura, ainda há muito a se discutir em relação a essa prática tão significativa.

A relevância acadêmica reside no fato de que, apesar de muito se ter estudado sobre a leitura e a formação de leitores, deve-se continuar na procura de respostas para a relação dos jovens com a leitura, em vista da baixa procura pelos livros. A relevância social deste estudo, sobre os hábitos de leitura dos jovens, é tão significativa como falar da importância da leitura para a formação de professores. É por meio da leitura que se adquire o conhecimento crítico.

Estudar os hábitos de leitura dos jovens é um trabalho que se presta à sociedade, pois a leitura é o primeiro e grande passo para a formação de cidadãos ativos que podem contribuir para uma sociedade mais desenvolvida, já que os livros têm o poder de transformar cidadãos passivos em sujeitos críticos.

É de extrema importância, também, ressaltar que esta pesquisa consiste em uma oportunidade para os jovens resgatarem e instituírem sua trajetória de leitura da infância até o presente momento, seus hábitos e preferências, bem como refletir sobre seu comportamento leitor.

Na busca de alcançar os objetivos, estruturou-se o trabalho em três capítulos. Após a introdução, o capítulo 2 aborda o percurso evolutivo e histórico da leitura. O capítulo divide-se em quatro seções: a primeira trata da evolução da leitura desde seus primórdios até sua formação e disseminação no Brasil; a segunda aborda o desenvolvimento da leitura e democratização do ato de ler até o século XX no Brasil; a terceira seção é dedicada à formação do leitor, às mediações, motivações e intervenções promovidas pró-leitura no Brasil; na quarta, apresenta-se a leitura dos jovens e suas preferências em relação aos livros.

O capítulo de número 3 discorre acerca das questões metodológicas da pesquisa e se organiza em três seções: a primeira trata das características da pesquisa; a segunda aborda o universo desta pesquisa e a terceira trata da técnica de coleta e análise dos dados.

O capítulo 4 apresenta a análise dos dados sobre a leitura literária e não literária entre alunos do terceiro ano do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Médio Frederico Benvegnú. Este capítulo se divide em três seções: na primeira, aborda-se o perfil dos alunos pesquisados; na segunda, seus hábitos e propensões de leitura; na terceira, a formação leitora desses alunos, o que eles leem, com que finalidade e através de que plataforma. Para finalizar, apresentam-se as considerações finais.

2 PERCURSO HISTÓRICO DA LEITURA

A leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo. Os livros, portanto, não têm importância menor hoje do que tiveram no passado, mas ao contrário. São o que têm sido há séculos: portadores do conhecimento de uma geração para outra [...], pedras angulares da vida intelectual e emocional. (BAMBERGER, 2000, p. 11).

Na sociedade moderna, reputa-se a capacidade de ler como essencial à realização pessoal, profissional e intelectual, e, cada vez, mais se consente com a proposição de que o sucesso e o progresso de um país dependem, quase que totalmente, do acesso que seu povo tem à educação. Ao traçarem-se as condições em que se desenvolve a leitura, está-se, concomitantemente, expondo as condições de desenvolvimento do próprio homem dentro de uma sociedade real, pois o ato de ler é uma propriedade única e essencialmente humana. A leitura assegura os mais diversos benefícios, por exemplo, tornar os sujeitos mais cultos, críticos e com postura racionalista, transformando-os, assim, em cidadãos ativos na sociedade em que vivem. Como destaca Baggio (2011, p. 15), “a leitura é um fator determinante para o sucesso das pessoas, sendo capaz de minimizar os efeitos da pobreza, da cor e do gênero.” Porém, infelizmente, o ato de ler nem sempre foi visto com bons olhos. Ao longo do tempo, diversas foram as ações realizadas para afastar as pessoas dos livros, que tinham e ainda têm a capacidade de difundir ideias.

2.1 ELEMENTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS DA LEITURA

As diferentes relações estabelecidas entre homens, livros e leitura ao longo do tempo têm uma história a ser contada, entendida e refletida. Antes do surgimento da escrita, ler significava “ouvir” os sujeitos de mais idade “declamar” ou contar fatos ocorridos ou mesmo histórias da cultura popular, como lendas e mitos. Em vista de que as histórias eram contadas oralmente e não havia nenhum registro delas, com o passar do tempo, percebeu-se que as histórias, ou mesmo as instruções, os cálculos e os acordos feitos verbalmente podiam ser facilmente esquecidos, corrompidos ou questionados. A partir daí, algo deveria ser criado para que servisse como prova ou registro do que havia sido dito ou prometido, que fosse capaz de recordar e retomar com exatidão e que pudesse ser consultado a qualquer momento sempre que necessário, a fim de confirmar fatos e acabar com qualquer mal entendido.

Assim, não há como falar em leitura sem referir-se à escrita, surgida aproximadamente há 4.000 anos a.C.

Segundo Manguel (1997), a escrita surgiu na Mesopotâmia, região situada no Oriente Médio, habitada por comunidades agrícolas que necessitavam se organizar; por isso, criaram leis e regras de comércio. Surgiram assim as tabuletas escritas em peças de argila ou pedra, com o objetivo de armazenar informações, para ajudar o comerciante a lembrar das transações negociadas. Com o passar dos tempos, a necessidade da escrita cresceu exponencialmente exigindo formas cada vez mais complexas de documentação.

Das desconfortáveis e restritas tabuletas escritas em peças de argila ou pedra, dominantes na era mesopotâmica, a escrita evoluiu para as formas de rolo¹, comum nos primórdios da era cristã. No entanto, a invenção do códice² manuscrito, atual formato de livro e segunda grande mudança tecnológica na história do livro, foi, sem dúvida, uma grande revolução para o leitor. O surgimento do livro, ainda que em formato manuscrito, transformou a experiência de leitura, proporcionando ao leitor maior conforto, o qual poderia levar consigo, de forma simples e confortável, seu material de leitura a todos os lugares e ainda teria a possibilidade de escrever observações enquanto lia sem a necessidade de desenrolar o texto com as duas mãos para que esse fosse lido, como na época do rolo. Assim, “a atividade física de ler também passou por transformações. ‘A leitura [...] que mobilizava o corpo inteiro, cedeu espaço para a leitura dos livros folheados no qual o leitor manuseia suas páginas’”. (CHARTIER, 1998, p. 82 apud FERNÁNDEZ; KANASHIRO, 2011, p. 136). Em vista disso, os gastos com a fabricação do livro também diminuíram, o que possibilitou a distribuição de informações na forma escrita e provocou uma revolução na comunicação humana.

Contudo, com a invenção da impressão por Gutenberg³, no século XV, o acesso ao livro foi favorecido. A possibilidade de se imprimir vários livros de uma só vez e com maior rapidez

¹ Forma comum de livro durante o período de escrita da Bíblia. As escrituras foram escritas e amiúde copiadas em rolos de couro, de pergaminho ou de papiro. Fabricava-se um rolo colando-se vários pedaços de tais materiais, de modo a se obter uma folha comprida, que era então enrolada em uma madeira. Para rolos bem compridos, usava-se um pedaço de madeira em cada extremidade, e o rolo era enrolado em ambas as madeiras, em direção ao meio. Quando a pessoa lia um rolo, desenrolava-o com uma mão, enquanto o enrolava com a outra, até encontrar o ponto desejado. Depois da leitura, ela enrolava o material novamente. O texto, normalmente, era escrito em colunas e algumas vezes um mesmo rolo continha várias obras, sendo chamado então de *tomo*. O comprimento total de um rolo era de 6 ou 7 metros e, quando enrolado, seu diâmetro chegava a 6 centímetros.

² Compilação de páginas, não mais um rolo. Uma consequência fundamental do códice é que ele faz com que se comece a pensar no livro como objeto, identificando definitivamente a obra com o livro.

³ Em 1455, o inventor alemão Johannes Gutenberg criou uma das maiores contribuições para o mundo moderno, a tipografia, que permitiu que os textos, antes manuscritos, fossem impressos a partir da elaboração dos tipos, letras móveis produzidas em cobre e alocadas em uma base de chumbo onde recebiam a tinta e eram prensadas no papel. Dessa maneira, a imprensa, como ficou conhecida a invenção de Gutenberg, passou a influenciar a produção e divulgação de conhecimento, contribuindo para um maior desenvolvimento não apenas da produção literária na Europa, mas da metalurgia e da produção de papel.

provocou uma reviravolta na produção de textos escritos da época, que passou a contar com um equipamento que mudaria totalmente o processo de publicação de uma obra. Se antes havia os escribas que transcreviam manualmente o conteúdo dito pelo escritor e faziam várias cópias desses textos, com a invenção da impressão, passam a existir os editores, impressores e tipógrafos, que cumpriam a mesma função, mas de forma mais rápida, multiplicando rapidamente os livros e proporcionando assim a outras camadas da sociedade, que antes não tinham acesso ao mundo escrito em vista do alto custo, a possibilidade de adquirir um exemplar. Pode-se dizer que a invenção de Gutenberg, a terceira revolução no campo da leitura, proporcionou maior democratização do ato de ler.

A partir disso, a impressão das obras deixou de ser um trabalho manual, o que dificultava o aparecimento dos livros, para se tornar uma atividade empresarial exercida em moldes capitalistas, na qual se almejava o lucro, buscando produzir cada vez mais. No entanto, esse objetivo mercantil de produzir e vender cada vez mais só começou a se realizar quando o livro passou a contar com uma clientela capaz de consumir o produto, ou seja, pessoas que dominavam a habilidade de ler, o que veio com a obrigatoriedade da escola e com o advento do ensino público e universal.

No momento em que a impressão dos livros se tornou uma atividade que visava a lucros e sucesso, os fatores escola, escrita e técnicas de impressão se reuniram, pois o capital cultural, aquele acumulado através dos conhecimentos aprendidos através dos livros, da arte, da música, enfim, aquele capital que se alcança através da educação, se tornou importante para a acumulação de capital financeiro. Com essa nova visão sobre a leitura, a forma de pensar sobre o assunto mudou e, consoante Zilberman (2016), a leitura

[...] consolidou-se como prática, nas suas várias acepções. Produto da escola e critério para ingresso e participação do indivíduo na sociedade, veio a ser valorizada como ideia, por distinguir o homem alfabetizado e culto do analfabeto e ignorante. A leitura passou a distinguir, mas afastou o homem comum da cultura oral; nesse sentido, cooperou para acentuar a clivagem social, sem, contudo, revelar a natureza de sua ação, pois colocava o ato de ler como um ideal a perseguir. O ainda não leitor apresenta-se na situação primitiva de falta, que lhe cumpre superar, se deseja ascender ao mundo civilizado da propriedade, por consequência, do dinheiro e da fortuna.

Porém, para a expansão da leitura, a ponto de esta se tornar uma prática social corrente, foi necessária uma mudança até então inédita, a valorização da família, do espaço familiar e doméstico, vinda com a revolução burguesa no século XVIII. Lajolo e Zilberman (1996, p. 15) destacam que,

enquanto instituição, a família é imprescindível ao projeto burguês, por constituir simultaneamente unidade e fragmento. Unidade porque apresenta laços internos sólidos, sustentados pela ideologia familista, que mitifica a maternidade, destaca o amor filial, invoca deveres entre pais e filhos e sublinha o afeto entre seus membros; fragmento, por resultar da desagregação dos grandes grupos a que outrora se integrou.

Foi no interior do ambiente familiar que a leitura se expandiu, por consistir em uma atividade adequada para esse espaço de privacidade da vida doméstica e em família, no qual todos os integrantes, pai, mãe, avós e filhos, independentemente da idade, ocupavam o mesmo espaço para realizarem suas atividades de lazer. A leitura passou a ser uma habilidade necessária também para os grupos religiosos que viam na leitura da bíblia a formação moral das pessoas.

A prática de leitura foi fortemente promovida na Europa no século XVIII, pois possibilitava a reprodução dos ideais iluministas, que promoveram mudanças políticas, sociais e econômicas, baseadas nos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, mesmas ideologias que a burguesia queria impor à sociedade, pois possuíam uma convicção na crença de que a educação, a que se tem acesso pelo saber acumulado em livros, é a condição de uma sociedade bem-sucedida. Assim, nota-se que o ingresso do sujeito na vida em sociedade condiz com o momento em que ele passa a frequentar a escola e aprende a ler. Dessa maneira, o livro passou a ser valorizado como um instrumento da cultura e como uma “arma”, pois expandia o conhecimento da população contra a nobreza feudal que assegurava ter privilégios sobre os demais.

Foi no século XIX que a escolarização se tornou obrigatória e as crianças de origem mais humilde, das camadas populares, foram recebidas pelo sistema escolar, mesmo que na maioria das vezes sem receber um ensino de qualidade semelhante ao das crianças pertencentes à elite, que, mesmo antes da obrigatoriedade da escolarização, já recebiam, no interior do universo familiar, uma educação que as preparava para exercer seu lugar na sociedade. No entanto, Zilberman (2012, p. 25) afirma que “em ambas as situações, (tanto na educação das crianças das camadas populares como na educação das crianças da elite) a ‘ciência das letras’ coloca-se na base da aprendizagem; e a leitura, [...] é – ou deve ser – um dos primeiros resultados do encontro entre professor e aluno.” Todavia, como ressalta Baggio (2011, p. 20), “a alfabetização generalizada proposta pela Igreja católica não foi aceita no século XIX, após a Revolução [...], pois se acreditava que quanto menos instruído o povo melhor para governar - se o povo fosse ignorante, o terreno para os regimes tirânicos estava preparado, garantindo o domínio do povo.”

Felizmente, mesmo nessas condições, os leitores, agora mais numerosos, tornaram-se consumidores de uma mercadoria específica, os livros. A partir daqui, rejeitar a leitura passa a ser, por consequência, rejeitar a escola e o conhecimento.

2.2 CENÁRIO DA LEITURA NO BRASIL

Ler por ler nada significa. A leitura é um meio, um instrumento, e nenhum instrumento vale por si só, mas pelo bom emprego que dele chegemos a fazer. (LOURENÇO FILHO, 1959 apud ZILBERMAN, 2012, p. 36).

O Brasil pode ser considerado jovem se comparado a outros países quando se trata de leitura. Na época do Brasil colônia, do século XV ao XVIII, o processo de escolarização, que advinha dos moldes europeus, foi deixado ao encargo dos jesuítas. “Os jesuítas, que se constituíram na ordem religiosa mais forte e mais comprometida com a educação dentre as que participaram da colonização da América, preocuparam-se, sobretudo, com a catequese dos índios.” (ZILBERMAN, 2012, p. 72). Segundo Lajolo e Zilberman (1996), o primeiro grande projeto educacional desenvolvido no Brasil resultou do projeto evangélico da política catequética executado pelos jesuítas que aportaram na Bahia em 1549, e aqui permaneceram até 1759, quando foram expulsos pelo marquês de Pombal. Nesses 210 anos, pode-se afirmar que se consolidou a prática pedagógica mais marcante e bem documentada da história da colônia brasileira, responsável pelo estabelecimento de condições para a leitura e a escrita. Porém, “o Alvará de 20 de março de 1720, impedindo ‘a instalação na colônia, de manufatura, inclusive dedicada às letras impressas’ retardou o desenvolvimento da imprensa por aqui.” (FERNÁNDEZ; KANASHIRO, 2011, p. 136).

Por muito tempo, a educação da população brasileira não foi prioridade e os que possuíam maiores condições econômicas procuravam oportunidades de estudar nos países da Europa. Se na Europa já no século XVIII existia, mesmo que reduzido, um público leitor, no Brasil apenas no século XIX, com a chegada de D. João VI e de seu acervo da Real Biblioteca, nota-se uma modernização da sociedade e surgem traços necessários para a formação e o fortalecimento de uma sociedade leitora, voltada para a cultura.

Só por volta de 1840 o Brasil do Rio de Janeiro, sede da monarquia, passou a exibir alguns traços necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora: estavam presentes os mecanismos mínimos para a produção e circulação da literatura, como tipografias, livrarias e bibliotecas; a escolarização era precária, mas manifestava-se o movimento visando à melhoria do sistema; o capitalismo ensaiava seus primeiros passos graças à expansão da cafeicultura e dos interesses econômicos

britânicos, que queriam um mercado cativo, mas em constante progresso. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p. 18).

Nesse sentido, e de acordo com Martins (2008, p. 17), “outra interessante mudança é a Coroa ter iniciado um movimento, ainda que tímido, no sentido de difundir a alfabetização por meio da criação de escolas não religiosas, para o que já há muito se recolhia um imposto, o subsídio literário.”

Nos treze anos em que D. João VI permaneceu no Brasil ocorreram muitas mudanças, como o estímulo à instalação de indústrias no Brasil, a construção de estradas, o cancelamento da lei que não permitia a criação de fábricas no Brasil, reformas em portos, criação do Banco do Brasil e a instalação da Junta de Comércio; dentre elas, a criação da Impressão Régia⁴, através do decreto de 13 de maio de 1808, responsável pelo pioneirismo nas edições brasileiras e, particularmente, pela publicação de obras a serem utilizadas nas escolas que seriam criadas, quando, até aquele momento, havia se controlado a circulação de livros e impedido a existência de qualquer impressora. Isso porque, com os livros, poderiam surgir ideais revolucionários, o que geraria uma ameaça ao império. Luís Gonçalves dos Santos narrou em seu livro *Memórias para servir à história do Reino do Brasil*, de 1943, o seguinte:

O Brasil até ao feliz dia 13 de maio de 1808 não conhecia o que era tipografia: foi necessário que a brilhante face do Príncipe Regente Nosso Senhor, bem como o refulgente sol, viesse vivificar este país, não só quanto à sua agricultura, comércio e indústria, mas também quanto às artes, e ciências, dissipando as trevas da ignorância, cujas negras, e medonhas nuvens cobriam todo o Brasil, e interceptavam as luzes da sabedoria. (SANTOS apud LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p. 123).

Foram criados também o Museu Real, a Biblioteca Nacional e o Teatro Real. Muitos se referem aos anos após a chegada da Corte portuguesa como o *novo descobrimento do Brasil*, pois nunca ele parecera tão atraente como se tornara. Vale ressaltar também que

a outra face da ideia do redescobrimento tem a ver com a criação, por D. João, de uma série de equipamentos sociais que desvelam para a antiga colônia um universo de informações científicas e culturais até então indisponíveis pelas restrições impostas pela Coroa portuguesa como estratégia de dominação, inexistindo no Brasil de então, por exemplo, imprensa e universidade. (MARTINS, 2008, p. 182).

⁴ A Impressão Régia, única tipografia existente no Rio de Janeiro até a Independência, além de imprimir a legislação produzida, fabricar livros em branco para escrituração, encadernar impressos e promover todas as necessidades do ofício de livreiro, também editava livros. Era administrada por uma junta diretora, à qual competia, além de gerenciar, examinar o conteúdo de todos os textos para a publicação, vetando temas que atentassem contra a religião, o governo e os costumes da época. Os livros impressos por ordem de sua alteza real eram distribuídos gratuitamente e os que não tinham a chancela da Coroa recorriam à subscrição para enfrentar os custos (MARTINS, 2008, p. 260-261).

Mesmo que se reconheça que D. João não possuía uma relação fácil e frequente com a escrita, ou que não convivía com intelectuais, no Brasil seu governo foi marcado pelo incentivo ao desenvolvimento do ensino e da promoção das ciências e das artes. Segundo Martins (2008, p. 183), “neste contexto foram criadas sucessivamente várias instituições e as primeiras escolas de ensino superior. [...] Em 1808, foram criadas a Escola de Cirurgia da Bahia, a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro e a Academia Militar, tal como a Biblioteca Nacional, em 1810.”

Pode-se afirmar, sem sombra de dúvida, que, com a chegada de Dom João VI e com o crescimento do projeto de independência política brasileira, criam-se condições para um novo modo de produção cultural, fator crucial ao desenvolvimento da leitura como prática social.

Para tanto, o Brasil assume como modelo de sua cultura o tipo de produção cultural europeu. A infraestrutura necessária, no entanto, para que a literatura constitua porção significativa do patrimônio brasileiro, só começa a se instituir com a instalação da imprensa. Porém, faltava a criação e consolidação de instituições e instrumentos necessários à difusão dos produtos impressos, como escolas, bibliotecas, livrarias, editoras. (BETENCOURT, 2000, p. 17).

Para que a leitura se difundisse e se tornasse uma prática social, foram necessárias muitas mudanças na estrutura da sociedade, sendo uma delas a valorização da família. Como destacam Lajolo e Zilberman (1996, p. 15), “a família é a miniatura da sociedade idealizada pela burguesia, pois contrapõe à força da ideologia que a sustenta a fragilidade de seu poder político. [...] É no interior desse modelo moderno de família que se intensifica o gosto pela leitura [...]” O saber ler acabou se tornando objeto de *status* e de conquista em uma sociedade que excluía as classes menos favorecidas. Nesse sentido, “a família torna-se uma entidade política que se singulariza por sua despolitização” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p. 15).

A partir do século XIX, o público ganha originalidade e peculiaridades específicas, pois passa a contar com leitores de folhetins, frequentadores de teatro, intelectuais, estudantes, jornalistas e mulheres capazes de ler, algo antes improvável. Consegue-se notar claramente que a independência política brasileira foi um marco decisivo para o desenvolvimento da leitura e da escrita como práticas sociais e, para tanto, o Brasil assume como modelo de cultura o tipo cultural europeu. No entanto, a infraestrutura necessária para que a literatura fosse significativa ao patrimônio brasileiro só começa a se instaurar com a criação e instalação da imprensa e a implantação de escolas, responsáveis pelo fortalecimento da leitura. Porém, faltava a criação de instrumentos para a difusão dos produtos que eram impressos, como escolas, bibliotecas e livrarias.

Apesar de não haver meios para a difusão do produto escrito, os jornais começaram a criar seções para a literatura e anunciar livros, mostrando o papel da leitura no processo de educação. Desse momento em diante, os livros passaram a fazer parte da vida da população brasileira, ganhando espaço, inclusive, na atividade comercial, tornando-se uma mercadoria. Ainda assim, por conta da deficiente política educacional brasileira, o desenvolvimento da cultura escrita seguia vagarosamente. No entanto, “foram os partidários da República os primeiros a se preocupar efetivamente com o analfabetismo que atingia mais de 70% da população brasileira.” (ZILBERMAN, 2012, p. 87).

Com a passagem do Brasil colônia para o Império de Dom Pedro, pouco foi feito pela educação, mesmo anunciando a escolarização primária como gratuita a todos os cidadãos. Em 1823, com a criação da Constituinte⁵, o ensino e incentivo à leitura se torna ainda mais deficitário em vista da preocupação em se criar cursos superiores e deixar de lado o ensino das primeiras letras, do qual era a responsabilidade do ensino da leitura. Assim, todos os olhos se voltaram para a educação superior e não para a efetivação de um ensino de qualidade no início da trajetória escolar.

Com uma grande demanda de crianças e jovens, o número de escolas se denunciava insuficiente para atender a todos aqueles que precisavam estudar. Por esse motivo, muitas escolas foram abertas, ação simplificada pelo Decreto do Governo de 30 de junho de 1821, que “permite a qualquer cidadão o ensino, e abertura de escola de primeiras letras, independente de exame ou licença.” (CAMARA DOS DEPUTADOS, 1821, p. 18). Quase na mesma época, passa-se a discutir a questão do livro didático que até então não fazia parte dos meios educacionais; no entanto, com a criação do Colégio Dom Pedro II e de outras escolas distribuídas pela Corte, criam-se condições necessárias para que esses livros passem a ser incluídos na vida escolar dos brasileiros. Com a adesão do livro didático, alguns escritores organizam a história da literatura brasileira, criam sociedades e revistas voltadas à cultura e criam romances nacionais, antes inexistentes. Assim, elabora-se a infraestrutura necessária para a solidificação da leitura literária como prática social.

Referente ao livro didático, Lajolo e Zilberman (1996, p. 121) defendem que ele foi imprescindível à história da leitura.

O livro didático talvez seja uma das modalidades mais antigas de expressão escrita, já que é uma das condições para o funcionamento da escola. [...] Apesar do berço ilustre, contudo, o livro didático é o primo-pobre da literatura, texto para ler e botar fora, descartável porque anacrônico: ou ele fica superado dados os progressos da ciência a que se refere ou o estudante o abandona, por avançar em sua educação. [...] Por outro lado, ele é o primo-rico das editoras: as primeiras e as mais antigas já o incluíam em

⁵ Primeira constituição brasileira.

seus catálogos, e as atuais e mais modernas sonham com dispor de um ou mais títulos adotados por professores, escolas ou Secretarias de Educação. [...] O livro didático interessa igualmente a uma história da leitura porque ele, talvez mais ostensivamente que outras formas escritas, forma o leitor. Pode não ser tão sedutor quanto as publicações destinadas à infância (livros e histórias em quadrinhos), mas sua influência é inevitável, sendo encontrado em todas as etapas da escolarização de um indivíduo: [...] O livro didático, esse primo-pobre, mas de ascendência nobre, é poderosa fonte de conhecimento da história de uma nação, que, por intermédio de sua trajetória de publicações e leituras, dá a entender que rumos seus governantes escolheram para a educação, desenvolvimento e capacitação intelectual e profissional dos habitantes de um país.

A escola passou, assim, a exercer a função de formadora de leitores, excluindo a cultura vinda das classes populares e priorizando o livro, em específico, o texto escrito, como representação de todas as produções humanas.

O livro tornou-se, enfim, o instrumento de produção da classe dominante, cujo conceito de cultura fica relegado apenas às ideologias vigentes da época. Nesse sentido, a maioria da população continuava longe da cultura letrada, perpetuando no país, por muitos anos, um contingente de milhões de analfabetos. (FERREIRA, 2012, p. 20).

Todavia, no século XIX, os pais não eram obrigados a inserir seus filhos na escola. Quem tivesse maior poder econômico poderia aprender a ler e a escrever em casa com a ajuda de um instrutor particular, ou então, como na maioria dos casos, permanecer iletrado.

Com a concretização da leitura literária como uma prática social, passam a surgir entidades voltadas à cultura, como o Gabinete Português de Leitura, tradicional biblioteca e instituição cultural lusófona, em 1837, e o Grêmio Literário Português, em 1856. Essas entidades, acompanhadas de muitas outras, integraram um movimento em direção a uma cultura letrada com atitudes em conjunto que, posteriormente, viriam a fortalecer a leitura e a escrita no convívio em sociedade.

Com o passar do tempo, pouco a pouco, a impressão e distribuição de livros começam a crescer, passando a disputar espaço com as outras mercadorias. Passa-se a importar a moda do folhetim, narrativa literária seriada dentro dos gêneros prosa de ficção e romance, publicada em periódicos como revistas e jornais, que ganha grande repercussão na metade do século XIX, principalmente, entre as camadas mais pobres. A partir de então, os grandes editores e livreiros vão às ruas à procura de seu lucro, que vinha sob a forma de compradores, comprovando assim um considerável avanço no cenário da cultura letrada.

A partir do ano de 1850, percebem-se duas alterações de grande importância para o cenário da cultura brasileira: a instalação no Brasil de editores que investem em autores brasileiros e o desenvolvimento do romance nacional. No entanto, o projeto de modernização

do processo de produção cultural brasileiro contou com vários retrocessos. Segundo Betencourt (1999, p. 16), “de certa forma, o século XIX caracteriza-se pela presença de um aparelho estatal que sustentava o funcionamento das editoras, que se proclamavam nacionalistas e empenhadas na educação dos jovens brasileiros, pois via aí um mercado promissor.” Dessa época em diante, devido à maior difusão do livro, a leitura passa a ser considerada uma atividade individual, passando de uma leitura oralizada para silenciosa. Com a proclamação da República em 1889, passa-se a ter esperança de reformulações no ensino e a redenção dos problemas educacionais e culturais; mesmo assim, com o passar do tempo, a educação não consegue seu lugar de destaque na sociedade. Os professores passam a adotar práticas de ensino como ditado de textos, conjugações, análise gramatical, exercícios sobre as quatro operações, problemas de aritmética, cópias de textos e prova escrita das lições, porém muitos problemas referentes à leitura ainda permaneciam.

Segundo Lajolo e Zilberman (1996), muitas mudanças ocorreram na transição do século XIX para o XX, com melhorias e regressos. A república fortalecia as esperanças de reformulações na instrução pública, desde a primária até o ensino superior em todo o país. No entanto, os problemas continuavam, como a dedicação exclusiva ao livro didático, escassez de livros de literatura infantil, o desgosto para com a leitura e o não cumprimento das promessas feitas pelo governo de dar maior importância à educação.

O século XX não começa diferente, as dificuldades vão sendo transmitidas de geração a geração, sendo a mais grave em relação à República, que não cumpria a promessa que estabelecia de solucionar os problemas educacionais e culturais correntes no país democratizando a educação. O estado resolvia apenas alguns casos, buscando esconder os grandes problemas e, principalmente, não se preocupava em implantar uma educação eficiente.

Monteiro Lobato, um dos representantes da literatura infantil e influente escritor brasileiro, fez uma revolução em 1925 criando uma editora brasileira de alcance nacional, inventou um sistema de distribuição que ia do lombo do cavalo aos barcos e incluía jovens e crianças na fantasia do mundo literário. Monteiro Lobato tinha outra visão em relação ao livro didático, percebia a importância do livro e a inadequação de algumas obras produzidas para crianças, definindo-as como instrumentos de tortura das crianças.

Porém, apenas com a Revolução de 1930, passa-se a tratar a educação com seu devido merecimento, criando medidas com as quais a vida escolar se torna mais organizada e cria-se uma agência específica chamada Ministério da Educação. No ano de 1931, “o Ministro expediu os ‘programas do curso fundamental do ensino secundário’, fixando os objetivos e os conteúdos para a matéria agora denominada *Português*.” (ZILBERMAN, 2012, p. 32). A principal meta

dessa matéria criada era oportunizar aos estudantes a aquisição real da língua portuguesa, possibilitando-lhes expressar-se corretamente, passando-lhes o gosto pela leitura de bons escritores e propiciando-lhes uma educação literária. Na década de 30, a escola é democratizada e há também a expansão do ensino médio e profissionalizante. Com o livro didático atendendo às necessidades, dá-se outra forma ao ensino, sobretudo ao ensino da leitura e da literatura.

Se a república, quando inaugurada, busca soluções para o impasse educacional brasileiro e, depois, sucumbe à força econômica e política dos grupos tradicionais, a história subsequente da sociedade nacional apresenta a persistência do mesmo conflito. De um lado, os esforços contínuos visando à manutenção de uma estrutura conservadora e elitista para o ensino, dificilmente criando oportunidades iguais para os diferentes setores da sociedade brasileira; de outro, a necessidade inadiável de transformação, por várias razões, como: a pressão dos grupos menos favorecidos e a necessidade de formação de mão de obra habilitada para o país que se industrializa (e se moderniza) desde o início do século. (ZILBERMAN, 2012, p. 76).

A partir de então, procura-se organizar o sistema educacional brasileiro, a infância passa a ser o centro das atenções e as escolas passam a oferecer à criança a possibilidade de desenvolver seu papel na sociedade. Observa-se que, a partir daqui, a produção nacional de livros infantis se consolidou.

[...] quando a escola brasileira, em processo de urbanização, viu nascer um público que precisava se instruir, pois estava ávido por consumir os produtos culturais dos novos tempos. Como a escola passou a exercer um papel fundamental na transformação da sociedade rural em urbana, houve aproximação dos livros infantis e escolares. (AGUIAR et al., 2001, p. 25).

Na década de 50, a promessa de Juscelino Kubitschek de resumir cinquenta anos em cinco amplia o movimento concretista e suas divisões, que buscava incorporar a arte (música, poesia, artes plásticas) às estruturas matemáticas e tinha como intenção desvincular a arte do natural e distinguir forma de conteúdo. Durante essa fase, o poder aquisitivo melhora, as ofertas aumentam e a literatura passa a aceitar outras regras, buscando dilatar seu poder com o público leitor e tornar-se mais popular.

No ano de 1960, com a criação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), foram implantadas reformas no ensino, o que alterou o ensino básico. No final da década de 60, a produção das obras literárias passa a percorrer um novo caminho. No entanto, a revolução militar ocorrida em 1964 reprime os elementos da sociedade que, de alguma maneira, criavam produtos culturais capazes de colocar em risco ou questionar os ideais e regimes vigentes. Assim, muitos escritores usaram da linguagem metafórica para poderem exprimir suas ideias e opiniões, o que era proibido dizer claramente.

A partir de 1970, com a intenção de reorganizar o ensino universitário e o ensino básico, houve uma reforma educacional implantando a Lei 5692/1971 – LDB, que, em seu primeiro artigo, assegura: “o ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de autorrealização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício da cidadania.” (BRASIL, 1971). Tal reestruturação permitiu a abertura da escola a todas as camadas da sociedade, pelo menos era o que intencionavam, e o livro, incluindo os literários, passou a ser privilegiado nas escolas apesar de ser desviado de sua real função, visto ser utilizado como meio unicamente pedagógico e moralizante. Betencourt (1999, p. 18) destaca:

o projeto educacional implantado no início do ano de 1970 tinha a intenção de reorganizar o ensino universitário e o ensino básico. O governo pretendia oferecer aos estudantes uma instrumentalização adequada e uma capacitação técnica que fossem capazes de responderem, principalmente, às necessidades do desenvolvimento industrial do país. Nota-se, então, a ênfase num aprendizado de estruturas repetitivas, tanto de comportamentos quanto de habilidades.

Para atender a essas expectativas, cria-se então um ensino voltado às formas e não aos conteúdos, voltado ao comportamento e longe da consciência, semelhante ao esquema de produção das indústrias: rápido, inconsciente e difuso.

Na década de 1970, a escolarização espalhou-se pelo Brasil podendo a escola pública disponibilizar vagas, sobretudo para a população urbana, e a cultura letrada atingiu um público maior, apoiada pelos meios de comunicação. Cada vez mais, os setores da sociedade buscavam traçar um mapa da leitura no país com base em diferentes olhares responsáveis pela formulação de políticas e de suas instalações. Percebe-se, assim, que começava a se efetivar debates e ações entre sociedade e governo na busca de melhores indicadores de leitura no país. Porém, o país estava longe de ser uma nação de cidadãos leitores; de acordo com o livro *Retratos da leitura no Brasil 3*⁶, Pansa (2012, p. 7) afirma que

o Brasil ainda não atingiu os níveis de leitura satisfatórios para que possamos afirmar que temos um público comprometido com a leitura. Por muitos anos ouvimos que este é o país do futuro. Embora sejamos testemunhas de que esse futuro tem se tornado cada vez mais presente, mais real, sabemos que ainda há uma longa estrada a percorrer e grandes batalhas a vencer.

⁶ O maior e mais completo estudo sobre os hábitos de leitura dos brasileiros. A obra tem como expectativa contribuir para que esses estudos possibilitem avaliar e orientar políticas públicas e ações do governo, organizações não governamentais e entidades do livro, voltadas à melhoria dos indicadores de leitura e acesso ao livro no Brasil.

O analfabetismo, apesar de diversas tentativas, não foi suprimido nos anos de 1970 com o Movimento Brasileiro de Alfabetização, o Mobral⁷, em vista de que o poder aquisitivo da maioria das pessoas não aumentou, nem o preço do livro baixou, dificultando o acesso ao conhecimento.

Assim, iniciam-se os debates sobre a crise que pairava sobre a leitura, uma crise de leitura, caracterizada pelo fato de que os jovens cada vez menos frequentavam os livros. Na tentativa de solucioná-la, nota-se que “o Estado precisa promover os leitores com livros, equipando bibliotecas e escolas; o professor deve fazer com que os alunos leiam e gostem; aos editores compete baratear o preço das obras publicadas; é necessário combater e eliminar o analfabetismo e diminuir o número de iletrados funcionais.” (ZILBERMAN, 2012, p. VII-VIII). Além disso, deve-se enfrentar a forte concorrência dos meios de comunicação de massa que cada vez mais capturam seguidores e fiéis. Desde então, o tema leitura passou a ser discutido em encontros científicos, debates e comissões, a fim de tentar encontrar um caminho para possível correção do quadro.

No período situado entre a transição dos anos de 1970 a 1980, passa-se também a condenar o ensino de literatura baseado apenas no livro didático e a leitura somente de textos de autores canônicos, passando-se a valorizar as produções dos alunos e os autores menos conhecidos. Claro que o livro didático não desapareceu; pelo contrário, ele ainda representa um dos elementos que mais gera lucros na indústria livreira nacional, graças ao respaldo das compras feitas pelo governo. No entanto, com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)⁸, nos anos de 1990, a valorização da produção de textos escritos pelos alunos foi um dos parâmetros não suprido, nem posto em voga. Segundo Munakata (1999 apud BAGGIO, 2011, p. 25), “a partir de 1996, o governo federal, por intermédio de uma equipe formada pelo Ministério da Educação, passou a encaminhar os livros didáticos enviados pelas editoras para análise de um novo grupo de leitores, o dos avaliadores.”

O século XX também marca outra revolução na área da comunicação, da difusão de informações, conhecimento e cultura, primeiro com o rádio, depois com a televisão; nos dias

⁷ Programa criado em 1970 pelo governo federal, com objetivo de erradicar o analfabetismo do Brasil em dez anos. O Mobral propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos, visando “conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida.” O programa foi extinto em 1985 e substituído pelo Projeto Educar.

⁸ São diretrizes elaboradas pelo Governo Federal, com o objetivo principal de orientar os educadores por meio da normatização de alguns fatores fundamentais concernentes a cada disciplina. Esses parâmetros abrangem tanto a rede pública quanto a rede privada de ensino, conforme o nível de escolaridade dos alunos. Sua meta é garantir aos educandos o direito de usufruir dos conhecimentos necessários ao exercício da cidadania. Embora não sejam obrigatórios, os PCNs servem como norteadores para professores, coordenadores e diretores que podem adaptá-los às peculiaridades locais. Os PCNs nada mais são do que uma referência para a transformação de objetivos, conteúdos e didática do ensino.

de hoje, cada vez mais as pessoas dispõem de computadores em casa, acesso à internet e outros recursos que as mídias digitais oferecem, e a transmissão eletrônica de textos passa a transformar a noção de contexto ao modificar a estrutura de livros, jornais, revistas, por arquivos em meio eletrônico, que ficam anexados em bancos de dados e sistemas de processamento, tornando possível o acesso à informação de qualquer lugar por qualquer pessoa. Conceitos, noções e instrumentos foram reformulados em vista dos textos eletrônicos, bem como a recepção e a capacidade de intervir no livro e de tornarem-se coautores, tendo a possibilidade de alterar, interferir e reescrever o texto a qualquer momento, pois o computador altera a relação com a cultura escrita. A passagem dos textos do livro impresso para a tela do computador é uma mudança tão grandiosa como a mudança do rolo para o códex durante os séculos da Era Cristã. A escrita dos impressos para a tela do computador cria possibilidades imensuráveis, muitas vezes podendo causar violência aos textos ao separá-los de seu meio de origem. Contudo, Abreu (1999, p. 31) defende que “temos de lembrar que somente preservando o entendimento da cultura impressa poderemos saborear completamente a ‘felicidade extravagante’ prometida pelas invenções tecnológicas.”

A literatura de massa, no âmbito do não consagrado, passa a se constituir como o novo acervo básico de leitura da juventude brasileira, sem a interferência dos adultos. Assim, a escola se tornava impopular, pois as leituras que produziam prazer, que atendiam à imaginação e ao gosto dos jovens, não faziam parte do acervo educacional vigente. Por muito tempo, esses jovens tinham de se esconder para ler seus livros favoritos. Lajolo e Zilberman (1996, p. 227) certificam que

as obras escolhidas por crianças e adolescentes, quando eles escapolem da rígida rotina escolar de leitura, parecem responder às exigências da fantasia, pela qual, em acumulação infinita, articulam-se a outras de ficção ou as conhecidas por meio da transmissão oral, como as ouvidas de contadoras. O fato de incendiarem a imaginação explica e reforça a clandestinidade dessas leituras, que pouco ensinam de prático, mas que provocam consumo contínuo.

Nota-se, assim, que essa literatura de massa constitui o acervo de leituras, ainda que escondidas, da juventude brasileira. Observa-se que, durante a história educacional brasileira, os problemas que envolvem a leitura encontram-se tanto na escola quanto nos setores responsáveis pelas produções literárias. Desde o século XIX, o Brasil vem passando por uma profunda evolução no que diz respeito à formação leitora, ainda que a escola, principal mediadora de fomento à leitura, não esteja totalmente preparada para adotá-la. Herdou-se e ainda se carregam ideias e práticas de um passado em que as diferenças sociais e econômicas

entre a população contribuíam para uma nação que valorizava as classes mais privilegiadas; por isso, a grande importância dessa busca, a fim de identificar as deficiências da formação leitora em pleno século XXI.

Como mencionado, há muito a se fazer em prol da formação leitora em uma nação com tanta heterogeneidade econômica, social e cultural, e o principal lugar capaz de mudar tal situação é a escola. Muitas mudanças vêm ocorrendo, mas é necessária uma grande transformação nos currículos educacionais, dando privilégio à formação leitora, desde os primeiros anos escolares, para que o Brasil deixe de ocupar os últimos lugares nas pesquisas de grande escala no que diz respeito à leitura e demais áreas do conhecimento. No entanto, como afirma Zilberman (2012, p. 20-21), a questão da formação do leitor é muito maior do que apenas constatar uma crise de leitura.

Pensar a questão da formação do leitor não significa, portanto, constatar tão somente uma crise de leitura; o tema envolve, antes de mais nada, uma tomada de posição relativamente ao significado do ato de ler, já que se associa a ele um elenco de contradições, originário, de um lado, da organização específica da sociedade brasileira, de outro, do conjunto da sociedade burguesa e capitalista. [...] Por um lado, a reflexão sobre a formação do leitor faz emergirem os contrastes sociais que estão na sua base. Por outro, todavia, esse esforço especulativo pode igualmente abrir caminho para a proposição de um novo modelo de intercâmbio entre cada indivíduo e os livros, segundo o qual se alcançarão os meios de suplantar os problemas que, quando vigoram, prejudicam a todos.

Nessas circunstâncias, percebe-se que há urgência de medidas que fortaleçam as ações escolares voltadas à formação de leitores, tendo como princípio o desenvolvimento de leitores críticos e ativos na sociedade.

2.3 FORMAÇÃO DO LEITOR: MEDIAÇÕES, MOTIVAÇÃO E INTERVENÇÕES

Quando uma pessoa sabe ler bem, não existem fronteiras para ela. Ela pode viajar não apenas para outros países, mas também no passado, no futuro, no mundo da tecnologia, na natureza, no espaço cósmico. Descobre também o caminho para a porção mais íntima da alma humana, passando a conhecer melhor a si mesma e aos outros. (BAMBERGER, 2000, p. 29).

Sabe-se que é pela linguagem que o homem se reconhece como humano, pois é a partir dela que ele é capaz de se comunicar com os demais e trocar ideias e experiências. Assim, é pelas convivências sociais que nascem as linguagens, proporcionando intercâmbio e crescimento linguístico e cultural.

Desde os primeiros contatos que o homem estabelece com o mundo, ele começa a compreender e dar sentido a tudo que o rodeia, sendo esses os primeiros passos para a leitura da palavra. Nesse particular, nota-se que a leitura trata de um aprendizado natural, mas tão minucioso e profundo como a própria vida. A partir de então, qualquer atividade humana envolve alguma forma de leitura, seja ela das formas, das cores, dos sinais, das imagens ou mesmo das letras, pois todas têm em comum um objeto, o texto, que é sempre um recorte da sociedade. “Ao se ter consciência desse processo, fica mais fácil ampliar o conceito da leitura e o universo do leitor.” (BETENCOURT, 1999, p. 20).

A sociedade favorece o texto como objeto da leitura, pois o documento escrito passa maior confiança e é mais eficiente na conservação das ideias e afasta aqueles que não o sabem decifrar. Assim, a escola passa a reconhecer o livro como único meio para se adquirir conhecimento, “atribuindo aos textos a valorização de um objeto pertencente à classe dominante.” (BETENCOURT, 1999, p. 20).

Porém, entre os diversos tipos de textos, o texto literário é o único que consegue dar conta da totalidade social, pois atinge uma significação mais ampla e extrai dos processos históricos, políticos e sociais uma visão da existência humana, permitindo uma identificação entre homens de diferentes épocas, tempos e lugares. Pode-se afirmar, assim, que a leitura literária é de extrema importância para o desenvolvimento da linguagem, do imaginário, da sensibilidade, dos valores e dos comportamentos. Compreende-se também que, por meio da leitura literária, mesmo circunstancial, pode-se estar mais preparado para enfrentar os processos de segregação, violência, hostilidade e preconceito, pois ela ajuda a sonhar e construir novas possibilidades, a encontrar um sentido neste mundo de mobilidades sociais e, acima de tudo, a pensar, nesses tempos em que o pensamento é tão raro.

Mesmo assim, muitos ainda se perguntam: por que ler livros? Failla (2012), organizadora do livro *Retratos da leitura no Brasil 3*, destaca a importância do livro para se ter acesso ao conhecimento, já que este é o maior depositário de tudo que o homem já pensou, criou, investigou e produziu; claro, pode-se acessar esse conhecimento pela internet, mas “não podemos confiar integralmente nas informações que acessamos via *sites* e provedores de busca, pois qualquer um pode postar suas ideias como se fossem teses.” (FAILLA, 2012, p. 20). Já a leitura de um livro possibilita desenvolver a imaginação, o leitor se encontra na história, torna-se coautor colocando-se no lugar do autor dos personagens para descobrir o que não é contado no livro. Porém, além do despertar do imaginário, o livro já significou ameaça aos poderosos por seu poder libertador de consciências. Apesar das grandes transformações que já sofreu, o

livro continua transportando histórias, informações e ideias que se comunicam em diferentes épocas e lugares, atravessando séculos.

Na sociedade contemporânea, do século XXI, pode-se notar cada vez mais a importância de dominar e ter competência leitora, indo muito além do propósito de prazer e entretenimento, determinando o sucesso escolar, profissional, tal como a liberdade e autonomia de cidadão ativo e operante na sociedade. Muito se discutiu sobre a formação leitora de 1970, quando iniciaram os debates sobre a crise de leitura, até o início deste milênio, porém a leitura do aluno brasileiro ainda é um campo de pesquisa muito importante e merecedor de atenção.

A importância que é dada à leitura na atualidade é muito diferente da realidade de anos atrás. Percebe-se que a necessidade de ler cresce ao passo que cresce a necessidade de se obter informações. Lê-se, a todo momento, manuais de instrução, listas telefônicas, comandos dos caixas eletrônicos dos bancos, mensagens enviadas por *e-mails*, redes sociais, promoções de um supermercado; enfim, a leitura é uma condição essencial na sociedade contemporânea. Assim, segundo o contexto da sociedade do século XXI, é crucial que o professor tenha discernimento de que, além de despertar, ampliar e encorajar o hábito da leitura, também é necessário ensinar a ler as mais variadas formas e gêneros textuais.

A capacidade e o hábito de ler são essenciais para a realização pessoal, pois a leitura permite descobertas importantes para a compreensão de que o mundo é bem maior do que o lugar em que se vive, amplia os horizontes e possibilita a experiência do ilimitado; contudo, ela não é imposta, é conquistada. O bom leitor tem maior facilidade com a solução de problemas e revela-se mais crítico diante da realidade que o rodeia. A leitura, segundo Fernández e Kanashiro (2011, p. 140),

permite articular os conteúdos culturais de maneira mais profunda que determinados recursos audiovisuais dos meios de comunicação de massa, uma vez que, na maioria das vezes, estes tendem a atingir um número maior de pessoas. Dessa forma, não se aprofundam em temas abordados tanto quanto uma obra especializada possivelmente o faria; possibilita a expansão da memória humana, por meio dos textos impressos que permitem o registro e a recuperação de informações, seja de caráter científico, histórico, legal, artístico, da própria oralidade etc. Somente por meio da oralidade não teríamos a mesma capacidade de reter informações como por meio da escrita; determina processos de pensamento, pois leitores que estabelecem relações com textos de entrevistas, literários, de colunas de opinião, científicos, entre outros, tendem a adotar posições menos radicais, pensamentos menos extremistas e são mais críticos diante da realidade que os cerca.

A leitura, pode-se dizer, é uma amplificadora de horizontes, pois um jovem que lê tem maior facilidade de falar ou escrever sobre qualquer assunto proposto. Porém, cada dia mais, se ouve os adolescentes dizerem que não gostam de ler, principalmente quando se trata dos

clássicos da literatura, como Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos. As obras desses e de outros autores consagrados são desconhecidas de muitos jovens, os que os leram o fizeram por motivo específico, como vestibular ou exigência da escola.

É constante também a fala dos professores reiterando a falta do hábito da leitura entre os jovens; no entanto, seria conveniente discutir se de fato esses jovens não leem ou, se diferente do que afirmam os professores, eles leem, porém não os livros que a escola prioriza e reconhece.

Nesse contexto, formar um leitor é um processo lento, mas de extrema importância. O leitor em formação sofre influência de vários fatores, no entanto os que geram maior repercussão são a mediação e o incentivo. A família, em especial a mãe que lê para o filho quando criança, exerce grande influência no futuro leitor, mas, a partir de pesquisas promovidas pelo Instituto Pró-Livro⁹, nota-se que a figura da mãe está perdendo lugar pela mediação do professor, “o professor tem lido mais que a mãe” (FAILLA, 2012, p. 43). Essa figura de pais e professores mediadores interfere na vida leitora das crianças, que, num futuro, serão jovens leitores. Contudo, essa mediação deve ser significativa, ou seja, deve estimular a busca pelos livros. Bamberger (2000, p. 6), que foi diretor do Instituto Internacional de Literatura Infantil e Pesquisa sobre Leitura, acentua a importância de uma literatura adequada a cada faixa de interesse pela qual passa o ser humano em formação como leitor. Ele destaca, de modo preciso, que professores interessados e informados, sendo eles bons leitores, “podem fazer com que os alunos experimentem na leitura um prazer idêntico ao seu” e que existe uma ligação entre esse prazer e o acesso aos livros.

[...] sem um professor que seja um bom leitor, sem um professor que tenha paixão pela leitura e pelos livros, sem um professor que apresente um forte compromisso com as necessidades e habilidades de leitura de seus alunos, de nada valem as escolas com boas bibliotecas, repletas de textos. Essa maquiagem, tal qual a bruxa diante do espelho, não leva a um ensino substancial, belo e produtor. A leitura tem que ser uma atividade significativa, encarnada na vida do professor! (SILVA, 1998, p. 78).

Assim, observa-se que ninguém, em hipótese alguma, toma gosto pela leitura apenas ouvindo falar de livros ou vendo-os de certa distância trancados em prateleiras; os livros devem

⁹ O Instituto Pró-Livro (IPL) é uma associação de caráter privado e sem fins lucrativos mantida com recursos constituídos, principalmente, por contribuições de entidades do mercado editorial, com o objetivo principal de fomento à leitura e à difusão do livro. O Instituto conta com recursos financeiros das contribuições de seus associados para desenvolver diretamente ou apoiar projetos de estímulo à leitura e promoção de acesso ao livro envolvendo toda a população. Sua missão é contribuir para o desenvolvimento de ações voltadas a transformar o Brasil em um país de leitores.

ser tocados, manuseados e apresentados ao sujeito. Consonante a esse fato, Silva (1991, p. 67), fundador da Associação de Leitura do Brasil e organizador dos Congressos de Leitura do Brasil, destaca que “é necessário que a criança pegue e manipule o ingrediente ‘livro’, leia o que está escrito dentro dele para sentir o gosto e para verificar se essa atitude tem ou poderá ter uma aplicação prática em seu contexto de vida.” É com essa proximidade e com essa relação entre leitor e livro que o gosto pela leitura vai tomando forma e essa prática vai se tornando um hábito.

A leitura, em especial de livros, consiste em uma prática que possibilita aos leitores maior autonomia impedindo o sujeito ser apenas um objeto, tornando-o ativo socialmente e interferindo em seu futuro e em sua posição na sociedade. Petit (2008, p. 61), antropóloga francesa que pesquisou a leitura em muitos países, retrata a influência da leitura na vida das pessoas, ressaltando os pontos positivos do ato de ler. Além de muitas contribuições, a pesquisadora destaca o grande benefício da leitura, que “[...] é o de que a leitura é um meio para se ter acesso ao saber, aos conhecimentos formais e, sendo assim, pode modificar as linhas de nosso destino escolar, profissional e social.” Percebe-se que a leitura tem papel importante na formação do sujeito ativo, podendo interferir no futuro e na posição que este ocupa em seu grupo social, concedendo-lhe oportunidades mais justas.

Além da construção do conhecimento e do desenvolvimento intelectual, a leitura permite a relação com outros sujeitos e estimula a imaginação, conduzindo o leitor a diferentes lugares e sensações, quebrando barreiras de tempo e espaço que vão muito além do local em que a leitura está sendo feita. Bordini e Aguiar (1988) destacam o fato de que a leitura permite a sociabilidade entre os diferentes sujeitos; afirmam que a socialização dos sujeitos se faz, para além dos contatos pessoais, também através da leitura quando o leitor se defronta com produções de outros indivíduos. Socializando com outros sujeitos, o indivíduo leitor pode compreender melhor o meio em que vive e a si mesmo.

A leitura é um dos grandes agentes construtores da identidade do sujeito leitor e pode influenciá-lo em todas as fases de formação. Porém, de acordo com Petit (2009), a leitura deve ser uma atividade da qual não se exige nada em troca, não deve ser imposta, mas sim instigada, influenciada e motivada. O leitor deve sentir prazer com a leitura e entender sua importância na construção de um pensar mais amplo e reflexivo.

Pennac (1993) trata da relação da criança que se inicia na leitura e seus mediadores, primeiro os pais e depois os professores. O autor percebe a relação prazerosa que ocorre na mediação feita pelos pais; já na escola, essa relação assume uma obrigatoriedade, e a leitura de prazerosa passa a ser um dever, e isso faz com que as crianças e jovens passem a rejeitar a

leitura. Deve-se concordar com o autor quando ele reitera que a leitura deve ser “gratuita”, sem cobranças.

No entanto, deve ficar claro que, para formar leitores, necessita-se, antes de tudo, ser leitor, como destaca a pesquisadora e crítica literária Marisa Lajolo (1997, p. 108): “a discussão sobre leitura, principalmente sobre a leitura numa sociedade que pretende democratizar-se, começa dizendo que os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação na leitura devem ser bons leitores.” O papel do mediador é relevante, porém um mediador que não seja leitor ou que não possua certo conhecimento pode acabar por afastar o leitor em formação dos livros. O mediador deve possuir certo conhecimento sobre as obras indicadas, deve seduzir, incitar e despertar a curiosidade do leitor em formação. A transmissão se inicia na família e segue na escola, cuja competência precisa tornar-se mais abrangente, passando da tarefa simples de transmissão de um saber socialmente reconhecido e herdado de séculos a um olhar mais amplo e aberto aos gostos dos alunos.

Contudo, percebe-se uma crise de transmissão e motivação e o brasileiro, embora muito fale da importância da leitura, pouco lê. O maior indicador atual pode ser encontrado na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, que até o momento teve quatro edições: a primeira em 2000, a segunda em 2007, a terceira em 2011 e a quarta em 2015. Ao longo dessas quatro edições, pode-se notar que os índices de leitura alternaram-se, ora diminuindo ora aumentando. Karine Pansa destaca na terceira edição da pesquisa: “Segundo dados obtidos, temos no Brasil 88,2 milhões de leitores, ou seja, 50% da população – 7,4 milhões a menos do que em 2007, quando 55% dos brasileiros se diziam leitores.” (FAILA, 2012). Analisados por categorias esses leitores, notou-se que 74% são estudantes e 71% são jovens de 14 a 17 anos. A pesquisa também aponta que 85% das pessoas preferem assistir TV e ouvir música ao invés de ler. Já em 2015 o Brasil é constituído por 56% de leitores – ou seja, 104,7 milhões – 16,5 milhões a mais do que em 2012, o que mostra que o hábito de leitura do brasileiro vem se intensificando nos últimos quatro anos. Em *Retratos da Leitura no Brasil 3*, Regina Zilberman observa que, quando são comparadas as pesquisas realizadas nos três anos, nota-se uma diminuição da média dos livros lidos no contexto dos entrevistados, que representam um número expressivo de brasileiros. Porém, na última edição da pesquisa, evidenciou-se um aumento nos índices de leitura e revelou-se que o brasileiro está lendo mais.

É no estado de país em processo de desenvolvimento que o governo brasileiro promove programas de acesso ao livro pretendendo favorecer os leitores com obras que falem de seu mundo e na sua linguagem, agindo com o propósito de vencer uma situação na qual a cultura literária está se tornando antiquada e obsoleta. Tem-se também, “procurado mostrar a leitura,

não apenas como uma habilidade individual de decodificação de textos que se transmite por escrito, mas também como processo amplo, estimulado pela sociedade, [...]” (ZILBERMAN, 2012, p. 79). Porém, para que haja uma política educacional que dissemine a leitura, depende-se, antes de tudo, da existência de escolas populares, abertas a toda a população, estruturadas de modo democrático, nas quais a leitura e a escrita sejam acessíveis a todos, sendo adotada uma metodologia de ensino que não esteja ancorada no modelo tradicional, mas que possibilite um posicionamento crítico frente ao lido e ao mundo.

Em um cenário como este, percebe-se a urgência de políticas públicas que fortaleçam as ações escolares, favorecendo o desenvolvimento profissional dos docentes e melhorando a aprendizagem dos alunos. Tais medidas se fazem necessárias, caso se deseje garantir, de fato, o direito a uma educação de qualidade, na qual o foco resida no que é essencial à formação humana, tendo como principal objetivo o desenvolvimento de uma cultura da leitura desde os primeiros anos de vida escolar.

2.3.1 Movimentos Pró-leitura realizados no Brasil

No passado, o acesso ao livro era muito difícil, havia poucas bibliotecas, o custo para a aquisição de livros era muito elevado e, na maioria das famílias, o estudo era deixado em segundo plano em vista da grande necessidade de ajudar os pais nos afazeres e no sustento da casa. Hoje, embora ainda os livros sejam caros, há maior facilidade de acesso, pois, além das bibliotecas públicas, a grande maioria das escolas conta com sua própria biblioteca e a leitura e a educação são vistas pelos pais como um capital a ser deixado aos filhos e a ideia de não perder tempo com os estudos e livros foi transformada e invertida.

No Brasil, pode-se acompanhar, ao longo do tempo, a criação de inúmeros programas, instituições, leis, congressos, movimentos, campanhas, feiras, bienais, festas, saraus e prêmios, com a finalidade de difundir a leitura, formar cada vez mais leitores e difundir e melhorar a leitura de seus habitantes. Na Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, fica claro que:

Artigo 26. 1. Todo ser humano tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito. Artigo 27. 2. Todo ser humano tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica, literária ou artística da qual seja autor.

Na Constituição Federal Brasileira de 1988, Artigo 205, fica expresso que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” Na Lei 9.304/96, todo o espírito da Declaração dos Direitos Humanos e da Constituição é retomado, ficando reconhecido que é dever do Estado auxiliar para o desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais.

Com o intuito de atender à lei, mas também à necessidade da sociedade, muitos foram os programas e políticas voltadas à leitura promovidos pelo governo federal. Como já mencionado anteriormente, no ano de 1930, foi criado o Ministério da Educação, que desenvolveu outros órgãos como o Instituto Nacional do Cinema Educativo em 1937, que tinha como ideal promover e orientar a utilização do cinema como auxiliar do ensino e servir-se dele como um instrumento voltado à educação popular, o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, em 1938, que possuía o dever de organizar as técnicas pedagógicas; promover pesquisas; prestar assistência aos serviços de educação sobre problemas pedagógicos, entre outros trabalhos, e o Serviço Nacional de Radiodifusão Educativa em 1939. Fundou-se a Comissão de Literatura Infantil em 1936, que assumiu o desafio de compreender a emergência no contexto educacional brasileiro da época, em 1937 constituiu-se o Instituto Nacional do Livro (INL), que tinha por finalidade propiciar meios para a produção, o aprimoramento do livro e a melhoria dos serviços bibliotecários, finalidade essa que só poderia ser alcançada com a expansão das bibliotecas. Criou-se em 1945 a Cooperativa Distribuidora de Material Escolar do Distrito Federal e foi firmada uma Comissão Permanente de Incentivo e Assistência à Biblioteca.

A partir dos anos 60, os programas e políticas de incentivo à leitura promovidos pelo governo foram ganhando maior proporção e se intensificando. Foram fundados a partir de então a Fundação do Livro Escolar em 1966, a Fundação do Livro Infantil e Juvenil em 1968 e em 1973 o Centro de Estudos da Literatura Infantil e Juvenil. No ano de 1979, foi fundada a Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, em 1984 a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), que tinha por finalidade assegurar os instrumentos e condições de assistência educacional nos níveis de formação pré-escolar e de 1º e 2º graus, constituindo seus objetivos básicos de melhoria de qualidade, a diminuição dos custos e a criação de melhores condições de acesso dos usuários ao material escolar e didático, à alimentação escolar e às bolsas de estudo e manutenção; a coordenação da política de assistência educacional, bem como o desenvolvimento de estudos visando subsidiar sua formulação e de apoio à administração dos serviços de assistência educacional dos sistemas de ensino.

Entre 1984 e 1996, criou-se o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), com o compromisso de promover ações de valorização da leitura, criando parcerias com comitês que promovessem a leitura espalhados pelo país, visando promover o interesse nacional pela leitura e pela escrita, considerando sua importância para o fortalecimento da cidadania; promover políticas públicas que garantissem o acesso ao livro e à leitura, contribuindo para a formulação de uma Política Nacional de Leitura; articular ações de incentivo à Leitura entre diversos setores da sociedade; viabilizar a realização de pesquisas sobre livro, leitura e escrita; incrementar o Centro de Referência sobre leitura.

Ainda em 1985, foi criado o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que tem como principal objetivo subsidiar o trabalho pedagógico dos professores por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da educação básica.

A partir do ano de 1990, muitos outros programas de incentivo à leitura começaram a surgir tendo em vista atingir públicos diferenciados, como professores, alunos e a comunidade em geral. No ano de 1997, o MEC criou o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), com o objetivo de prover as escolas de ensino público das redes federal, estadual e municipal, no âmbito da educação infantil (creches e pré-escolas), do ensino fundamental, do ensino médio e educação de jovens e adultos (EJA) com o fornecimento de obras e demais materiais de apoio à prática da educação básica. Através deste programa eram

distribuídos às escolas por meio do PNBE; PNBE do Professor; PNBE Periódicos e PNBE Temático acervos compostos por obras de literatura, de referência, de pesquisa e de outros materiais relativos ao currículo nas áreas de conhecimento da educação básica, com vista à democratização do acesso às fontes de informação, ao fomento à leitura e à formação de alunos e professores leitores e ao apoio à atualização e ao desenvolvimento profissional do professor. Todas as escolas públicas cadastradas no censo escolar realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) são atendidas pelo programa sem necessidade de adesão. O PNBE é composto pelos seguintes gêneros literários: obras clássicas da literatura universal; poema; conto, crônica, novela, teatro, texto da tradição popular; romance; memória, diário, biografia, relatos de experiências; livros de imagens e histórias em quadrinhos. A distribuição dos acervos de literatura ocorre da seguinte forma: Nos anos pares são distribuídos livros para as escolas de educação Infantil (creche e pré-escola), anos iniciais do ensino fundamental e educação de jovens e adultos. Já nos anos ímpares a distribuição ocorre para as escolas dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio. (FNDE, 2012).

O PNBE foi interrompido no ano de 2014 por uma decisão governamental lamentável.

No ano de 1997, foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1ª a 8ª série e, em 1999, dispostos para o Ensino Médio, sendo chamado de Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM).

O PCN foi desenvolvido para suprir uma necessidade que o ensino no Brasil possui, em ter autonomia para poder trabalhar os conteúdos nas escolas, conforme a necessidade e regionalidade e o contexto em que a escola estava inserida. Esses conteúdos bases precisavam ser trabalhados por etapas, onde o aluno no final de cada etapa, como no ensino fundamental ou no ensino médio, obtivessem certos conhecimentos necessários para o exercício da cidadania, até mesmo para estar preparado para a vida profissional. Com a criação do PCN o governo tinha como objetivo garantir que todos os alunos, em qualquer lugar do país pudessem usufruir, de um conjunto básico de conhecimento, ofertado pelas escolas. O PCN não é uma regra disponibilizada pelo MEC para as escolas e professores, mas sim, parâmetros e diretrizes que servem como base para a educação brasileira. A partir do final da década de 90 e início do século 2000, o PCN também começou a se adequar, devido ao desenvolvimento das tecnologias no país, pois a tecnologia começou a fazer parte do trabalho, dos estudos e de pesquisas de todo o território nacional brasileiro. (PORTAL DA EDUCAÇÃO, 2014).

Em 2003, o governo federal publicou a Lei Federal n. 10.753, com o objetivo principal de instituir uma política do livro e da leitura no Brasil, ficando conhecida como a Lei do Livro. No Artigo 1, são apresentadas as diretrizes:

I - assegurar ao cidadão o pleno exercício do direito de acesso e uso do livro; II - o livro é o meio principal e insubstituível da difusão da cultura e transmissão do conhecimento, do fomento à pesquisa social e científica, da conservação do patrimônio nacional, da transformação e aperfeiçoamento social e da melhoria da qualidade de vida; III - fomentar e apoiar a produção, a edição, a difusão, a distribuição e a comercialização do livro; IV - estimular a produção intelectual dos escritores e autores brasileiros, tanto de obras científicas como culturais; V - promover e incentivar o hábito da leitura; VI - propiciar os meios para fazer do Brasil um grande centro editorial; VII - competir no mercado internacional de livros, ampliando a exportação de livros nacionais; VIII - apoiar a livre circulação do livro no País; IX - capacitar a população para o uso do livro como fator fundamental para seu progresso econômico, político, social e promover a justa distribuição do saber e da renda; X - instalar e ampliar no País livrarias, bibliotecas e pontos de venda de livro; XI - propiciar aos autores, editores, distribuidores e livreiros as condições necessárias ao cumprimento do disposto nesta Lei; XII - assegurar às pessoas com deficiência visual o acesso à leitura. (BRASIL, 2003).

No Artigo 2, são apresentadas as definições dos livros em diferentes suportes, como digital, magnético, óptico e em braile, deixando claro que essas configurações também são classificadas como livros.

“Além disso, temos, desde 2006, um ambicioso Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), cujo escopo é de ordem continental abarcando ações nos planos federal, estadual e municipal, dedicado a mapear, congregar e fomentar ações voltadas à promoção da leitura nos mais diferentes recantos do país.” (ZILBERMAN, 2012, p. 96-97). O Ministério da Cultura destaca suas ações referentes aos livros e à leitura, aprimorando e implantando bibliotecas, pontos de leitura, patrocinando bolsas a escritores e prêmios literários, como os realizados pela Fundação Biblioteca Nacional (FBN), que é o órgão responsável pela execução da política governamental de captação, guarda, preservação e difusão da produção intelectual do país e

Coordenadoria Geral do Livro e Leitura (CGLL). No que diz respeito às bibliotecas, tanto as escolares quanto as públicas, sabe-se de sua imensa importância no desenvolvimento e democratização do livro, porém apenas bibliotecas boas e bem estruturadas não são suficientes, pois se pode contar com grandes acervos, mas “[...] não é a biblioteca ou a escola que desperta o gosto por ler, por aprender, imaginar, descobrir. É *um* professor, *um* bibliotecário que, levado por sua paixão, a transmite através de uma relação individual.” (PETIT, 2008, p. 166). Nota-se, assim, que é um professor, um bibliotecário ou mesmo um amigo, apaixonado pela leitura, o grande motivador e incentivador de crianças, jovens e mesmo adultos à leitura.

Em 2012 foi criado o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, que é um compromisso assumido pelos governos federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental. Porém, infelizmente, esse pacto não vem sendo valorizado pelos principais responsáveis.

Em 2013, foi criado o Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio instituído pela portaria n. 1.140, de 22 de novembro de 2013, que “representa a articulação e a coordenação de ações e estratégias entre a União e os governos estaduais e distrital na formulação e implantação de políticas para elevar o padrão de qualidade do Ensino Médio brasileiro, [...]” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2013).

Vale destacar também que feiras, bienais e festas literárias são promovidas em todas as partes do país, com a presença de vários escritores conhecidos nacional e internacionalmente. Um exemplo de festa literária é a prestigiada Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), que alcança grande parte da imprensa, redes televisivas, *blogs* e *sites*; numa interlocução permanente entre as artes, propaga vivências focadas, sobretudo, na diversidade. Além disso, vale ressaltar um importante movimento cultural que aconteceu de 1981 a 2013 em torno da Jornada Nacional de Literatura, que, em seu último ano, teve sua décima quinta edição, e da Jornadinha Nacional de Literatura, em sua sétima edição. Esse significativo movimento cultural incitou vastos debates em relação aos livros de leitura e à formação de leitores. Esse respeitável trabalho condecorou oficialmente a cidade de Passo Fundo como a Capital Nacional da Literatura.

Dispõe-se, também, do Instituto Pró-Livro, que tem procurado mostrar um retrato fiel sobre o comportamento leitor do brasileiro, condizente “com a missão [...] que tem por objetivo o fomento à leitura e a democratização do livro, [...]” (FAILA, 2012, p. 24). Os resultados obtidos por meio da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, que está em sua 3ª edição, subsidiam estudos, decisões de governo e são citados por especialistas e estudiosos da área do

livro e da leitura. Assim, *Retratos da Leitura* tornou-se uma referência quando se fala em comportamento leitor do brasileiro.

[...] temos boas razões para expressar otimismo diante do quadro da leitura no Brasil. Feiras e bienais do livro bem-sucedidas são promovidas em todas as partes do país, com a presença de escritores de renome nacional e internacional. [...] Poder-se-ia afirmar, pois, que o Brasil encerra a primeira década do terceiro milênio, confirmando-se como um país de leitores e concretizando a utopia de, entre outros, Castro Alves e Monteiro Lobato, para lembrar os escritores que, com mais propriedade, expressaram o ideal de que uma nação se faz com homens e livros. (ZILBERMAN, 2012, p. 97-98).

Em *Retratos da Leitura no Brasil 3* (FAILLA, 2012), a população pesquisada foi de 5.012 pessoas, em 315 municípios em todos os estados, com sujeitos de 5 anos ou mais, alfabetizados ou não; 25% desses entrevistados tinham entre 5 e 17 anos.

Ocorre, também, o movimento, em parceria entre setores privados e públicos com apoio do governo federal, “Todos pela Educação”, que estabelece cinco metas a serem cumpridas até 2022.

O objetivo do movimento é ajudar a propiciar as condições de acesso, de alfabetização e de sucesso escolar, a ampliação de recursos investidos na Educação Básica e a melhora da gestão desses recursos. Esse objetivo foi traduzido em 5 Metas. Ainda que não expressem tudo o que precisamos conquistar na Educação pública, elas traduzem de forma clara e objetiva o que efetivamente precisamos alcançar para mudar de patamar e efetivar os principais direitos educacionais dos alunos. São elas: Meta 1 Toda criança e jovem de 4 a 17 anos na escola; Meta 2 Toda criança plenamente alfabetizada até os 8 anos; Meta 3 Todo aluno com aprendizado adequado ao seu ano; Meta 4 Todo jovem com Ensino Médio concluído até os 19 anos; Meta 5 Investimento em Educação ampliado e bem gerido. (BRASIL, 2014).

Os avanços conquistados desde a implantação do movimento “Todos pela Educação” ainda são poucos ante o que se almeja até 2022, mas, no geral, nota-se que a educação do país mudou e avançou; claro que não na velocidade que todos desejariam, mas se está a caminho e, com um passo após o outro, alcançam-se todas as cinco metas. Contudo, vale ressaltar que a escola, sozinha, jamais formará leitores; há necessidade da participação da sociedade como um todo, governos federal, estadual e municipal; ONGs; imprensa escrita, falada e televisiva; mercado editorial; bibliotecas e, é claro, todos esses movimentos sociais pró-leitura comprometidos na formação incessante de leitores e na popularização da cultura escrita.

Nota-se que a formação de um leitor comprometido acontece para além da escola; a escola é o espaço da formação do leitor, mas há necessidade de outras exigências educativas em que a leitura possa ser praticada, fazendo com que esses leitores em contínua formação

progridam na sua condição de leitor. Assim, pode-se dizer que a leitura tem urgência de propagadores.

No entanto, a leitura do aluno brasileiro, em especial a dos jovens que estão deixando a escola e buscando o ensino superior, é ainda um grande ponto de interrogação.

2.4 OS JOVENS LEITORES

“Um país se faz com homens e livros.”
(LOBATO, 1964, p. 45)

Como afirma Zilberman (2012, p. 148), “as pessoas aprendem a ler antes de serem alfabetizadas.” Esse enunciado é confirmado quando se reflete que, desde muito pequenos, os sujeitos são conduzidos a entender um universo que se transmite através de letras e imagens. Todas as crianças, sejam dos centros urbanos ou não, conhecem o significado de certas siglas e sabem identificar figuras e personagens, divulgados pela mídia audiovisual, por meio de propagandas ou desenhos animados. A leitura envolve o ser humano por todos os lados, estimulando a aprendizagem.

O leitor iniciante não tem idade; e cada fase de sua vida é um bom momento para levá-lo a gostar de livros de ficção, pois as histórias estimulam seu imaginário, fortalecem sua identidade, ajudam-no a pensar melhor e a resolver problemas. Com o passar do tempo e o aumento da bagagem de livros e de experiências, os leitores ficam mais exigentes, solicitando mais e melhores livros. (ZILBERMAN, 2012, p. 150).

O gosto dos jovens em relação à leitura muda constantemente, o nível de escolaridade dos pais e os incentivos recebidos de pessoas próximas ajudam esses adolescentes em relação à escola e ao conhecimento de mundo, pois o sucesso social e cultural não depende somente de um saber adquirido na escola, mas também da prática social e, principalmente, familiar de leitura em qualquer nível da sociedade. A leitura encaminha o leitor no sentido do pensamento e abre um enorme campo de possibilidades, mesmo onde parecia não existir nenhuma.

Com a ajuda dos livros, os adolescentes descobrem aos poucos os prazeres, sofrimentos, sentimentos, mistérios e perigos que há no mundo e também quantas mudanças podem ocorrer em sua vida, pois “a leitura tem o poder de despertar em nós regiões que estavam até então adormecidas.” (PETIT, 2008, p. 7). No entanto, a imposição de leituras, por exemplo, de obras canônicas pela escola, numa atitude distanciada e desligada do real objetivo de formar leitores, leva o leitor, em constante formação, a construir uma base frágil e classificar a leitura como tediosa. Assim, a escola que dedica toda sua força para falar de livros e autores que não vão ao encontro do mundo dos adolescentes acaba criando uma barreira, impossibilitando seu êxito.

Se a escola quer progredir e avançar na formação de leitores, cada vez mais interessados pela literatura, deve propiciar atividades que favoreçam o interesse de seus alunos e estabeleçam ligações com o mundo dos livros.

O jovem, na maioria das vezes, busca leituras com as quais ele se identifique, e projeta-se nos personagens e nos acontecimentos da história. O leitor jovem é dinâmico e impaciente. Porém, o gosto pela literatura fantástica, pela literatura distópica, da qual faz parte, por exemplo, a trilogia *Jogos Vorazes* de Suzanne Collins, e pelos romances policiais que possuem uma trama mais complexa vem ganhando cada vez mais espaço e admiradores.

Pesquisadores da área da leitura e formação do leitor afirmam que o número de jovens leitores diminuiu e lamentam que os jovens não leiam; no entanto, para esses que insistem em dizer que os jovens de hoje não leem, é recomendável uma análise mais profunda e melhor da real situação. O que dizer dos milhares de exemplares de livros de *Harry Potter* (J.K. Rowling, Ed. Rocco) vendidos por todo o mundo? Em realidade, como destaca Ceccantini (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2014), “nunca se leu tanto quanto no século XXI”. Os jovens leem, mas o fato é que não estão lendo as obras clássicas promovidas pela escola e “amadas” pela crítica, porém cada vez mais estão lendo livros por prazer. Outro paradigma que foi derrubado é o de que os jovens não leriam textos que possuíssem centenas de páginas, mas *Harry Potter*, *O senhor dos Anéis*, *A Saga Crepúsculo*, entre outros, quebraram essa ideia, tornando-se uma febre entre os jovens.

Zoara Failla, organizadora do livro *Retratos da Leitura no Brasil 3* e mediadora do painel “O jovem não gosta de ler ou não foi ‘seduzido’ para a leitura da literatura?”, da 23ª Bienal Internacional do livro de São Paulo, afirma que esse questionamento recebe tanto resposta positiva quanto negativa, pois, como provoca a autora, “se esses jovens – que compõem os quase 5 milhões que gostam de literatura – gostam de ler, por que os outros 19 milhões, segundo a Retratos, leem somente por obrigação? Como conquistar esses jovens para a literatura?” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2014). Para conquistar os jovens à leitura, o primeiro passo seria que todos os educadores lessem. Isso porque, para formar leitores, é preciso ser leitor e orientar o ato de ler como uma prática que agrega conhecimento e desenvolve e amplia a sensibilidade e, não apenas para fazer provas. A leitura vinculada a uma aprendizagem memorizada traz à tona a ideia de que os livros devem estar sempre ligados à escola e à obrigação de ler para poder realizar algo depois. A literatura não tem a ver apenas com ler para compreender algo, lê-se por prazer, para relaxar e para vivenciar outras experiências, mas infelizmente a cultura contemporânea não atenta para o que não possui utilidade imediata.

O amor pelos livros deve vir da infância. Possuir o hábito da leitura requer uma base sólida vinda da infância. Aliás, segundo pesquisas como a de Rita de Cássia Tussi e Tânia Mariza Kuchenbecker Rösing, que resultou no livro *Programa Bebelendo: uma interação precoce de leitura*, não é necessário esperar que a criança complete um ano de idade para começar a contar histórias à ela. A formação do pequeno leitor pode e deve começar bem antes, ainda na vida intrauterina.

Já na alfabetização os grandes exemplos são a escola e a família, que têm o papel fundamental de despertar o interesse pela leitura na criança, ensinar a valorizar as obras e mostrar o quanto a leitura é importante para uma formação crítica que garanta vivências e práticas sociais emancipadas. A família mostra pelo exemplo, lendo para as crianças. Quando os pais leem para a criança, na hora de dormir, por exemplo, acabam criando uma situação prazerosa, do qual o livro é o personagem principal, e isso fica na memória afetiva da criança, o que a faz buscar outras leituras. Já a escola tem o papel de formar e dar suporte a esses novos leitores. Porém, infelizmente, grande parte dos professores brasileiros não é leitor, o que é um grande obstáculo para a introdução do hábito de ler, em especial entre os jovens, que leem quase sempre por indicação. Mesmo assim, segundo a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 3* (2012), para 45% dos entrevistados, os docentes foram as pessoas que mais influenciaram a ler, seguido pela mãe em 43% dos casos e os pais, com 17%. Pode-se notar a importância do papel do professor como mediador e a necessidade de que ele tenha uma formação leitora adequada e acesso a cursos e especializações que lhe garantam uma bagagem leitora capaz de incitar e despertar a atenção dos alunos.

A sociedade aderiu a novas propostas e a escola precisa considerar e se adaptar a esse fator, integrando novidades à sala de aula e ao programa de ensino. Nesse sentido, além de formar leitores, a escola passa a conhecer melhor os jovens, aproximar-se deles, e integrar os conhecimentos trazidos pelos alunos. Os adolescentes têm muito a ensinar e devem ser aproveitados ao máximo.

[...] O jovem não é tão somente parte da cultura: ele é a própria cultura, a que todos desejam, de algum modo, imitar. Seu modo de ser, pensar e agir tornou-se paradigmático, e a escola, copiando o que faz a sociedade contemporânea, precisa aprender a lidar com essa transformação, sem, por outro lado, abrir mãos de suas prerrogativas históricas, sob pena de anular-se. (ZILBERMAN, 2012, p. 112).

A juventude, como destaca Petit (2008), continua sendo o período da vida em que a atividade de leitura é mais intensa. Isso é afirmado com a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 3* e reiterado no sétimo capítulo por Gomes (2012, p. 129), quando ela destaca que “os nossos

jovens são a maior parcela da população nacional que é leitora.” No entanto, muitos jovens acabam perdendo a vontade e o prazer de ler por essa atividade tornar-se uma obrigação. Os jovens da atualidade são “obrigados” a ler obras exigidas pelo ENEM e por vestibulares, como afirma Zilberman (2012, p. 202), “com efeito, nada, a não ser o vestibular, explica a presença da literatura no nível médio, [...]” A importância do vestibular é inegável, porém essa pressão para a realização de certas leituras acaba por afastar o aluno das obras e tornar a sala de aula um cursinho. Infelizmente, esse cenário cria uma grande possibilidade de o hábito de ler acabar com a saída da escola, pois, se os jovens não são estimulados, motivados e atraídos ao mundo dos livros, eles deixam de ler.

Por esse aspecto, é quase impossível que o ensino médio forme um jovem leitor autônomo e não objeto de discursos repressivos. É importante que o ensino médio esteja envolvido com a política de formar leitores, pois é nessa fase, sobretudo entre os 14 e 18 anos, que se forma a consciência de cidadania. Assim, “as escolas poderiam valorizar a cultura trazida pelo aluno, qualquer que ela seja; e, a partir daí, fazê-lo entender a diversidade cultural.” (ZILBERMAN, 2012, p. 212). Infelizmente, o ensino médio nem sempre leva em conta a experiência de seus alunos, obrigando-os a impregnar-se de conhecimentos científicos e técnicos.

Os jovens possuem uma variedade cultural que, se bem aproveitada pelos professores, pode render ótimos resultados. A utilização de literatura de massa, que são as preferidas pelos alunos, nas aulas de literatura, pode ser uma boa forma de, com o passar do tempo, fazer com que os alunos leiam obras canônicas por gosto, sem sentirem-se obrigados. Pois, segundo Zilberman (2009, p. 30), “ler coincide então com a aquisição de um hábito e tem como consequência o acesso a um patamar do qual dificilmente se regride”, ou seja, com o passar do tempo e de leituras, os leitores buscaram obras melhores e com riqueza de conteúdo, chegando, assim, aos clássicos.

A leitura de *best-sellers*, gênero preferido dos jovens, não é uma transgressão, claro, eles não possuem a riqueza de conteúdo e de detalhes que as obras clássicas trazem, mas são um meio de atrair novos leitores e o gosto pela leitura. Esses livros contam com um apelo comercial muito grande e buscam o entretenimento e não apenas o conhecimento; entretanto, há obras com seu valor. A valorização dessas obras, muitas vezes desprezadas pela escola, pode abrir perspectivas inovadoras considerando e reconhecendo os recursos culturais trazidos pelos alunos ao ambiente escolar. Zilberman (2012, p. 214-215) reitera o seguinte:

uma política de leitura direcionada para o ensino médio não pode ignorar a bagagem de leitura que o aluno desse nível traz consigo, ao chegar à escola e entrar na sala de aula. Mas cabe igualmente pensar as tarefas possíveis colocadas ao professor, sem deixá-lo ao desamparo ou apelar para o espontaneísmo e à boa-vontade como instrumentos de solucionar graves problemas sociais e culturais.

Privar os jovens dessa relação de trânsito livre com o universo da escrita e da leitura, em que eles possuem o poder de escolha, é formar um cidadão pela metade. Por esse motivo, a circulação de diferentes objetos e gêneros de leitura é importante nessa faixa de estudo em sala de aula. Assim, todas as manifestações culturais trazidas pelos alunos, como filmes, livros, séries, *games*, devem ser valorizadas e aproveitadas, levando todos à compreensão da diversidade cultural existente.

O jovem leitor precisa ser cativado e tomar gosto pelo hábito de ler, pois, quando ele afirma que não gosta de ler, é porque ainda não se encontrou, não descobriu a leitura que o desperta. Isso pode ser afirmado com o relato de Ana Maria Machado, no primeiro capítulo do livro *Retratos da leitura no Brasil 3*, intitulado “Sangue nas veias”:

Fui proprietária e gerenciei uma livraria infantil por 18 anos. Durante esse tempo nunca encontrei uma criança ou jovem que não gostasse de ler um bom texto, se a sua aproximação com a literatura se fizesse como deve ser. Encontrei muitos que achavam que não gostavam. Mas depois descobriam que não gostavam daquele tipo de leitura que lhes estava sendo imposto. É preciso poder escolher. E ter variedade para escolher. Depois de rejeitado o primeiro livro, o segundo, quantos forem necessários, virá um que traga uma descoberta. Por isso costumo dizer que ler é como namorar. Quem acha que não gosta é porque está com um parceiro que não lhe dá prazer. Trate de trocar. (MACHADO, 2012, p. 60).

O gosto pelas leituras é bem particular, as sugestões de amigos, pais e professores sempre são importantes, porém depende sempre do que o leitor gosta e está acostumado a ler, mas vale lembrar que coisas novas podem ser surpreendentes.

Para os jovens, a leitura pode se tornar um caminho para o autoconhecimento, uma oportunidade de encontrar um tempo para si mesmo, tempo de imaginar possibilidades e situações, maneira de obter novos modos de pensar e agir, bem como de se libertar e se revelar algo que não sabiam que eram. Por meio da leitura, os jovens buscam o acesso aos conhecimentos formais e assim modificam seu destino, tanto escolar, profissional quanto social. “Ora, a leitura pode ser, em todas as idades, justamente um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria experiência, à própria vida; para dar voz a seu sofrimento, dar forma a seus desejos e sonhos.” (PETIT, 2008, p. 72).

Os livros, em especial os de ficção, abrem portas ao leitor para outro espaço, para outra forma de ver e pertencer ao mundo, para outros tempos e permitem que o leitor sonhe, imagine

e pense possibilidades e disponibilidades. “Na adolescência ou na juventude – e durante toda a vida – os livros também são companheiros que consolam e às vezes neles encontramos palavras que nos permitem expressar o que temos de mais secreto, de mais íntimo.” (PETIT, 2008, p. 74).

Na pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro, os jovens foram questionados sobre “o que leem os jovens brasileiros?”, na busca de respostas, para que livros contemplem essa necessidade dos jovens na busca de sua identidade. A partir das respostas, nota-se que “eles vivem a globalização da leitura com o advento de séries como *Crepúsculo* e *Harry Potter*.” (FAILLA, 2012, p. 132). Eles vivem atentos ao mercado e aos anúncios na mídia e preferem livros que podem dar origem a filmes e *games*, entre outros derivados. Contudo, infelizmente esses jovens, quando questionados sobre o motivo das últimas leituras realizadas por eles, em 50% dos casos, revelam que leem por exigência da escola e em 41% dos casos, por interesse ou gosto.

Assim, como as perguntas nos fazem caminhar muito mais do que as respostas, buscase, com esta pesquisa, analisar o que, por que e onde os jovens leem, sempre à procura de respostas que venham para melhorar os índices sócio-históricos da leitura no Brasil.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentam-se os procedimentos utilizados para responder às perguntas de pesquisa e alcançar os objetivos pré-estabelecidos, ambos apresentados no capítulo introdutório deste trabalho. Na Introdução, considerando a necessidade de situar o leitor no contexto do estudo que aqui se apresenta, foram antecipados alguns elementos da metodologia de pesquisa, como o universo, o contexto, os sujeitos pesquisados, o instrumento de coleta de dados e as categorias estabelecidas. Nesta seção, descrevem-se, mais detalhadamente, o contexto da pesquisa, os procedimentos de coleta de dados, bem como os critérios de seleção dos sujeitos e da metodologia de análise dos dados. Vale destacar também que a metodologia utilizada buscou a construção do conhecimento, com o propósito de comprovar a validade e a utilidade da pesquisa no âmbito da leitura e formação do leitor.

3.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

A pesquisa científica é uma atividade humana, com o objetivo de buscar respostas a questões significativas, à compreensão da natureza e da sociedade em que se vive, determinado assunto que causa questionamentos e impasses e tem a finalidade de resolver problemas por meio de procedimentos científicos. Como afirmam Prodanov e Freitas (2009, p. 43),

a pesquisa científica é a realização de um estudo planejado, sendo o método de abordagem do problema o que caracteriza o aspecto científico da investigação. Sua finalidade é descobrir respostas para questões mediante a aplicação do método científico. A pesquisa sempre parte de um problema, de uma interrogação, uma situação para a qual o repertório de conhecimento disponível não gera resposta adequada. Para solucionar esse problema, são levantadas hipóteses que podem ser confirmadas ou refutadas pela pesquisa.

Como o objetivo geral desta pesquisa é conhecer e analisar o hábito de leitura dos alunos leitores do terceiro ano do ensino médio, o procedimento adotado foi um estudo de campo, utilizado quando se pretende investigar um grupo ou comunidade por meio da coleta de dados diretamente no local da realidade do estudo, sem interferência do pesquisador. Prodanov e Freitas (2009, p. 59) explicam que “pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”.

Do ponto de vista de seus objetivos, a pesquisa foi de caráter exploratório, em vista de ter como finalidade proporcionar informações sobre o assunto investigado. Quanto aos procedimentos técnicos, para a realização deste trabalho, foi necessária, inicialmente, a realização de um estudo bibliográfico, elaborado a partir de materiais já publicados sobre o assunto da leitura e formação do leitor, constituído principalmente por livros, revistas, publicações em periódicos, sites, dissertações e artigos científicos. Após foi-se a campo com o objetivo de conseguir informações acerca do problema para o qual se procuravam respostas. A pesquisa de campo, conforme Prodanov e Freitas (2009, p. 59), “consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para analisá-los.” Os dados coletados, posteriormente, foram analisados e interpretados com base na fundamentação teórica do trabalho.

Entretanto, a análise dos dados coletados não se limitou, simplesmente, na contagem das respostas dos questionários aplicados, instrumento utilizado no levantamento dos dados; buscou-se interpretá-las, relacioná-las entre si e com os fundamentos teóricos utilizados. Assim, sob o ponto de vista da abordagem do problema, a pesquisa é quantitativa e também qualitativa. Quantitativa, pois se traduziu “em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las” (PRODANOV; FREITAS, 2009, p. 69), e qualitativa porque há “interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados [...] Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente.” (PRODANOV; FREITAS, 2009, p. 70).

3.2 UNIVERSO DA PESQUISA

O universo desta pesquisa foi composto pelos alunos do terceiro ano do ensino médio, da escola pública Frederico Benvegnú, localizada em São Domingos do Sul, RS, de abrangência da 7ª Coordenadoria Regional de Educação, com sede em Passo Fundo, RS. A Escola Estadual de Ensino Médio Frederico Benvegnú localiza-se na cidade de São Domingos do Sul, um município de pequeno porte que, segundo o censo de 2010, tem em torno de 2.926 mil habitantes, distribuídos em uma área de 78, 717m². A escola é estadual e a única do município com ensino médio. Ela conta com 271 alunos distribuídos nos três turnos, 172 no turno da manhã, 82 no turno da tarde e 17 no turno da noite, sendo 34 alunos do terceiro ano do ensino médio.

Tendo em vista o direcionamento desta pesquisa para as leituras realizadas pelos jovens, optou-se por investigar e analisar os hábitos de leitura desses jovens. Já a escolha pela turma de terceiro ano do ensino médio se deu pelo fato de que estão deixando a escola, bem como possuem uma bagagem de leitura e gostos definidos.

A turma do terceiro ano do ensino médio de 2016 se divide em duas, uma matutina e uma noturna. No turno da manhã, a turma tem 28 alunos, 22 meninas e 6 meninos; no turno da noite, são 6 alunos, 4 meninas e 2 meninos. Todos os alunos foram convidados, aceitaram participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), pelo qual se garantiu sigilo sobre suas identidades. Cabe destacar que não se delimitou nenhuma amostra, a fim de envolver o maior número de sujeitos; assim, esta pesquisa apresentou uma amostragem não probabilística, que, como destacam Prodanov e Freitas (2009, p. 98),

são compostas de forma acidental ou intencional. Os elementos não são selecionados aleatoriamente. Com o uso dessa tipologia, não é possível generalizar os resultados da pesquisa realizada, em termos de população. Não há garantia de representatividade do universo que pretendemos analisar.

Com isso, obteve-se um total de 34 participantes, com idades entre 14 e 20 anos (Apêndice C, pergunta 3), sendo 26 do sexo feminino e 8 do sexo masculino (Apêndice C, pergunta 2). A distribuição dos alunos por faixa etária pode ser verificada na Tabela 1.

Tabela 1 – Idade dos alunos do terceiro ano do ensino médio de 2016

| Idade | Número |
|--------------|---------------|
|--------------|---------------|

| | |
|-----------------|----|
| De 14 a 17 anos | 19 |
| De 17 a 20 anos | 15 |
| Mais de 20 | 0 |

Após a primeira etapa da pesquisa, que será mais bem apresentada na seguinte seção, um critério de exclusão foi adotado; não foram convidados a participar da segunda etapa aqueles alunos que afirmaram, respectivamente, que não se consideram leitores e que não leem diariamente. Desse modo, para a segunda etapa da pesquisa, foram convidados apenas os alunos que afirmaram respectivamente que são leitores e que leem diariamente.

Optou-se, assim, por realizar a coleta dos dados em dois momentos distintos, marcados pela pesquisadora com antecedência. A seguir, observa-se como se deu esse processo de coleta de dados.

3.3 TÉCNICA DE COLETA E DE ANÁLISE DOS DADOS: QUESTIONÁRIO

A técnica de coleta de dados foi realizada por meio de observação direta extensiva, utilizando como instrumento de coleta de dados dois questionários.

O questionário é uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante (respondente). [...] A linguagem utilizada [...] deve ser simples e direta, para que o respondente compreenda com clareza o que está sendo perguntado. Não é recomendado o uso de gírias, a não ser que se faça necessário por necessidade de características de linguagem do grupo pesquisado [...] (PRODANOV; FREITAS, 2009, p. 108).

Esses questionários continham perguntas fechadas, que apresentavam alternativas fixas/limitadas, perguntas de múltipla escolha, fechadas, mas que apresentavam uma série de respostas possíveis e perguntas abertas com espaço para comentários, nas quais o informante respondia livremente. Por meio dessa combinação de diferentes formas de perguntas, consegue-se organizar melhor o questionário, de modo que os objetivos do estudo sejam alcançados.

O uso de questionários possibilitou abranger um maior número de sujeitos em um período menor de tempo se comparado às pesquisas que têm a entrevista como instrumento de coleta de dados, pois os alunos respondiam ao questionário simultaneamente. Além disso, esse instrumento de coleta de dados permite que os pesquisados leiam as questões e reflitam sobre elas, para só então fornecer suas respostas com maior exatidão, sem o nervosismo de estar cara a cara com o entrevistador, que, de certa forma, intimida o pesquisado. Pensa-se esse aspecto

como positivo, embora muitos entendam que essa forma de coleta de dados compromete a veracidade das respostas, pelo fato de o pesquisado ter mais tempo de pensar na resposta.

Em cada etapa, elaborou-se um questionário que abrangesse questões que visassem ao objetivo de, primeiramente, selecionar os alunos “leitores” dos “não leitores” e, em segundo lugar, investigar quais as leituras esses alunos “leitores” estão realizando, com que finalidade e a partir de que plataforma. Apresentam-se a seguir os tópicos explorados em cada questionário.

O questionário I (Apêndice C), aplicado no mês de março de 2016, foi elaborado visando ao primeiro objetivo da pesquisa: selecionar os alunos que se consideravam leitores, por motivos expostos por eles, dos alunos que não se consideravam leitores. Esse primeiro questionário abrangeu perguntas como:

- a) nome, idade e gênero;
- b) tempo que se dedica à leitura;
- c) quantidade de livros lidos no último ano;
- d) motivo pelo qual realiza as leituras;
- e) o que costuma ler;
- f) caso não leia, por qual motivo;
- g) o título dos últimos livros que leu;
- h) se considera-se leitor, por quê.

As perguntas iniciais visaram identificar o aluno pesquisado. Após essas perguntas, o questionário voltou-se para a relação dos jovens com a leitura na atualidade, investigando suas preferências e hábitos de leitura, bem como se eles se consideram leitor.

O questionário II (Apêndice D), aplicado no mês de abril de 2016, foi estruturado de modo a contemplar o objetivo principal desta pesquisa: investigar e analisar quais as leituras os jovens vêm realizando, com qual finalidade a fazem e a partir de que plataforma. Esse segundo questionário contou com perguntas como:

- a) se na infância havia em casa ambientes propícios à leitura;
- b) os pais costumavam comprar livros e ler;
- c) o que gostava de ler na infância;
- d) a quem atribui o papel de mediador e incentivador da leitura;
- e) se hoje em dia possui livros em casa e quantos são de sua propriedade;
- f) se realiza leituras por indicação de outras pessoas;
- g) se os livros indicados pelo professor lhes despertam interesse;
- h) quais autores clássicos e “não clássicos” já leu;

- i) se prefere os livros clássicos ou os *best-sellers*;
- j) o que leva à leitura de uma obra e o que o prende a ela;
- k) quais as leituras vem realizando, com que finalidade e através de que suporte;
- l) leitura mais marcante.

Esse segundo questionário procurou resgatar o percurso leitor dos pesquisados, investigando os materiais de leitura na infância, a relação dos pais com a leitura, a existência de mediação, as motivações para a leitura na infância, os gêneros mais lidos, bem como o mais marcante. A partir dessas questões, produziram-se elementos acerca da formação leitora desses jovens, evidenciando as influências que sofreram durante esse processo, constatando que leituras eles realizam, por que motivo e qual a plataforma utilizada para realizar essas leituras.

Para a coleta dos dados, no início do mês de março de 2016, entrou-se em contato com a escola, buscando apresentar a pesquisa e seus objetivos. Um segundo contato foi feito, no qual foi apresentada e assinada, pela diretora e pela professora da turma, a autorização (Apêndice A) para a realização da pesquisa. Posteriormente, neste mesmo mês, a pesquisadora teve contato com os alunos e apresentou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), para que os alunos que concordassem em participar da pesquisa assinassem; em seguida, aplicou o primeiro questionário aos 34 alunos da turma de terceiro ano do ensino médio. Cada aluno respondeu ao seu questionário. Esse mesmo processo foi adotado no turno da manhã e da noite. Após a aplicação do primeiro questionário e da seleção dos alunos para a segunda etapa da pesquisa, no mês de abril de 2016, a pesquisadora voltou à escola e aplicou o segundo questionário aos 24 selecionados, que afirmavam ler diariamente e se considerar leitor, por motivos por ele apresentados. A aceitação e a participação de todos os alunos da turma do terceiro ano do ensino médio mostram a disponibilidade em participar da pesquisa e ajudar nos estudos referentes à leitura e à formação do leitor.

Em relação à análise dos dados coletados, as respostas das perguntas fechadas, que podem ser somadas, foram também classificadas e tabuladas, verificando-se quais as respostas foram as mais e menos frequentes, e calculadas em porcentagem, sempre buscando relacioná-las com os aportes teóricos utilizados no trabalho.

As respostas das perguntas abertas foram quantificadas, organizadas e classificadas de forma sistemática, do mesmo modo que os demais dados quantitativos fornecidos pelas respostas fechadas. Foram observadas as recorrências das respostas das perguntas abertas e estabelecidos critérios de categorização.

A categorização consiste na organização dos dados para que o pesquisador consiga tomar decisões e tirar conclusões a partir deles. Isso requer a construção de um conjunto de categorias descritivas, que podem ser fundamentadas no referencial teórico da pesquisa. [...] A categorização dos dados permite a sua descrição. Contudo, mesmo que a pesquisa seja de cunho descritivo, é necessário que o pesquisador ultrapasse a mera descrição, buscando acrescentar algo ao questionamento existente sobre o assunto. (PRODANOV; FREITAS, 2009, p. 113).

Depois de categorizadas, as respostas abertas foram organizadas e classificadas da mesma maneira que as respostas fechadas. Isso porque, conforme Prodanov e Freitas (2009, p. 113-114), na pesquisa quantitativa, os dados são organizados e classificados de forma sistemática, passando pela seleção, codificação e tabulação. Na seleção, é feita a análise crítica no sentido de identificar questões falsas, confusas e distorcidas. Na codificação, é feita a classificação dos dados. Na tabulação, os dados coletados são dispostos em tabelas para facilitar a compreensão e interpretação. Concluída a tabulação, realiza-se a síntese e a análise. As categorias de análise desta pesquisa, definidas com a intenção de conhecer o que os jovens estão lendo, bem como com que finalidade e a partir de que plataforma o fazem, abrangem também a formação leitora desses jovens e as motivações e incentivos à leitura recebidas.

A análise aconteceu a partir da exploração dos dados coletados pelos questionários e pelo tratamento e interpretação de acordo com os referenciais teóricos pré-estabelecidos.

4 A LEITURA ENTRE OS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

No atual contexto, a leitura não é vista como uma obrigação apenas da escola e muito menos restrita à disciplina de literatura. Isso porque, cada vez mais, o hábito da leitura tem sido visto como o processo que oferece a possibilidade de conhecimento e crescimento pessoal e intelectual, sendo um meio importante e eficaz de interação social e de desenvolvimento da personalidade do sujeito.

Levando-se em conta que a adolescência é um marco fundamental no desenvolvimento pessoal e cognitivo do indivíduo, esta pesquisa tem por objetivo investigar e analisar os hábitos de leitura desses jovens adolescentes que frequentam o terceiro ano do ensino médio. Nesse sentido, vale ressaltar que não importa o contexto em que o sujeito se encontra; a adolescência é e sempre será uma fase na qual ocorrem profundas transformações. É nesse período que se forma a personalidade do futuro adulto. É nessa concepção que se pretendem analisar os hábitos de leitura desses jovens concluintes do ensino médio, em que a prática de leitura se torna um meio para obter informações e entreter esses jovens em uma fase tão confusa de sua formação pessoal.

Em conformidade com Bamberger (2000, p. 10), “a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Trabalhar com a linguagem é trabalhar com o homem.” Assim, estudar os hábitos de leitura é uma tarefa complexa. Como destaca Aguiar (2002, p. 120),

quando atentamos para a leitura, envolvemos toda uma gama de problemas teóricos e práticos que ela envolve, desde a concepção do termo e seus modos de abordagem até os fatos atinentes à formação do leitor, à circulação do livro, à atuação dos

mediadores, ao funcionamento das instituições envolvidas, como a família, a escola e a biblioteca, às orientações oficiais decorrentes da política cultural adotada pelo país.

Não faz parte deste estudo julgar a qualidade das leituras ou dos materiais lidos. Chartier (1999) alerta para o cuidado que se deve ter ao fazer rotulações, demonstrando uma atenção necessária ao analisar hábitos de leitura.

Desse modo, verifica-se a grande quantidade de variações encontradas ao se pesquisar o hábito de ler. No entanto, hoje em dia, existem inúmeras e significativas contribuições de pesquisadores da área de leitura e formação do leitor que trabalham com diferentes questionamentos sobre a leitura, circunstância essa que ajuda no desenvolvimento tanto dos estudos quanto das atividades centradas no ato de ler.

Diante da escolha do tema *Leitura literária e não literária entre alunos do terceiro ano do ensino médio*, realizou-se uma pesquisa com os alunos concluintes da escola estadual do município de São Domingos do Sul, para conhecer seus hábitos de leitura. A pesquisa aconteceu em forma de questionários, divididos em duas etapas: o primeiro foi respondido por todos os alunos da turma do terceiro ano no ensino médio e buscava traçar o perfil desses alunos como leitores; o segundo questionário – aplicado apenas aos alunos que no primeiro ano afirmavam ler diariamente e se consideravam leitor – abrangia perguntas referentes às influências em sua formação como leitores, as preferências de leitura: clássicos, técnicos, autoajuda, esotéricos, a finalidade das leituras realizadas, enfim, questões voltadas diretamente ao objetivo da pesquisa, que é analisar o hábito de leitura desses jovens.

4.1 INCENTIVOS À LEITURA: ESCOLA E MUNICÍPIO

Como já destacado anteriormente, esta pesquisa foi realizada com as turmas de terceiro ano do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Médio Frederico Benvegnú, localizada na área urbana da cidade de São Domingos do Sul, RS¹⁰. O município conta com três escolas: a Escola Municipal de Educação Infantil Criança Feliz, que atende desde o berçário até o pré B; a Escola Estadual Giovani Mognon, localizada no distrito de Santa Gema, que atende do 1º ao 8º ano; a Escola Estadual de Ensino Médio Frederico Benvegnú, localizada na área urbana, que atende aos alunos da Educação Infantil, Educação Básica e Ensino Médio. Os alunos da escola Giovani Mognon ao findarem o 8º ano são transferidos para a escola Frederico Benvegnú, em

¹⁰ Localiza-se na microrregião do alto do Taquari, na encosta superior do nordeste, com uma área de 82 km², distante da capital 242 km, acesso pelas rodovias RS129, RS 324 e BR 285, população de 2.926 habitantes conforme Censo 2010.

vista de esta ser a única escola do município que oferece o Ensino Médio. No turno da manhã, há 172 alunos, no turno da tarde, 82 e no turno da noite, 17 alunos, totalizando um corpo discente de 271 alunos. Já o corpo docente é formado por 23 professores das diversas áreas do conhecimento.

A escola Frederico Benvegnú sempre buscou e incentivou a formação de leitores. Muitas foram as campanhas, feiras e trabalhos visando à promoção da leitura. Atualmente realiza o minuto da leitura, no qual, nos quinze primeiros minutos de aula, toda a escola se dedica à prática leitora, desde os alunos até os funcionários gerais. Todos centrados e concentrados em alguma leitura que lhes desperte interesse.

A escola também promove a hora do conto, na qual, uma vez por semana, o professor de literatura leva um conto ou mais, para ler e discutir com os alunos. Muitas vezes, algum aluno também traz uma leitura para dividir com a turma, promovendo debates literários.

Todo esse incentivo à leitura proporciona conquistas como as que a escola já alcançou. No ano de 2008, a Escola Frederico Benvegnú figurou entre as de melhor rendimento no Exame Nacional de Ensino Médio (Enem), classificando-se em primeiro lugar entre as escolas públicas convencionais (que não são técnicas, militares ou federais) do Brasil, com a nota 60,61, porém ficou em 1.935º lugar no ranking geral do exame (9.124 escolas foram avaliadas).

O esforço dos pais, alunos e professores levou ao Brasil o nome de uma cidade do norte do Estado. Em São Domingos do Sul, a Escola Estadual de Ensino Médio Frederico Benvegnú teve um dia de festa ao anunciar o quarto lugar no ranking da rede estadual e o primeiro lugar no Brasil para o desempenho dos alunos no Enem entre as escolas públicas convencionais, aquela que não são técnicas, nem militares ou federais. No colégio que atende a 360 estudantes, o comprometimento da comunidade é tão grande que os 2,8 mil habitantes consideraram o investimento na escola como prioritário no orçamento participativo. Foi assim que o colégio recebeu reformas, classes e cadeiras novas e um laboratório de informática. Durante as férias, o Círculo de Pais e Mestres fez um mutirão e a escola ganhou pintura nova. Com a falta de professores de português e história, professores cumprem jornada extra para não prejudicar os alunos. – Todos os dias, tenho que fechar as lacunas deixadas pela falta de professores e nunca recebi um não – diz. Ontem, a escola revelou outro segredo por ter conquistado destaque: empenho em proporcionar experiências novas aos alunos. Trinta e oito estudantes madrugaram para embarcar em um ônibus às 5h de ontem. Os estudantes de 3º ano encararam três horas de viagem até Triunfo para conhecer o pólo petroquímico, durante a manhã, e mais uma hora até a Capital, onde passaram a tarde no Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS. (ZERO HORA, 2009).

O jornal *Correio Riograndense* também deu destaque a essa conquista da escola Frederico Benvegnú, salientando que

a melhor média entre as escolas públicas convencionais foi de 60,61 pontos, do Colégio Estadual Frederico Benvegnú, em São Domingos do Sul (RS). Segundo a

diretora, Leda Maria R. Mezzomo, o resultado vem dos diferenciais. ‘Os alunos têm frequência de quase 100% e buscam aprender além da sala de aula. A família tem participação efetiva’. (CORREIO RIOGRANDENSE, 2009).

Na 15ª Jornada Nacional de Literatura, realizada em 2013, cinco alunos da rede estadual de ensino autografaram e representaram os 97 trabalhos publicados. Dos 4.600 inscritos na 20ª edição do livro “Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias”, um aluno da escola Frederico Benvegnú.

A escola Frederico Benvegnú sempre buscou envolver seus alunos em atividades que visem à promoção da leitura. A escola sempre participou das Jornadas Literárias realizadas em Passo Fundo, oferecendo a seus alunos a possibilidade de interação com outros e mais amplos horizontes, almejando sempre a formação de leitores críticos e ativos da sociedade da qual fazem parte.

No início de 2016, mais uma conquista para a escola da pequena cidade de São Domingos do Sul. Segundo os dados da pesquisa do Índice de Oportunidades da Educação Brasileira (IOEB), elaborado pelo Centro de Liderança Pública (CLP), que mede o sucesso educacional de forma ampla considerando toda a educação básica de todas as redes, a Escola Frederico Benvegnú representou o 116º lugar¹¹ dentre as escolas que oferecem mais oportunidades educacionais no Brasil. Levando em conta o mesmo índice, a escola de São Domingos do Sul ficou em 5º lugar do estado do Rio Grande do Sul e em 1º lugar da 7ª Coordenadoria Regional de Educação, com sede em Passo Fundo.

A Escola Frederico Benvegnú conta com uma biblioteca em bom estado de conservação e de constante manutenção e renovação. A diretora da escola relata com alegria a compra de trezentos exemplares esse ano, afirmando que jamais deixará de “gastar dinheiro” com a compra de livros, pois não há como buscar leitores sem biblioteca.

O município de São Domingos do Sul, no qual se localiza a escola Frederico Benvegnú, tem seu maior rendimento econômico proveniente das atividades agrícolas e pecuárias da cidade; em sua totalidade, é maior em área rural do que urbana, mas também depende da renda recebida da extração de basalto, da prestação de serviço e da indústria e comércio.

A história da cidade de São Domingos do Sul iniciou por volta de 1894 quando aqui chegaram os primeiros imigrantes que encontraram nessas terras alguns caboclos. No entanto, tudo era mata virgem. As primeiras famílias eram de origem alemã e polonesa, oriundas de São

¹¹ Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/as-500-cidades-com-os-melhores-indices-em-educacao-no-brasil>>. Acesso em: 21 jul. 2016.

Sebastião do Caí. Por volta de 1894 a 1900, chegaram algumas famílias italianas, procedentes da região de Bento Gonçalves, Flores da Cunha, Farroupilha, Caxias do Sul, Veranópolis e Antônio Prado. Hoje em dia, o município é formado por 65% de italianos, 30% de poloneses, 3,5% portugueses e 1,5% de alemães.

O governo municipal, sempre preocupado com a educação de seus jovens cidadãos, busca incentivar e de alguma forma contribuir na formação de leitores. No ano de 2005, foi implantada a Biblioteca Pública Municipal, que se localiza junto à Casa de Cultura do município, atrás da prefeitura municipal. A Biblioteca conta com milhares de exemplares de livros e todo ano recebe novas obras, adquiridas com verbas do governo, tanto estadual quanto federal, e da própria prefeitura. Apenas quem reside no município tem acesso a essas obras e, por via de um cadastro no sistema, pode retirar até dois livros e duas revistas por vez. O tempo de permanência com as obras é de quinze dias, podendo renová-las caso não haja reserva. A pesquisadora pode afirmar, por ter trabalhado por dois anos como bibliotecária, que o acervo da Biblioteca Pública Municipal de São Domingos do Sul conta com excelentes obras literárias e poderia ser mais bem aproveitada pelos munícipes; no entanto, infelizmente as retiradas de livros são baixas, o que causa tristeza, em vista de ter todo aquele acervo praticamente esquecido. Situação contrária ao que afirma Zilberman (2012, p. 99): “[...], as bibliotecas públicas estão, na maioria dos casos, em mau estado, carentes de verbas para manutenção e renovação de seus acervos, [...] Muitas cidades pequenas, ou até de porte médio, não possuem bibliotecas públicas adequadas, [...]” Ademais, em 2015, houve um Projeto de Leitura, idealizado pela Secretaria de Educação e Cultura, mas ele já foi encerrado.

4.2 PERFIL LEITOR DOS ALUNOS PESQUISADOS

Esta seção é dedicada ao primeiro questionário aplicado, analisando-se todos os alunos do terceiro ano, a fim de traçar o perfil leitor desse público.

O número de sujeitos questionados, na primeira etapa da pesquisa, corresponde a 34 alunos, divididos em duas turmas: matutino com 28 alunos (22 meninas e 6 meninos) e noturno com 6 alunos (4 meninas e 2 meninos). A faixa etária desses alunos está entre 14 e 17 anos para 19 alunos e entre 17 e 20 para 15 alunos, predominando o sexo feminino.

Tabela 2 – Gênero dos alunos pesquisados

| Gênero | Número |
|---------------|---------------|
|---------------|---------------|

| | |
|-----------|----|
| Feminino | 26 |
| Masculino | 8 |

Iniciou-se a pesquisa sobre a leitura desses alunos questionando-os sobre quanto tempo se dedicam diariamente à leitura. Felizmente, contrário ao que imaginava a pesquisadora, a maioria dos alunos destacou ler por um período de tempo todos os dias. Esse dado foi um dos seletores para a segunda etapa da pesquisa.

Tabela 3 – Tempo dedicado diariamente à leitura

| Tempo | Número |
|-----------------------------------|---------------|
| 1 a 2 horas | 18 |
| 2 a 3 horas | 7 |
| 3 a 4 horas | 2 |
| 4 a 5 horas | 0 |
| Mais de 5 horas | 0 |
| Não dedico tempo diário à leitura | 7 |

Percebe-se que um número significativo de alunos dedica tempo diário à prática da leitura. Assim, esse hábito regular está presente na vida da maioria dos alunos. Um número expressivo de sujeitos pesquisados (18 – 34) informou que lê de 1 a 2 horas por dia, sete alunos responderam que leem de 2 a 3 horas diárias, dois responderam ler de 3 a 4 horas diárias e sete alunos responderam não dedicar tempo diário à leitura. Nesse sentido, de 34 alunos, 27 destacam ler diariamente.

No que diz respeito à quantidade de alunos que não dedica tempo diário à leitura, pode-se dizer que é baixa, em vista do que a pesquisadora esperava; no entanto, isso mostra que esses alunos não realizam nem as leituras de sala de aula, o que gera preocupação. Na questão 8 (questionário 1), que não precisava ser respondida por aqueles que dedicassem tempo diário à leitura, o maior motivo por esses sete alunos não lerem com frequência, segundo eles, é a falta de tempo. Fica a dúvida se a falta de tempo, de fato, é um impedimento ou apenas serve como um alibi para esconder o desinteresse pela leitura; em segundo lugar, está a falta de vontade. A falta de tempo também foi a razão para não ter lido mais dada por 43% dos entrevistados na *Retratos da Leitura 4* (2016, p. 35).

A falta de tempo para a leitura é um aspecto discutível. Entende-se que os alunos, além do tempo em que estão na sala de aula, levam temas e trabalhos para casa; além disso, alguns trabalham no turno inverso à aula. Não se pretende negar que, em alguns casos, a falta de tempo exista, porém Pennac (1993) considera que quem quer de fato ler consegue disponibilizar um momento para fazê-lo. Segundo o autor,

a partir do momento em que se coloca o problema do tempo para ler, é porque a vontade não está lá. Porque, se pensarmos bem, ninguém jamais tem tempo para ler. Nem pequenos, nem adolescentes, nem grandes. A vida é um entrave permanente à leitura. [...] O tempo para ler é sempre um tempo roubado. (Tanto como o tempo para escrever, aliás, ou o tempo para amar.) [...] O tempo para ler, como o tempo para amar, dilata o tempo para viver. [...] Eu nunca tive tempo para ler, mas nada, jamais, pode me impedir de terminar um romance de que eu gostasse. A leitura não depende da organização do tempo social, ela é, como o amor, uma maneira de ser. A questão não é de saber se tenho tempo para ler ou não (tempo que, aliás, ninguém me dará), mas se me ofereço ou não à felicidade de ser leitor. (PENNAC, 1993, p. 118-119).

As circunstâncias atuais – pressão, vida corrida, falta de silêncio, cada vez mais afazeres – agravam essa situação. Apesar dessa realidade, é necessário que os jovens encontrem um tempo para a leitura, mais importante meio de chegarem ao conhecimento.

Na questão 5 (questionário 1), que diz respeito ao número de livros lidos no último ano, a maioria dos alunos (18 – 34) respondeu ter lido de 1 a 5 livros, seguido de 15 alunos que leram de 6 a 10 livros e um aluno que leu de 11 a 20 livros. A Tabela 4 apresenta esses dados.

Tabela 4 – Número de livros lidos no último ano

| Número de livros lidos | Número |
|-------------------------------|---------------|
| De 1 a 5 | 18 |
| De 6 a 10 | 15 |
| De 11 a 20 | 1 |
| Mais de 20 | 0 |
| Nenhum | 0 |

Nota-se que mesmo quem destacou na questão anterior não dedicar tempo diário à leitura afirmou ter lido algum livro no último ano. Isso evidencia que, apesar de não terem o costume de ler diariamente, eles possuem uma relação, ainda que mínima, com essa prática.

Na questão 6 – o motivo das leituras realizadas –, a resposta mais assinalada foi “para buscar conhecimento”, que teve vinte marcações; em segundo lugar, está a leitura por fruição/prazer, assinalada por dezoito alunos. Conciliar esses dois motivos, estudo e prazer, é algo muito bom. Ler um texto não apenas como meio de se chegar ao conhecimento, mas também como uma fonte de prazer só traz vantagens. A leitura para buscar informação também obteve um número significativo de assinalações (11), como se pode observar na Tabela 5.

Tabela 5 – Motivo pelo qual lê

| Motivo | Número |
|---------------|---------------|
|---------------|---------------|

| | |
|-----------------------------|----|
| Para adquirir conhecimento | 20 |
| Fruição/Prazer | 18 |
| Para buscar informações | 11 |
| Por exigência escolar | 8 |
| Manter a mente em atividade | 1 |
| Vestibulares | 1 |

Tal informação pode ser comparada com os dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 4* (2016, p. 24), em que a *principal motivação para ler um livro: por faixa etária* (14 – 17; 18 – 24) é: por gosto para 29% e 21% dos entrevistados respectivamente; em segundo lugar, por distração para 19% dos entrevistados com idade entre 14 e 17 anos e atualização cultural ou conhecimento geral para 20% dos entrevistados com idade entre 18 e 24 anos. Segundo *Retratos da Leitura no Brasil 4* (2016, p.23), “quanto maior o nível de escolaridade do respondente, maiores são as menções a ‘atualização cultural ou conhecimento geral’. Por outro lado, menores são as menções a motivações para leituras ligadas a ‘motivos religiosos’ entre os respondentes com maior nível de escolaridade.”

Na questão 7, a maioria dos alunos assinalou realizar leituras de hipertextos (leituras na internet), que tendem a ser mais informativas. A busca por leituras informativas percebidas nessas respostas pode estar ligada à falta de tempo, citada por eles como motivo da não realização de leituras, pois os textos presentes na mídia digital, na maioria das vezes, são de pouca extensão e não muito complexos, demandando, portanto, menos tempo para a leitura.

Ainda sobre a questão 7, de múltipla escolha, sobre o que os alunos costumam ler, havia diversas opções a serem marcadas, pois considerou-se que os jovens precisam ser leitores de diferentes obras e gêneros textuais, não somente como meio de expandir seus conhecimentos e ter uma ampla bagagem de leitura, mas também para poder e saber selecionar os textos mais proveitosos. As respostas apontaram hipóteses certas e algumas que geram um pouco de preocupação, por exemplo, o baixo índice de leitura de livros clássicos, de contos, crônicas e poemas. A resposta mais frequente dos alunos a essa pergunta, assinalada em vinte e três questionários (do total de 166 marcações), foi hipertextos (leituras na internet), seguido de revistas, marcado em 20 questionários e jornais, com 19 questionários. Depois, a opção livros didáticos foi marcada por dezessete alunos, seguida das opções romances clássicos e literatura de fantasia, assinalada por doze alunos; *best-sellers* e textos teóricos, com onze marcações; livros de conto, com nove marcações; livros de autoajuda e livros de crônicas, com oito marcações; poemas com seis marcações; mangás, com quatro marcações; livros espíritas, livros de esoterismo, peças de teatro e bíblia ou textos religiosos, com uma marcação. Houve duas

marcações na opção outros, porém os alunos não apontaram quais são as outras leituras que costumam realizar. Esse resultado está demonstrado na Tabela 6.

Tabela 6 – Gênero que costuma ler

| Gênero | Número |
|------------------------------------|---------------|
| Hipertextos (leituras na internet) | 23 |
| Revistas | 20 |
| Jornais | 19 |
| Livros didáticos | 17 |
| Literatura de fantasia | 12 |
| Romances Clássicos | 12 |
| <i>Best-Sellers</i> | 11 |
| Textos Teóricos | 11 |
| Livros de conto | 9 |
| Livros de autoajuda | 8 |
| Livros de crônicas | 8 |
| Poemas | 6 |
| Mangás | 4 |
| Outros | 2 |
| Livros espíritas | 1 |
| Livros de esoterismo | 1 |
| Peças de teatro | 1 |
| Bíblia ou textos religiosos | 1 |

Levando em conta os dados sobre o mesmo questionamento na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 4* (2016, p. 31), o gênero que costuma ler: por faixa etária ficou disposto da seguinte maneira: a maioria (33%) dos entrevistados com idade de 14 a 17 anos destaca ter o costume de ler o gênero romance, 31% costumam ler contos e 24% destacam ter o costume de ler a Bíblia; dos entrevistados com idade de 18 a 24 anos, 39% revelam ter o costume de ler a Bíblia, 33% costumam ler romance e 23% revelam ter o costume de ler contos e livros didáticos. Nota-se que há uma enorme disparidade entre as respostas dos alunos pesquisados e as respostas obtidas pela pesquisa *Retratos*, em vista de que a maioria dos alunos destaca ter o costume de ler hipertextos, seguido de revistas e jornais.

Em relação às respostas obtidas para esse questionamento, o fato de os alunos lerem, na maioria das vezes, hipertextos, revistas e jornais sugere que eles se interessam por diversos assuntos e por textos que, na maioria das vezes, são mais curtos e simples, que é, geralmente, o

que se encontra nessas plataformas. A marcação de livros didáticos foi uma surpresa, pois é uma leitura básica de sala de aula. A leitura de romances clássicos, literatura de fantasia, contos e poemas pode estar ligada à prática de sala de aula ou ao interesse pessoal. A leitura de livros de autoajuda, apesar de não ser tão relevante, é significativa, pois representa a busca pelo fortalecimento da autoestima e da compreensão de si, já a leitura de livros espíritas evidencia uma ação religiosa. Levando em conta a frequência de marcações da opção *best-seller*, esse parece ser um gênero não tão procurado pelos jovens quanto à pesquisadora esperava.

No entanto, ao passar para a questão 9, na qual se solicitou que os alunos informassem o título dos três últimos livros lidos, os títulos de *best-sellers* foram os mais presentes (Tabela 7).

Tabela 7 – Título dos três últimos livros lidos

| Títulos | Número |
|---|---------------|
| A cabana – Willian P. Young | 1 |
| A cidade ilhada – Milton Hatoum | 1 |
| A coleção <i>The Walking Dead</i> - Robert Kirkman e Jay Bonansinga | 1 |
| A culpa é das estrelas – John Green | 1 |
| A elite – Kiera Kass | 1 |
| A escrava Isaura – Bernardo Guimarães | 1 |
| A escolha – Kiera Kass | 1 |
| A garota do penhasco - Lucinda Riley | 1 |
| A luneta mágica – Joaquim Manuel de Macedo | 1 |
| A mala de Hanna - Karen Levine | 1 |
| A menina feita de espinhos – Fabiane Ribeiro | 2 |
| A menina que roubava livros - Markus Zusak | 1 |
| A moreninha - Joaquim Manuel de Macedo | 2 |
| Anjos da morte – Eduardo Spohr | 1 |
| À primeira vista – Nicholas Sparks | 1 |
| A revolução dos bichos - George Orwell | 1 |
| A seleção – Kiera Kass | 1 |
| As crônicas de gelo e fogo – George R. R. Martin | 1 |
| A última música – Nicholas Sparks | 1 |
| Ayrton Senna - Christopher Hilton | 1 |
| Cidades de papel – John Green | 2 |
| Convergente - Veronica Roth | 1 |
| Dia de eutanásia - Stephen Spignesi | 1 |
| Dom Casmurro – Machado de Assis | 1 |
| Ela só queria casar – Marcelo Cezar | 1 |
| Eu não sei lidar – Lucas Silveira | 1 |
| Harry Potter e a pedra filosofal – J. K. Rowling | 1 |
| Harry Potter e a ordem da fênix – J. K. Rowling | 1 |
| Harry Potter e o cálice de fogo – J. K. Rowling | 1 |
| Harry Potter e o enigma do príncipe – J.K. Rowling | 1 |
| Janela Mágica – Cecília Meireles | 1 |
| Ladrão de almas – Alma Katsu | 1 |

| | |
|--|---|
| Leonardo e a invenção mortal – Robert J. Harris | 1 |
| Memórias de um sargento de milícias – Manuel Antônio de Almeida | 1 |
| Memórias póstumas de Brás Cubas – Machado de Assis | 1 |
| Muito mais que cinco minutos – Kéfera Buchmann | 1 |
| Não conte a ninguém – Harlan Coben | 1 |
| Não entre em pânico – Douglas Adams | 1 |
| Não posso me apaixonar – Bella Andre | 1 |
| Não se apegue, não – Isabela Freitas | 2 |
| Não se iluda, não – Isabela Freitas | 1 |
| Nunca desista de seus sonhos – Augusto Cury | 1 |
| Nunca serei um super herói - Antônio Santa Ana | 1 |
| O alienista – Machado de Assis | 1 |
| O caçador de pipas - Khaled Hosseini | 1 |
| O cortiço – Aluísio de Azevedo | 1 |
| O guardião – Nicholas Sparks | 1 |
| O guia do mochileiro das galáxias – Douglas Adams | 1 |
| O Hobbit – J. R. R. Tolkien | 2 |
| O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota – Olavo de Carvalho | 1 |
| Os contos de Biddle, o Bardo – J. K. Rowling | 1 |
| O vendedor de sonhos e a revolução dos anônimos – Augusto Cury | 1 |
| O Vendedor de sonhos, o chamado – Augusto Cury | 1 |
| Para sempre - Kim Carpenter | 1 |
| Percy Jackson e os olímpianos – Rick Riordan | 1 |
| Poderosa 3 – Sérgio Klein | 1 |
| Poliana – Eleonor H. Porter | 1 |
| Pra onde ela foi? – Gayle Forman | 2 |
| Presentes da vida – Emily Giffin | 2 |
| P.S. Eu te amo – Cecelia Ahern | 2 |
| Quem é você Alasca? – John Green | 2 |
| Querido John – Nicholas Sparks | 3 |
| Sangue quente – Isaac Marion | 1 |
| Se eu ficar – Gayle Forman | 3 |
| Senhora – José de Alencar | 1 |
| Só o amor consegue – Zíbia Gasparetto | 1 |
| Teorema Katherine - John Green | 1 |
| Terras do Sem-Fim – Jorge Amado | 1 |
| Um amor para recordar – Nicholas Sparks | 2 |
| Um conto de amor – Nicholas Sparks | 1 |
| Um olhar de amor – Bella André | 1 |
| Um porto seguro – Nicholas Sparks | 1 |
| Vencendo o passado – Zíbia Gasparetto | 1 |
| Vizinhança perigosa – Zahyra de Albuquerque Petry | 1 |

Essa situação se justifica pelo fato de os alunos terem vergonha de dizer que leem *best-sellers*, pois é considerada uma literatura banal e insignificante, por ser desprezada pela escola que continua a ignorar essa modalidade literária, mesmo que faça parte do dia a dia e preferência dos alunos ou, novamente, por não dominarem ou por não terem entendido essa classificação usada pela pesquisadora.

Setenta e quatro títulos de livros foram lembrados, o que mostra que poucos alunos leram o mesmo livro que o colega nos últimos meses. Os títulos mais lembrados pelos alunos são de *best-sellers*, de escritores como: Nicholas Sparks, John Green, Kiara Kass, J. K. Rowling e Emily Giffin. Alguns livros de autoajuda, como *Nunca desista de seus sonhos*, *O vendedor de sonhos* e *A revolução dos anônimos* e *O vendedor de sonhos, O chamado*, de Augusto Cury e livros espíritas como *Vencendo o passado* e *Só o amor consegue*, de Zíbia Gasparetto, *Ela só queria casar*, de Marcelo Cezar, que também são considerados *best-sellers*. A assiduidade desse tipo de leitura destaca a influência da mídia, que, por meio da propaganda, também exerce o papel de mediadora de leitura.

No entanto, além dos *best-sellers*, apareceram também livros da literatura clássica, como *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães; *A luneta mágica* e *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo; *Dom Casmurro*, *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *O alienista*, de Machado de Assis; *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida; *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo; *Senhora*, de José de Alencar. Em relação a esse dado, vale ressaltar que, por se tratar de alunos concluintes do ensino médio e prováveis vestibulandos, o número de livros de literatura clássica lidos pode ser considerado baixo.

Após todos esses questionamentos em relação aos hábitos de leitura desses alunos, é importante saber se eles se consideram leitores. A pergunta 10 (questionário 1) buscava identificar se os alunos se consideravam leitores e por quê. Vinte e sete alunos, de um total de 34, responderam que sim e sete responderam que não. As justificativas foram variadas, e a maioria dos alunos apresentou mais de um motivo em suas explicações. Muitas delas (11 de 27) traziam a questão da frequência de leitura, sendo que os alunos se consideravam leitores pelo fato de lerem com regularidade, como exemplificam algumas das respostas a seguir: *Porque leio com frequência*; *Porque estou sempre lendo*; *Porque leio todos os dias*. Nove alunos afirmaram se considerar leitores por realizarem leituras diversificadas; cinco por terem desejo e gosto pela leitura e dois alunos referiram à exigência da escola. As justificativas dos alunos que não se consideram leitores ficaram em torno das seguintes: *Porque não leio com frequência*; *Porque não gosto de ler* e *Porque não tenho tempo para ler* (Tabela 8).

Tabela 8 – Considera-se leitor

| Resposta | Número |
|-----------------|---------------|
| Sim | 27 |
| Não | 7 |

Após a análise das respostas desse primeiro questionário, parte-se para a análise dos dados obtidos com o segundo questionário, do qual apenas os alunos considerados leitores, segundo critério desta pesquisa, participaram.

Segundo o padrão adotado pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil desde sua primeira edição em 2007, “leitor é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses”. E “não leitor é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses.” (FAILLA, 2016, p. 21).

No entanto, nesta pesquisa, a mestrandia optou por considerar leitor aqueles alunos que responderam se consideram leitor, na questão 10 (questionário 1) e que lê diariamente, relatado pelo tempo diário que dedica à leitura, na questão 4 (questionário 1).

4.3 DESCOBERTAS SOBRE OS HÁBITOS DE LEITURA

Nesta segunda etapa da pesquisa, as perguntas foram elaboradas visando, principalmente, investigar e analisar quais leituras os jovens vem realizando, qual a finalidade destas e através de que plataforma a realizam. Todavia, busca-se também observar se esses jovens sofrem influências para essas leituras, se são mediados e incentivados por alguém, bem como fatores presentes na infância que serviram de base para sua formação leitora.

Procurando resgatar um pouco dessa base para a formação como leitor vinda da infância, as cinco primeiras questões do segundo questionário aplicado procuraram investigar quais eram os materiais de leitura desses alunos na infância, a relação de seus pais para com a leitura, a existência de mediação e de lugar apropriado para a leitura em casa, tal como qual eram suas preferências de leitura nessa fase tão importante da vida.

A primeira questão visava saber se durante a infância esses alunos tinham, na casa, um lugar propício à leitura. Dos vinte e quatro alunos participantes, quatorze marcaram que não possuíam um lugar oportuno para a leitura e dez afirmaram que possuíam um lugar para realizar suas leituras. Em relação ao ambiente propício à leitura, a resposta que predominou foi o quarto, indicado por oito alunos, o que demonstra a reserva de um local mais tranquilo e privado. A casa na árvore foi lembrada por um aluno, o que pode estar relacionado à finalidade da leitura como atividade de lazer, a sala de estar também foi mencionada por um aluno. O resultado desse questionamento está demonstrado na Tabela 9.

| Resposta | Número |
|-----------------|---------------|
| Sim | 10 |
| Não | 14 |

Nota-se, assim, que mais da metade dos alunos não possuía um ambiente propício à leitura, porém, como revelado pelas respostas da questão 2 (questionário 2), praticamente todos os alunos possuíam livros em casa durante a infância, aspecto que se considera muito importante no que diz respeito ao estímulo à formação do leitor, pois a presença de materiais de leitura pode despertar a curiosidade da criança. Dado esse confirmado pela resposta afirmativa de vinte e três dos vinte e quatro alunos questionados. Apenas um aluno marcou não possuir livros em casa durante a infância.

Tabela 10 – Alunos que tinham livros em casa durante a infância

| Resposta | Número |
|-----------------|---------------|
| Sim | 23 |
| Não | 1 |

Indagou-se, posteriormente, qual era o gênero desses livros para quem respondeu afirmativamente essa questão anterior, constatando-se que os livros de histórias infantis foram os que mais fizeram parte da infância desses alunos. Para vinte deles os livros infantis como *Chapeuzinho Vermelho*, *Branca de Neve*, *Cachinhos dourados* e *O Soldadinho de Chumbo* foram marcantes e presentes durante essa fase da vida; sete deles lembraram ter contato com livros de literatura, como livros de romance e ação; seis recordam das histórias em quadrinhos, seguidos pelos livros para colorir e científicos.

A presença de materiais de leitura em casa durante a infância favorece as condições, para que as experiências de leitura das crianças ocorram desde bem cedo. No entanto, não basta existir materiais de leitura na casa; a criança deve ter contato com esses materiais e, mais importante, que esse contato seja mediado, de preferência, pelos pais, a fim de estimular e despertar na criança o desejo de ler.

Na sequência, as questões que buscavam saber se esses alunos possuíam livros em casa e se desfrutavam de um ambiente propício às leituras os alunos foram questionados se seus pais liam para eles. Vinte e dois alunos, número expressivo, afirmaram que sim e dois marcaram que não, lembrando que seus pais não tinham esse costume – dado apresentado na Tabela 11.

Tabela 11 – Pais que liam aos filhos

| Resposta | Número |
|-----------------|---------------|
|-----------------|---------------|

| | |
|-----|----|
| Sim | 22 |
| Não | 2 |

Ao serem inquiridos sobre qual o gênero dessas leituras feitas pelos pais, quinze lembram que os pais liam histórias infantis, quatro recordam dos contos de fadas, dois das fábulas e um recorda que os pais liam poemas a ele.

Sabe-se da grande importância dos pais leitores na formação de jovens que possuem o hábito da leitura, pois a criança, futuro jovem leitor, lê, de certa forma, por imitação, por ver outras pessoas lendo e, quando esse estímulo vem dos próprios pais, tende a gerar mais e melhores frutos. Esse estímulo dos pais, por serem os primeiros e mais importantes incentivadores, vem antes mesmo da alfabetização, época em que, segundo Zilberman (2012), as pessoas aprendem a ler, pois são conduzidas a entender tudo que os rodeia e que se transmite através de letras e imagens que ficam gravadas e armazenadas na memória. Também, como destaca Zilberman (2012), o leitor iniciante não tem idade e qualquer fase de sua vida é um bom momento para levá-lo a gostar de livros. No entanto, a pesquisadora permite-se expressar que incentivos recebidos cedo, ainda na infância, tendem a ser mais bem aproveitados e gerar melhores resultados.

Posteriormente, questionados se seus pais tinham o costume de lhes comprar livros na infância, vinte e um, dos vinte e quatro alunos, responderam positivamente e três marcaram que seus pais não tinham esse costume. Questionados sobre o gênero desses livros, a literatura infantil é a mais lembrada (20 de 21) seguido dos contos e histórias em quadrinhos.

Percebe-se, assim, que os pais da maioria dos alunos pesquisados se preocupavam com a formação do gosto pela leitura do filho oferecendo, desde cedo, contato com materiais de leitura e participando ativamente da formação leitora dos filhos.

Em relação aos livros de que os alunos mais gostavam de ler na infância (questão 5 do questionário 2), o resultado encontra-se na Tabela 12. Vale lembrar que essa era uma questão de múltipla escolha.

Tabela 12 – O que eles mais gostavam de ler na infância

| Gênero | Número |
|-------------------------|---------------|
| Histórias em quadrinhos | 22 |
| Fábulas | 19 |
| Histórias de aventura | 19 |
| Revistas | 11 |
| Poemas | 4 |
| Outros | 1 |

Constata-se que a resposta prevalecente foram as histórias em quadrinhos como as preferidas dos alunos na infância, marcada por vinte e dois alunos (do total de 76 marcações); em segundo lugar, ficaram as histórias de aventura e as fábulas com dezenove marcações; as revistas receberam onze marcações e os poemas quatro, também houve um aluno que assinalou a opção outros.

Quanto às respostas atribuídas a essa questão, nota-se que os alunos possuíam na infância um gosto variado em relação às leituras, pois todas as opções oferecidas receberam mais de uma marcação. Pode-se afirmar que a preferência pela leitura de histórias em quadrinhos era esperada em vista das figuras, desenhos e cores que chamam a atenção da criança para a leitura. O que mais chama atenção é o número de alunos que gostavam de ler poemas na infância; o número é baixo, mas levando em conta o gênero textual e os gostos atuais das crianças para com a leitura, esse número torna-se expressivo. O poema constitui um gênero textual normalmente em parágrafos introduzidos pelo sentido das frases em que a poesia, forma de expressão estética através da língua, geralmente se manifesta. Além dos versos, não obrigatoriamente, fazem parte da estrutura do poema as estrofes, a rima e a métrica. Em geral, devido às suas características, é um gênero considerado de difícil leitura.

Questionados acerca de a quem atribuem o papel de incentivador ou influenciador a leitura na questão 6 (múltipla escolha), todos indicaram que tiveram algum mediador. A frequência de cada uma das respostas pode ser verificada na Tabela 13.

Tabela 13 – A quem atribui o papel de incentivador ou influenciador de leitura

| Incentivador/Influenciador | Número |
|-----------------------------------|---------------|
| Pais | 22 |
| Professor | 16 |
| Outro | 6 |
| Irmãos | 5 |
| Avós | 1 |
| Ninguém | 0 |

Destaca-se, entre as respostas, a figura dos pais como os maiores influenciadores, sendo citados vinte e duas vezes (do total de 50 marcações). Depois destes, teve a significativa presença nas respostas do professor, citado por dezesseis alunos. Os irmãos como influenciadores de leitura foram lembrados por cinco alunos e os avós foram marcados como incentivadores por um aluno. A opção outros teve seis marcações destacando influência por parte de tios, primos e amigos.

Nota-se, assim, que a família foi julgada como a grande responsável pelo estímulo e incentivo à leitura desses jovens leitores. Pode-se identificar a partir desse aspecto a importância da família na introdução e permanência no mundo da leitura. Tussi e Rösing (2009) evidenciam a importância da família na infância para a formação leitora. Petit (2008) também destaca a importância da família e da familiaridade precoce com a leitura e com os livros.

Várias pesquisas confirmaram a importância da familiaridade precoce com os livros, de sua presença física na casa, de sua manipulação, para que as crianças se tornassem, mais tarde, um leitor. A importância, também, de ver os adultos lerem. E ainda o papel das trocas de experiências relacionadas aos livros, em particular em voz alta, em que os gestos de ternura, a inflexão da voz, se misturam com as palavras [...]. Na França, a criança cuja mãe lhe contou uma história toda noite tem duas vezes mais chance de se tornar um leitor assíduo do que aquela que praticamente nunca escutou uma. O que atrai a atenção da criança é o interesse profundo que os adultos têm pelos livros, seu desejo real, seu prazer real. (PETIT, 2008, p. 140-141).

A figura do professor como mediador aparece em segundo lugar nas respostas. Esse resultado mostra que o professor é capaz de aproximar os alunos dos materiais de leitura, fato que sempre será lembrado como parte fundamental de seu percurso leitor.

Observa-se, por meio dessa questão, que a importante função de mediador pode ser executada por diferentes pessoas, pois, como destaca Petit (2008, p. 174-175),

o iniciador aos livros é aquele ou aquela que pode legitimar um desejo de ler que não está muito seguro de si. Aquele ou aquela que ajuda a ultrapassar os umbrais em diferentes momentos do percurso. Seja profissional ou voluntário, é também aquele ou aquela que acompanha o leitor no momento, por vezes tão difícil, da escolha do livro. Aquele que dá a oportunidade de fazer descobertas, possibilitando-lhe mobilidade nos acervos e oferecendo conselhos eventuais, [...]. O iniciador é aquele ou aquela que exerce uma função chave para que o leitor não fique encurralado entre alguns títulos, para que tenha acesso a universos de livros diversificados, [...]

A leitura, assim, pode ser estimulada pelos pais quando leem histórias para seus filhos, pelos professores quando oportunizam situações de leitura interessantes e que despertam a curiosidade dos alunos, por indicação de qualquer pessoa leitora que exerça influência sobre o jovem, ou mesmo pelo ambiente em que a leitura ganha valor. Comprova-se que o contato com a leitura, antes mesmo do ingresso na escola, pode influenciar positivamente na formação do leitor. No entanto, infelizmente, hoje em dia, em muitos lares, a relação com a leitura é bastante limitada; segundo a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 3* (2012, p. 43), “o professor tem lido mais do que a mãe.” Outrora, o compromisso com a leitura se restringia à escola, em vista de que a grande maioria das famílias não possuía condições econômicas para a aquisição de livros; além do mais, os pais não possuíam o hábito da leitura. Nos tempos atuais, mesmo que

as famílias tenham condições econômicas necessárias, continuam deixando a responsabilidade da formação do leitor para a escola, por outros motivos, como o pouco convívio em família ou as longas jornadas de trabalho, que fazem com que os pais deixem seus filhos em creches durante todo o dia.

No entanto, a contribuição da família no contato com a leitura antes mesmo da idade escolar para a formação do leitor não é uma regra, pois pode acontecer (e muitas vezes acontece) de uma pessoa que não teve tal contato ser um leitor assíduo.

Na sequência do questionário, perguntou-se aos alunos se eles possuíam livros em casa. Dos 24 alunos pesquisados, vinte e três afirmaram que possuem livros em casa e um marcou não ter livros. Para esses vinte e três, foi perguntado para que citassem alguns títulos desses livros. Os títulos que apareceram foram: coleção *Harry Potter*, *Cidades de Papel*, *A culpa é das estrelas*, *As esganadas*, *A menina feita de espinhos*, *O grande penhasco*, *A beira da loucura*, *A última música*, *Diário de uma paixão*, *Uma longa jornada*, *A bruxa de Portobello*, *Dom Casmurro*, *O sócio*, *O cliente*, *Terra sem lei*, *Petrus Logus*, 1822, 1809, coleção *Senhor dos anéis*, coleção *Crônicas de Gelo e Fogo*, *Anjos e demônios*, *O teorema Katherine*, *O Rouxinol*, *A menina que roubava livros*, *O Hobbit*, *Volta ao mundo em 80 dias*, *Árvore e folha*, *O pequeno príncipe*, *Morte Súbita*, *A caixa de pássaros*, *Invencível*, *O menino do pijama listrado*, *Uma breve história do mundo*, *O guardião*, *Quem é você Alasca?*, *Jogos vorazes*, *As vantagens de ser invisível*, *Não se iluda, não*, *Não se apegue, não*, *Para onde ela foi*, *Se eu ficar*, *Questões do coração*, *A última cabana*, *O vendedor de sonhos*, *Um homem de sorte*, *Deixe a neve cair*, *Presentes da vida*, trilogia *The Walking Dead*, *Strange Angels*.

A partir dos títulos citados pelos alunos, pode-se notar que a maioria dos livros que eles possuem em casa é *best-sellers*, como Nicholas Sparks, John Green, entre outros, o que confirma novamente a hipótese da pesquisadora de que as leituras dos jovens giram em torno desse gênero textual.

Com base na resposta à questão anterior, os alunos foram questionados sobre quantos dos livros que eles têm em casa são de fato deles (questão 8 do questionário 2). O resultado pode ser observado na Tabela 14.

Tabela 14 - Quantidade de livros que têm em casa

| Quantidade | Número |
|-------------------|---------------|
| De 6 a 20 | 14 |
| De 21 a 50 | 7 |
| Menos de 5 | 3 |
| Mais de 50 | 0 |

Como se pode ver, ao serem questionados sobre o número de livros que possuem em casa, a resposta mais assinalada, por quatorze alunos, foi de seis a vinte, seguida da resposta de vinte e um a cinquenta, assinalada por sete alunos. Três alunos responderam possuir menos de cinco livros.

A ocorrência de haver um número expressivo de alunos que possuem, pode-se dizer, muitos livros em casa, dá-se pelo fato, além do estímulo recebido dos pais para com a leitura, também, em vista do desenvolvimento da indústria editorial que aconteceu na segunda metade do século XX, o que favoreceu o crescimento do número de publicações, facilitando o acesso do público às obras.

No que se refere ao fato de se os alunos realizam leituras por indicação de outras pessoas (pergunta 9 do questionário 2), vinte e três alunos afirmaram que sim, apenas um aluno declara não ler por indicação. Aos que responderam positivamente indagou-se de quem recebem as indicações de leitura, valendo lembrar que essa era uma questão de múltipla escolha.

A partir das respostas dos alunos, nota-se que os amigos e os professores aparecem como os maiores indicadores de leitura, lembrados por vinte e dezenove alunos respectivamente. Em seguida, estão os pais com oito marcações e os irmãos com cinco. Para um aluno, a internet também serve como indicadora de leitura. A frequência das respostas pode ser observada na Tabela 15.

Tabela 15 – Quem indica leituras

| Resposta | Número |
|-----------------|---------------|
| Amigos | 20 |
| Professores | 19 |
| Pais | 8 |
| Irmãos | 5 |
| Outro | 1 |

A partir das respostas obtidas, pode-se concluir que o grupo de amigos sempre foi e ainda é o grande influenciador e incentivador para a realização de leituras dos jovens. Na fase da vida em que esses alunos se encontram, os amigos são os grandes exemplos. Com efeito, Petit (2008) lembra que essa fase da vida, da adolescência e da juventude

é o período em que se tem a impressão de que o mundo está cheio, os lugares ocupados, as casas construídas, as árvores plantadas, desde sempre. E que as pessoas se espalham por todos os lugares. Para encontrar um espaço, então, será preciso remover tudo isso que não tem intenção de se deixar remover. Ter quinze anos é, muitas vezes, isso: o mundo está cheio, onde poderei me encaixar? [...] Todos estão às voltas com emoções, desejos, pulsões, que temem não poder conter. Têm medo deles próprios. Medo do medo que inspiram nos adultos, esses adultos pelos quais se

sentem radicalmente incompreendidos. Temer ser os únicos no mundo a sentirem alguma coisa. [...] Uma idade das mais desconfortáveis, mas também das mais exaltantes e, às vezes, das mais exaltadas, pois é nela que o radicalismo das pulsões se faz sentir também nos ideais. (PETIT, 2008, p. 48-50).

Os professores aparecem em segundo lugar como indicadores de leitura, resultado que apenas confirma o que já foi mencionado anteriormente, de que o professor é capaz de aproximar os alunos dos materiais de leituras que serão memorizados pelos alunos como parte fundamental de sua trajetória leitora.

Em vista de, na questão anterior, o professor ser lembrado por vários alunos como indicador de leitura, perguntou-se se os livros indicados pelos professores de literatura lhes desperta interesse (questão 10 do questionário 2). Dos vinte e quatro alunos que participaram da segunda etapa da pesquisa, quinze responderam que sim, que os livros indicados pelos professores de literatura despertam interesse, pois, na maioria das vezes, os livros indicados pelos professores são os de literatura clássica, possibilitando *conhecer mais sobre as escolas literárias e a forma de escrita utilizada pelos autores*, também por *despertar-lhes a curiosidade em saber mais sobre como era a vida no passado, costumes e valores e, por serem esses os exigidos no Enem e vestibulares* – motivo mais lembrado. Os outros nove alunos afirmaram que as leituras indicadas pelos professores não desperta interesse algum, pois possuem preferência por livros mais atuais, como os *best-sellers*, que possuem uma linguagem mais simples e mais fácil de compreender, contrário ao dos livros clássicos que não lhes despertam interesse, fazendo com que não concluam a leitura, isso quando de fato a iniciam.

Em seguida, os alunos foram questionados acerca dos autores literários lidos (questão 11 do questionário 2). Vale lembrar que as obras relacionadas pela pesquisadora serviram apenas como exemplo e que a questão era de múltipla escolha. Na Tabela 16, pode-se observar a frequência das respostas.

Tabela 16 – Autores literários já lidos (obras servem apenas de exemplo)

| Autores | Número |
|---------|--------|
|---------|--------|

| | |
|---|----|
| Machado de Assis (Dom Casmurro) | 19 |
| Joaquim Manuel de Macedo (A Moreninha) | 16 |
| José de Alencar (Iracema) | 14 |
| Aluísio de Azevedo (O cortiço) | 12 |
| Érico Veríssimo (Incidentes em Antares) | 10 |
| Carlos Drummond de Andrade (José) | 9 |
| Eça de Queirós (Primo Basílio) | 9 |
| Gonçalves Dias (I Juca Pirama) | 5 |
| Jorge Amado (Gabriela Cravo e Canela) | 5 |
| Outros | 4 |
| Euclides da Cunha (Os Sertões) | 3 |
| Graciliano Ramos (Vidas Secas) | 2 |
| Mário de Andrade (Macunaima) | 1 |
| Raul Pompéia (O Ateneu) | 1 |

Machado de Assis foi o mais assinalado, dezenove vezes (de 110 marcações); em segundo lugar, aparece Joaquim Manuel de Macedo, com dezesseis marcações, seguido de José de Alencar com quatorze assinalações; Aluísio de Azevedo com doze marcações; Érico Veríssimo com dez; Carlos Drummond de Andrade e Eça de Queirós com nove marcações respectivamente; Gonçalves Dias e Jorge Amado com cinco; Euclides da Cunha e Graciliano Ramos com três e duas marcações respectivamente; Mário de Andrade e Raul Pompéia com uma marcação cada. Também foram lembrados os autores Bernardo Guimarães e Franklin Távora.

A partir da frequência das opções assinaladas, nota-se que os autores conhecidos e lidos fazem parte dos estudados durante o ensino médio, como Machado de Assis, José de Alencar, Érico Veríssimo, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, mostrando que leem esses autores clássicos por exigência da escola e da disciplina de literatura.

Os alunos também foram questionados sobre quais autores, considerados *best-sellers*, já leram (questão 12 do questionário 2). A frequência das respostas encontra-se na Tabela 17.

Tabela 17 – Autores já lidos (obras servem apenas de exemplo)

| Autores | Número |
|----------------|---------------|
|----------------|---------------|

| | |
|--|----|
| John Green (A Culpa é das Estrelas) | 20 |
| Nicholas Sparks (Querido John) | 19 |
| Markus Zusak (A menina que roubava livros) | 14 |
| Augusto Cury (Quem ama educa) | 11 |
| J. K. Rowling (Harry Potter) | 10 |
| J. J. Tolkien (Senhor dos Anéis) | 8 |
| Khaled Hosseini (Caçador de Pipas) | 8 |
| Stephenie Meyer (Saga Crepúsculo) | 7 |
| Paulo Coelho (O Alquimista) | 6 |
| Suzanne Collins (Jogos Vorazes) | 5 |
| Zíbia Gaspareto (Nada é por acaso) | 4 |
| Outros | 3 |

Em relação a essa questão, o autor mais lembrado foi John Green com vinte marcações (do total de 115). John Green é um autor *best-seller* e *vlogger* norte-americano que, em 2005, lançou seu primeiro livro *Quem é você, Alasca?* A partir disso, tornou-se o escritor “herói dos adolescentes”, sendo seu livro mais famoso *A culpa é das estrelas*. Em segundo lugar, com dezenove marcações, aparece Nicholas Sparks, também autor de *best-seller*, que escreveu seu primeiro livro ainda no ano de 1985, mas apenas ficou conhecido internacionalmente com o livro *Diário de uma paixão*, escrito em 1996; desde então, escreveu diversos *best-sellers*, dos quais onze foram adaptados ao cinema. Seguindo uma ordem decrescente dos autores já lidos, aparecem: Markus Zusak, com quatorze marcações; Augusto Cury, com onze; J. K. Rowling, com dez assinalações; J. J. Tolkien e Khaled Hosseini, com oito marcações cada; Stephenie Meyer com sete; Paulo Coelho, com seis; Suzanne Collins, com cinco; Zíbia Gaspareto, com quatro e outros com três marcações.

Foram lembrados também os autores Robert Kirkman e Jay Bonasinga, criadores da trilogia *The Walking Dead*; Kéfera Buchmann, escritora de *Muito mais que cinco minutos*; Isabela Freitas, autora de *Não se apega, Não*; R. R. Martin, criador de *As crônicas de gelo e fogo*; John Flanagan, criador da série de livros *Rangers: Ordem dos Arqueiros*.

A partir da frequência das respostas a esse questionamento, pode-se concluir que os *best-sellers* são os mais lidos pelos jovens; segundo Sodré (1988), o grande motivo dessa escolha se dá pelo fato de que, nos *best-sellers* (literatura de massa),

não está em primeiro plano a questão da língua nem da reflexão sobre a técnica romanesca. O que importa mesmo são os *conteúdos* fabulativos (e, portanto, a intriga com sua estrutura clássica de princípio-tensão, clímax, desfecho e catarse), destinados a mobilizar a consciência do leitor, exasperando a sua sensibilidade. É o mercado, e não a escola, que preside às condições de produção do texto. A presença determinante do mercado não quer dizer que o texto da literatura de massa não possa fazer crítica social. [...] Assim, mesmo com elementos de crítica social, o texto de massa mantém visível a sua estrutura através de personagens fortemente caracterizados, de uma

abundancia de diálogos (capazes de permitir uma adesão mais intensa do leitor à trama) e de uma exploração sistemática da curiosidade do público. *Curiosidade* é, como *entretenimento*, outra palavra-chave. [...] O texto de massa é precisamente o tipo de produto capaz de espicaçar a “curiosidade universal”: crime, amor, sexo, corpo, aventura, etc., são alguns dos significados constantes, [...]. (SODRÉ, 1988, p. 15-16).

No entanto, sobre esse aspecto, Petit (2008, p. 175) também destaca que: “os *best-sellers* permitem ‘desenferrujar os olhos’ e há mesmo alguns de qualidade que permitem soltar a imaginação, jogar com as palavras. Podem ser também um pretexto para compartilhar, para conversar. Portanto, não sejamos puritanos.” A presença do gênero autoajuda, para Zilberman (2009), impõe novos princípios à literatura e à leitura. Esse gênero cede espaço à leitura, mas a narrativa como produto da fantasia e da imaginação perdeu seu lugar; é exatamente o imaginário que o professor deve fazer aflorar nos alunos através da leitura.

Posteriormente, questionou-se aos alunos se preferem ler os clássicos ou os livros que estão na lista dos mais vendidos, os *best-sellers* (questão 13 do questionário 2). Dos vinte e quatro que responderam, onze deles afirmam preferir os livros que estão na lista dos mais vendidos, pois, segundo eles, estes *são mais atuais e interessantes e a leitura é mais fácil e atraente*; dez dizem que tanto faz, clássicos ou mais vendidos, pois *os livros despertam interesse não pela sua classificação, mas pelo conteúdo* e três afirmam preferir os livros clássicos, pois *são histórias mais interessantes e que ajudam nos vestibulares e Enem*. Nota-se, a partir das respostas, que os alunos leem os *best-sellers* por prazer e os clássicos por obrigação escolar e exigência de vestibulares.

O motivo que prende o jovem a uma obra, abordado da questão 14, visou investigar quais os fatores mantêm o jovem interessado na leitura do livro escolhido. Como opções de respostas receberam: ação, identificação com os personagens, os temas abordados, a linguagem utilizada, entre outros. A frequência de cada uma das respostas pode ser observada na Tabela 18.

Tabela 18 – O que te prende a uma obra

| Motivo | Número |
|----------------------------------|---------------|
| Os temas abordados | 18 |
| Ação | 15 |
| Identificação com os personagens | 13 |
| A linguagem utilizada | 11 |
| Outro | 2 |

Nota-se que a opção “os temas abordados” pelo livro é tido pelos alunos como o grande motivo pelo qual eles leem uma obra, recebendo dezoito marcações (de 59), dado que vai ao

encontro do levantamento da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 4*, que destaca que o tema e o assunto permanecem sendo o fator mais citado. Em segundo lugar, aparece a ação, a história em si, com quinze assinalações; na sequência, a identificação com os personagens (treze marcações), a linguagem utilizada (onze) e outros com duas marcações, em que foram lembrados como fatores o contexto histórico e o cenário da trama.

Após o questionamento sobre o que os prende a uma obra, buscou-se saber quais os fatores que antecedem a leitura levam a escolher tal obra para a leitura (questão 15). A partir das respostas, pode-se notar que a influência e o incentivo vindo de outras pessoas ainda é o maior e mais pesado fator na hora da escolha do livro, pois a indicação de alguém para a leitura de um livro recebeu vinte e duas marcações (do total de 69), mostrando que tudo que foi enunciado sobre a importância da mediação de leitura e dos incentivos aos novos leitores é extremamente relevante para a formação de leitores assíduos e críticos. Na sequência, aparece a crítica feita ao livro ou autor como motivo que os leva a ler um livro, com doze marcações, mostrando que os alunos buscam informações sobre a obra antes da leitura. Posteriormente aparece a capa do livro e as propagandas nos *sites* e meios de comunicação, como os atrativos que levam a leitura de uma obra, com onze marcações respectivamente; a linguagem acessível foi assinalada por dez alunos; a quantidade de páginas influencia dois dos vinte e quatro respondentes; a importância literária do livro foi lembrada por um aluno como motivo na hora da escolha da leitura. Esse resultado está demonstrado na Tabela 19.

Tabela 19 – O que leva a ler um livro

| Motivo | Número |
|--|---------------|
| A indicação de alguém | 22 |
| A crítica feita ao livro ou autor | 12 |
| A capa | 11 |
| As propagandas nos <i>sites</i> e meios de comunicação | 11 |
| A linguagem acessível | 10 |
| A quantidade de páginas | 2 |
| Outro | 1 |

Questionados sobre quais leituras realizam atualmente (questão 16, questionários 2), os *best sellers*, como Nicholas Sparks, John Green, Isabela Freitas, séries como *The Walking Dead*, *Starwars* e *As crônicas do gelo e fogo*, foram os mais lembrados e citados como leitura atual para 16 dos 24 alunos. Porém, para 8 alunos, os clássicos estão fazendo parte das leituras atuais. Foram citados *Dom Casmurro*, *O rouxinol*, *Vidas Secas*, *O retrato II*, *O Cortiço*, *O Continente I*, enfim, leituras que, segundo eles, são importantes para vestibulares e Enem, o que lhes causa maior preocupação no momento.

A questão 17 indagou aos alunos qual o suporte utilizado por eles na realização dessas leituras, se usa o suporte impresso (livros, jornais, revistas) ou o suporte digital (computador, *tablet*). As respostas revelam que, apesar de esses alunos serem nativos digitais, eles preferem e utilizam o meio impresso, que recebeu vinte e duas marcações. Somente dois alunos dizem utilizar e gostar de ler no meio eletrônico. Razão para esse percentual pode se dar por nem todos terem acesso à internet em casa, por não possuírem os suportes tecnológicos necessários para a realização de leituras, ou mesmo por medo ou por não saber como encontrar os textos para leitura no meio digital.

Já a questão 18 refere-se à finalidade na realização dessas leituras. As opções de escolha foram: trabalho escolar, exigência dos vestibulares, prazer, outros. O prazer foi o mais destacado pelos alunos como a finalidade das leituras realizadas por eles, recebendo vinte e três marcações; na sequência aparece o trabalho escolar e a exigência dos vestibulares com treze marcações respectivamente. A possibilidade de aprendizado de coisas novas, a busca pelo conhecimento e o desenvolvimento da escrita também foram lembrados como motivos pelos quais realizam as leituras. A frequência das respostas pode ser observada na Tabela 20.

Tabela 20 – Finalidade das leituras realizadas

| Finalidade | Número |
|----------------------------|---------------|
| Prazer | 23 |
| Exigência dos vestibulares | 13 |
| Trabalho escolar | 13 |
| Outra | 3 |

Na questão 19 (questionário 2), os alunos foram questionados sobre como costumam dividir seu tempo livre; nessa questão, eles enumeravam as opções com os números de 1 a 5, sendo que um é o que gastava mais tempo e 5 representava o que gastava menos tempo. A opção “ler livros” ficou classificada como a atividade na qual os alunos gastam mais seu tempo livre, recebendo oito números um, sete números dois, cinco números três, quatro números quatro e nenhum número cinco; em último lugar, como atividade que eles menos gastam seu tempo livre aparece a opção “assistir TV”, com três números um, dois números dois, cinco números três, quatro números quatro e dez números cinco. O restante das opções e suas enumerações podem ser conferidos na Tabela 21.

Tabela 21 – Como os alunos dividem seu tempo livre

| Atividades | 1º | 2º | 3º | 4º | 5º |
|-------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
|-------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|

| | | | | | |
|--------------------|----------|----------|-----------|----------|-----------|
| Ler livros | <u>8</u> | 7 | 5 | 4 | 0 |
| Ajudar seus pais | 4 | <u>8</u> | 3 | 7 | 2 |
| Sair com os amigos | 5 | 2 | <u>10</u> | 4 | 2 |
| Ouvir música | 5 | 5 | 3 | <u>7</u> | 4 |
| Assistir TV | 3 | 2 | 5 | 4 | <u>10</u> |

Constata-se, a partir das respostas dos alunos, que a leitura é a atividade mais procurada quando estes dispõem de um tempo livre, dado que vai ao encontro com o tempo dedicado à leitura diariamente. Muitos dos alunos que participaram da pesquisa moram na zona rural, o que faz com que eles tenham de dedicar mais tempo ao trabalho de casa, ajudando seus pais nos afazeres. Sair com os amigos, ouvir música e assistir televisão representaram as atividades menos recorrentes em seu tempo livre, mostrando que o estudo e as obrigações familiares são mais importantes e merecem maior dedicação.

Ao final da pesquisa, os alunos foram questionados sobre a leitura mais marcante e por que (questão 20 do questionário 2). Foram citadas quatorze obras de grande circulação na atualidade (sem contar os livros espíritas e de autoajuda), sendo a maioria deles considerada *best-sellers*, em vista de seu sucesso de vendas. A maioria das obras citadas é de literatura estrangeira, sendo apenas duas de literatura brasileira. As mais citadas foram: *A última música*, de Nicholas Sparks, mencionada por quatro alunos, por sua história emocionante; *Harry Potter*, de J. K. Rowling, citada três vezes, por sua história fascinante; *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak, mencionada duas vezes, por relatar as dificuldades de uma menina que queria aprender a ler durante a Segunda Guerra Mundial; *A menina feita de espinhos*, de Fabiane Ribeiro, lembrada por dois alunos, por ser um livro motivador e que faz repensar nossos modos e costumes. Foram citadas, também, como leituras que mais marcaram as seguintes obras: *O menino do pijama listrado*, de John Boyne, devido ao seu contexto, época e acontecimentos; *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, pois a história deixa uma dúvida no ar; *Um amor para recordar*, de Nicholas Sparks, pois retrata sentimentos; *O herdeiro do império*, de Timothy Zahn, pois é uma série de cinema transformada em literatura; *Não conte a ninguém*, de Harlan Coben, pois retrata fatos de assassinatos e mortes; *A morte tem sete herdeiros*, de Stella Carr Ganymedes Jose; *Para sempre*, de Stuart Sender; *A pequena abelha*, de Chris Cleave; *A culpa é das estrelas*, de John Green; a série *The Walking Dead*, de Robert Kirkman, entre outras.

O fato de os alunos terem citado tais livros indica que eles se sentiram à vontade para manifestar que leem obras não reconhecidas pela cultura escolar. Esse dado mostra que os alunos mantêm uma relação não apenas escolar com a leitura. Assim como os alunos, muitas vezes, o professor também lê *best-seller*, e o compartilhamento dessas leituras entre alunos e

professores pode ser um meio para a aproximação com outros gêneros literários. Os clássicos se fizeram pouco presentes, podendo-se dizer que essas obras foram lidas durante a formação escolar.

Sobre essa questão, pode-se dizer que os livros que marcaram a prática leitora dos alunos fazem parte dos mais vendidos e comentados atualmente. Nesse sentido, é melhor que leiam *best-sellers* do que não leiam livro algum. No entanto, é preciso orientar o aluno que a leitura prazerosa não se limita aos *best-sellers*.

5 CONCLUSÃO

O hábito da leitura, como se pode observar ao longo deste trabalho, é extremamente relevante para a formação profissional e pessoal dos sujeitos, tornando-os críticos e ativos da sociedade. Assim, considerando o valor inquestionável da leitura, fica clara a importância de disseminá-la e incentivá-la desde muito cedo na vida das crianças, para que se tornem futuros jovens leitores.

A título de conclusão, retoma-se, neste momento, a parte primordial do percurso traçado na elaboração deste estudo, como as questões que nortearam toda a pesquisa e o estudo realizado. Esse percurso trilhado iniciou no capítulo dois, com uma visão evolutiva da leitura ao longo dos tempos, tratando de assuntos como: a evolução da leitura desde seus primórdios até sua formação e disseminação no Brasil; o desenvolvimento da leitura e a democratização do ato de ler até o século XX e as mediações, motivações e intervenções promovidas pró-leitura pelos governos no Brasil.

Ao traçar todo esse percurso, pode-se notar que a história da leitura passou por muitas transformações e dificuldades ao longo dos séculos, em especial no que diz respeito às políticas públicas de incentivo à leitura. Diante desse fato, vale destacar o papel relevante da família e

da escola como responsáveis por garantir que a formação leitora ocorresse com eficácia. No entanto, infelizmente, a escola, mesmo que apoiada pelos pais, não vem conseguindo exercer sua função como deveria, em vista dos fracassos no ensino.

Essa visão diacrônica da leitura, promovida neste trabalho, mostrou que a leitura sempre foi e sempre será uma atividade plural, pois é desenvolvida em um processo interativo entre leitores em formação e seus mediadores e incentivadores, contribuindo para que esses novos leitores encaminhem-se no sentido do pensamento. Percebe-se, assim, o valor da leitura para conquistar espaço na sociedade, a cidadania e a liberdade. No entanto, essas conquistas provêm das leituras realizadas visando à busca de conhecimento e troca de saberes.

Construiu-se, neste estudo, um diálogo entre vários teóricos, como Regina Zilberman e Marisa Lajolo, que descrevem todo o processo de formação da leitura no Brasil desde seus primórdios, Vera Teixeira de Aguiar, Richard Bamberger, Michèle Pettit, Daniel Pennac, Ezequiel Theodoro da Silva, entre outros pesquisadores que, sempre preocupados com os índices de leitura, buscam através de estudos exporem a importância da prática leitora e propor sua disseminação e mediação.

Considera-se o valor incontestável da leitura e da relevante importância de difundir-la na sociedade. Com o intuito principal de conhecer os hábitos de leitura dos jovens, realizou-se esta pesquisa de campo com os alunos do terceiro ano do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Médio Frederico Benvegnú, de São Domingos do Sul, tendo como instrumento de coleta de dados dois questionários, com o objetivo, além de conhecer os hábitos de leitura dos jovens, traçar o perfil dos alunos leitores e dos não leitores, investigar seu comportamento leitor e, em especial, descobrir o que eles leem, por que leem e que plataforma utilizam na realização das leituras.

A partir da análise dos dados coletados, foi possível constatar que muitos dos alunos que participaram da pesquisa contaram com uma mediação de leitura durante a infância, mediação esta realizada, principalmente, dentro da família e pelos professores. Esses jovens possuem uma bagagem de leitura, uns mais outros menos considerável, vinda de seu ambiente familiar. Em decorrência desse fato, é preciso ter exposto que a formação do leitor começa na família, na relação entre pais e filhos, na apresentação da criança às leituras e no contato com os livros e ambientes culturais. Vale lembrar a ideia de Ceccantini (2009), que enfatiza a importância da família como forte influência ao comportamento leitor das futuras gerações.

A partir dos dados obtidos com a pesquisa, pode-se também constatar que, embora os jovens, muitas vezes, tenham uma relação frágil com a leitura, são de fato leitores. Os jovens leem muito, apenas não leem as leituras promovidas pela escola; leem muitas obras

consideradas *best-sellers*, dado que confirma a hipótese inicial da pesquisadora. A finalidade dessas leituras realizadas pelos jovens está atrelada ao prazer conquistado com a leitura desse tipo de obra, pois são leituras mais “fáceis” e o que realmente importa são os conteúdos fabulativos, como afirma Sodré (1988). Apesar de esses jovens serem nativos digitais e terem maior facilidade de utilização desses mecanismos, ainda preferem realizar suas leituras através do meio impresso, do livro em si; acredita-se que, principalmente, pelo meio cultural em que estão inseridos.

Considerando os dados apontados na pesquisa, pode-se concluir que os jovens, ainda que limitada, possuem uma trajetória de leitura, porém esse fato se dá por terem sido incentivados e estimulados a ler desde cedo. Deve ficar claro que não se pode esperar que um aluno jovem seja leitor se não for motivado, se não for apresentado às diversidades de leituras, mesmo que nem sempre bem aceitas pela escola, se não for compreendido o momento de mudanças de fase e dificuldades de relacionamento; por fim, se a ele não forem oferecidas leituras que os faça perceber que os problemas vividos nessa fase da vida não são só seus, mas de todos os adolescentes.

Com a “obrigação” da conclusão e do término do estudo, nota-se que é quase impossível dar por acabado esse assunto, pressentindo, assim, que essa caminhada apenas começou. É preciso refletir sobre a provocação que esta pesquisa incitou, principalmente quando ela se desenvolve no mesmo momento em que o atual Ministro da Cultura do Brasil destituiu toda a equipe que vinha desenvolvendo um trabalho efetivo pela formação de leitores no país. Os problemas por que passam o nosso país exigem um investimento muito maior na área da educação, na disponibilização de materiais de leitura nas escolas, na formação continuada de professores leitores, no despertamento de crianças e jovens para a leitura entendida, contemporaneamente, em sentido amplo. Apenas dessa forma podemos contribuir de forma efetiva não apenas para a formação de leitores, mas de pessoas críticas, transformadoras e sensíveis.

Ao se chegar ao término desta pesquisa, acredita-se na sua validade e no seu compromisso com a realidade, pois parte-se da realidade de uma escola pública, o que deve ser fundamental nos cursos de mestrado que precisam e buscam provocar melhorias nas escolas de um país tão fragilizado nos mais diferentes segmentos.

Assim, além de atingir o objetivo de conhecer os hábitos de leitura dos jovens, delineou-se a trajetória de leitura desses alunos, verificou-se o que e quem estimulou sua formação leitora, conhecendo, dessa maneira, a relação dos jovens para com a leitura, na qual foram percebidos muitos pontos positivos e alguns que podem ser melhorados. Igualmente, esta

pesquisa possibilitou aos alunos jovens resgatar/relembrar sua história de leitura desde a infância, refletindo sobre sua formação leitora, seus hábitos e preferências de leitura, bem como sobre os grandes mediadores que fizeram parte de sua formação provocando mudanças que ficarão marcadas para sempre em sua formação não apenas como leitores, mas também como sujeitos ativos e críticos da sociedade da qual fazem parte.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil; FAPESP, 1999. (Coleção Histórias de Leitura).

AGUIAR, Vera Teixeira de. *Como planejar a pesquisa em leitura*. In: ROSING, Tânia M. K.; BECKER, Paulo R. (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 119 – 126.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

AGUIAR, Vera Teixeira de et al. (Coord.). *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

BAGGIO, Ana Cristina. *Em busca de leitores no contexto da escola*. 2011. 179 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2011.

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. São Paulo: Ática, 2000. Título original: Promoting the Reading habit.

BETENCOURT, Maria Fátima Ávila. *Histórias de leituras de professores*. 1999. 163 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

_____. *A leitura na vida do professor*. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2000.

BRASIL. *Coleção de Leis do Império do Brasil*. 1821, p. 18, v. 1 pt. I. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/sn/antioresa1824/decreto-39175-30-junho-1821-568912-publicacaooriginal-92214-pl.html>>. Acesso em: 23 maio 2016.

_____. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Brasília, DF: Unesco, 1948. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2016.

_____. *Lei nº 5.692/71, de 11 de agosto de 1971*. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/136683.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

_____. *Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003*. Política Nacional do Livro. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.753.htm>. Acesso em: 4 maio 2016.

_____. *Todos pela Educação (2006)*. Reformado em fevereiro de 2014. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/>>. Acesso em: 10 maio 2016.

_____. *Programa Nacional Biblioteca na Escola*. Brasília, DF: Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, 2012. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-apresentacao>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

_____. *Biblioteca Nacional*. Disponível em: <<https://www.bn.br/sobre-bn/apresentacao>>. Acesso em: 4 maio 2016.

CECCANTINI, João Luís. Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; RÖSING, Tania M. K. (Org.). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

CORREIO RIOGRANDENSE. Escolas públicas gaúchas no topo do ranking. Porto Alegre, 6 de maio de 2009.

FAILLA, Zoara (Org.). *Retratos da leitura no Brasil 3*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Instituto Pró-Livro, 2012.

FAILLA, Zoara (Coord.). *Retratos da leitura no Brasil 4*. 4. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2016. Disponível em: <<http://prolivro.org.br/home/atuacao/28-projetos/pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil/8042-downloads-4eprlb>>. Acesso em: 9 ago. 2016.

FERREIRA, Vânia Maria Tavares. *Diagnóstico de leitores em formação: sistema de avaliação externa*. 2012. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2012.

FERNÁNDEZ, I. Gretel M. Eres; KANASHIRO, Daniela Sayuri Kawamoto. Leitura: da antiguidade ao século XXI. O que mudou? *Revista UFG*, ano 13, n. 2, p. 135-144, 2011. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/dezembro2011/>. Acesso em: 25 abr. 2016.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *O jovem não gosta de ler ou não foi “seduzido” para a leitura da literatura?* 2014. Disponível em: <<http://prolivro.org.br/home/newsletter/noticias/7863-o-jovem-nao-gosta-de-ler-ou-nao-foi-seduzido-para-a-leitura>>. Acesso em: 25 maio 2016.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1997.

LOBATO, Monteiro. *América*. São Paulo: Brasiliense, 1964.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Ismênia de Lima. *D. João VI e a Biblioteca Nacional: um legado em papel*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio*. 2013. Disponível em <http://pactoensinomedio.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=featured&Itemid=101> Acesso em 09 de agosto de 2016.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Tradução Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. Título original: *Comme un roman*.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2008. Título original: *Les Jeunes et la lecture*.

_____. *A arte de ler: ou como resistir a adversidade*. Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

POLATO, Amanda. Zoara Failla: “Se o professor não é leitor, não consegue transmitir o prazer pela leitura”. *Época*, 2012. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/noticia/2012/09/zoara-failla-se-o-professor-nao-e-leitor-nao-consegue-transmitir-o-prazer-pela-leitura.html>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

PORTAL DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – Informática Educacional*. 2014. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/informatica/artigos/53811/parametros-curriculares-nacionais-pcn-informatica-educacional>> Acesso em 09 de agosto de 2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.faatensino.com.br/wp->

content/uploads/2014/11/2.1-E-book-Metodologia-do-Trabalho-Cientifico-2.pdf>. Acesso em: 31 maio 2016.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *De olhos abertos*: reflexão sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *Leitura e Vida de Professor*. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1998. p. 67-80

SODRÉ, Muniz. *Best-Seller*: a literatura de mercado. São Paulo: Editora Ática S. A., 1988.

TUSSI, Rita de Cássia; RÖSING, Tânia M. K. *Programa bebelendo*: uma intervenção precoce de leitura. São Paulo: Global, 2009.

ZERO HORA. Os cérebros da escola pública. Porto Alegre, 2009, p. 42 – 43, 30 de abril de 2009.

ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K (Org.). *Escola e leitura*: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. Curitiba: InterSaberes, 2012.

_____. *A leitura no Brasil*: sua história e suas instituições [ensaio]. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio32.html>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

APÊNDICE A – Autorização do diretor da escola

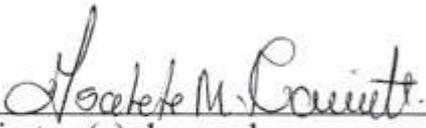
AUTORIZAÇÃO

Prezado Diretor (a),

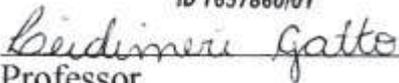
Eu, Clícia Frigo, aluna do Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, solicito autorização para realizar a pesquisa Leitura Literária e Não-Literária entre alunos do Ensino Médio com os alunos do terceiro ano do ensino médio de sua escola. A pesquisa faz parte do trabalho de Dissertação de Mestrado que será apresentado ao final deste mesmo ano na Universidade de Passo Fundo. Todas as respostas colhidas serão utilizadas em âmbito acadêmico pela pesquisadora, que poderá extrair delas as conclusões que busca para desenvolver sua dissertação, sem contudo, expor os pesquisados.

Juntamente com a direção da escola o professor da turma assinará esta autorização.

São Domingos do Sul 02 de março de 2016.



 Diretor (a) da escola
ISALETE M. CARMINATTI
 Diretora
 Aut. 105/2016
 ID 1657860/01



 Professor



 Pesquisadora

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____ declaro que fui convidado a participar da pesquisa **Leitura Literária e Não-Literária entre alunos do Ensino Médio**, sob responsabilidade da pesquisadora Profª. Clícia Frigo, que consiste no trabalho de dissertação de Mestrado em Letras, dentro da linha de pesquisa Leitura e Formação do Leitor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, orientado pelo Profª. Dr. Paulo Ricardo Becker. Afirmo que fui satisfatoriamente esclarecido que: a) o estudo será realizado a partir das informações fornecidas através de questionários aplicados pela pesquisadora à turma; b) que não haverá qualquer risco a minha saúde; c) que posso consultar a pesquisadora e seu orientador em qualquer época para esclarecimentos; d) que estou livre para, a qualquer momento, deixar de participar desta pesquisa e que não preciso apresentar justificativa para isto; e) que meu nome apenas será publicado na pesquisa sob meu consentimento; f) que não terei quaisquer benefícios ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa e g) que esta pesquisa é de extrema importância para os estudos em torno da formação de leitores. Assim, consisto em participar da pesquisa em questão.

Desde já agradecemos sua colaboração.

São Domingos do Sul, ____ de _____ de 2016.

 Voluntário



 Pesquisadora

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
 Campus I – Rodovia BR 285 - Km 292 – Bairro São José – Cep. 99052-900 – Passo Fundo/RS
 Fone (54) 3316-8341 – E-mail: ppgletras@upf.br

APÊNDICE C – Questionário I

QUESTIONÁRIO I

1. Nome: _____

2. Gênero: () feminino () masculino

3. Idade:

() 14 a 17 anos

() 17 a 20 anos

() Mais que 20 anos

4. Quanto tempo você dedica diariamente para a leitura?

() 1 a 2 horas

() 4 a 5 horas

() 2 a 3 horas

() Mais de 5 horas

() 3 a 4 horas

() Não dedico tempo diário à leitura

5. No último ano, o número de livros lidos por você corresponde a:

() De 1 a 5

() De 6 a 10

() De 11 a 20

() Mais de 20

() Nenhum

6. Por qual motivo você lê? (Questão de múltipla escolha)

() Por exigência escolar

() Para buscar informação

() Para adquirir conhecimento

() Fruição/prazer

() Outro. Qual? _____

7. O que você costuma ler? (Questão de múltipla escolha)

() Revistas

() Livros de autoajuda

() Jornais

() Livros espíritas

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Romances clássicos | <input type="checkbox"/> Livros de conto |
| <input type="checkbox"/> <i>Best-sellers</i> | <input type="checkbox"/> Livros de crônica |
| <input type="checkbox"/> Livros didáticos | <input type="checkbox"/> Peças de teatro |
| <input type="checkbox"/> Textos teóricos | <input type="checkbox"/> Mangás |
| <input type="checkbox"/> Poemas | <input type="checkbox"/> Hipertextos (leituras na internet) |
| <input type="checkbox"/> Literatura de fantasia | <input type="checkbox"/> Bíblia ou textos religiosos |
| <input type="checkbox"/> Livros de esoterismo | <input type="checkbox"/> Outros. Qual? _____ |

8. Caso você não leia com frequência, qual o motivo? (Questão de múltipla escolha)

- Falta de tempo
- Falta de vontade
- Não gosta
- Dificuldade de acesso aos livros
- Falta de incentivo
- Outro. Qual? _____

9. Informe o título dos três últimos livros que você leu e, caso se lembre, informe também o nome dos autores.

10. Você considera-se leitor/leitora? Sim Não Por quê?

APÊNDICE D – Questionário II

QUESTIONÁRIO II

NOME: _____

1. Na sua infância, existia na sua casa um lugar propício à leitura?

- () Sim. Qual? _____
- () Não

2. Havia livros na sua casa?

- () Sim. De qual tipo?
- _____
- _____
- () Não

3. Seus pais liam para você?

- () Sim. Que gênero de texto?
- _____
- _____
- () Não

4. Seus pais compravam livros para você?

- () Sim. De que gênero?
- _____
- _____
- () Não

5. O que você gostava de ler na infância? MÚLTIPLA ESCOLHA.

- () Histórias de aventura
- () Histórias em quadrinhos
- () Fábulas
- () Poemas
- () Revistas
- () Outro. Qual? _____

6. A quem você atribui o papel de incentivador ou influenciador na sua vida como leitor?

Pais

Avós

Irmãos

Professor

Ninguém

Outro. Quem? _____

7. Hoje, você tem livros em casa?

Sim. Cite alguns títulos.

Não

8. Quantos livros em casa são seus?

Menos de 5

De 6 a 20

De 21 a 50

Mais de 50

9. Você realiza leituras por indicação de outras pessoas?

Sim Não Se a resposta for positiva, de quem você recebe as indicações?

MÚLTIPLA ESCOLHA.

Amigos

Irmãos

Professor

Pais

Outro. Qual? _____

10. Os livros indicados pelo professor de literatura lhe despertam interesse?

Sim

Não

Por quê?

11. Quais destes autores literários você já leu alguma obra? (Dê atenção aos autores, às obras relacionadas são alguns exemplos) MÚLTIPLA ESCOLHA.

- Aluísio Azevedo (O Cortiço)
 - Carlos Drummond de Andrade (José)
 - Eça de Queirós (Primo Basílio)
 - Érico Veríssimo (Incidente em Antares)
 - Euclides da Cunha (Os Sertões)
 - Gonçalves Dias (I Juca Pirama)
 - Graciliano Ramos (Vidas Secas)
 - Joaquim Manuel de Macedo (A Moreninha)
 - Jorge Amado (Gabriela Cravo e Canela)
 - José de Alencar (Iracema)
 - Machado de Assis (Dom Casmurro)
 - Manuel Bandeira (Estrela da Vida Inteira)
 - Mário de Andrade (Macunaíma)
 - Raul Pompéia (O Ateneu)
 - Outros. Quais?
-
-
-

12. Qual destes autores você já leu? (Dê atenção aos autores, às obras relacionadas são alguns exemplos) MÚLTIPLA ESCOLHA.

- Augusto Cury (Quem ama educa)
- J. J. Tolkien (Senhor dos Anéis)
- J. K. Rowling (Harry Potter)
- John Green (A Culpa é das Estrelas)
- Khaled Hosseini (Caçador de Pipas)
- Markus Zusak (A menina que roubava livros)
- Nicholas Sparks (Querido John)

- () Paulo Coelho (O Alquimista)
- () Stephenie Meyer (Saga Crepúsculo)
- () Suzanne Collins (Jogos Vorazes)
- () Zíbia Gaspareto (Nada é por acaso)
- () Outros. Quais?

13. Você prefere ler os clássicos ou os livros que estão na lista dos mais vendidos? Por quê?

14. O que te prende a uma obra? MÚLTIPLA ESCOLHA.

- () Ação
- () Identificação com os personagens
- () Os temas abordados
- () A linguagem utilizada
- () Outro. O que?

15. O que leva você a ler um livro? MÚLTIPLA ESCOLHA.

- () A capa
- () A indicação de alguém
- () As propagandas nos *sites* e meios de comunicação
- () A quantidade de páginas
- () A crítica feita ao livro ou autor
- () A linguagem acessível
- () Outro. O que?

16. Atualmente, quais são as suas leituras?

17. Qual o suporte que você mais utiliza para realizar suas leituras?

- Impresso (livros, jornais, revistas)
 Eletrônico (computador, *tablet*, ...)

18. Qual a finalidade das leituras realizadas por você? MÚLTIPLA ESCOLHA.

- Trabalho escolar
 Exigência dos vestibulares
 Prazer
 Outra. Qual?
-
-
-

19. Como você divide seu tempo livre? Enumere de 1 a 5, sendo que 1 é o que você gasta mais tempo e 5 o que você gasta menos tempo fazendo.

- Assistir TV
 Ler livros
 Ouvir música
 Sair com os amigos
 Ajudar seus pais

20. Qual a leitura que mais o marcou? Por quê?
